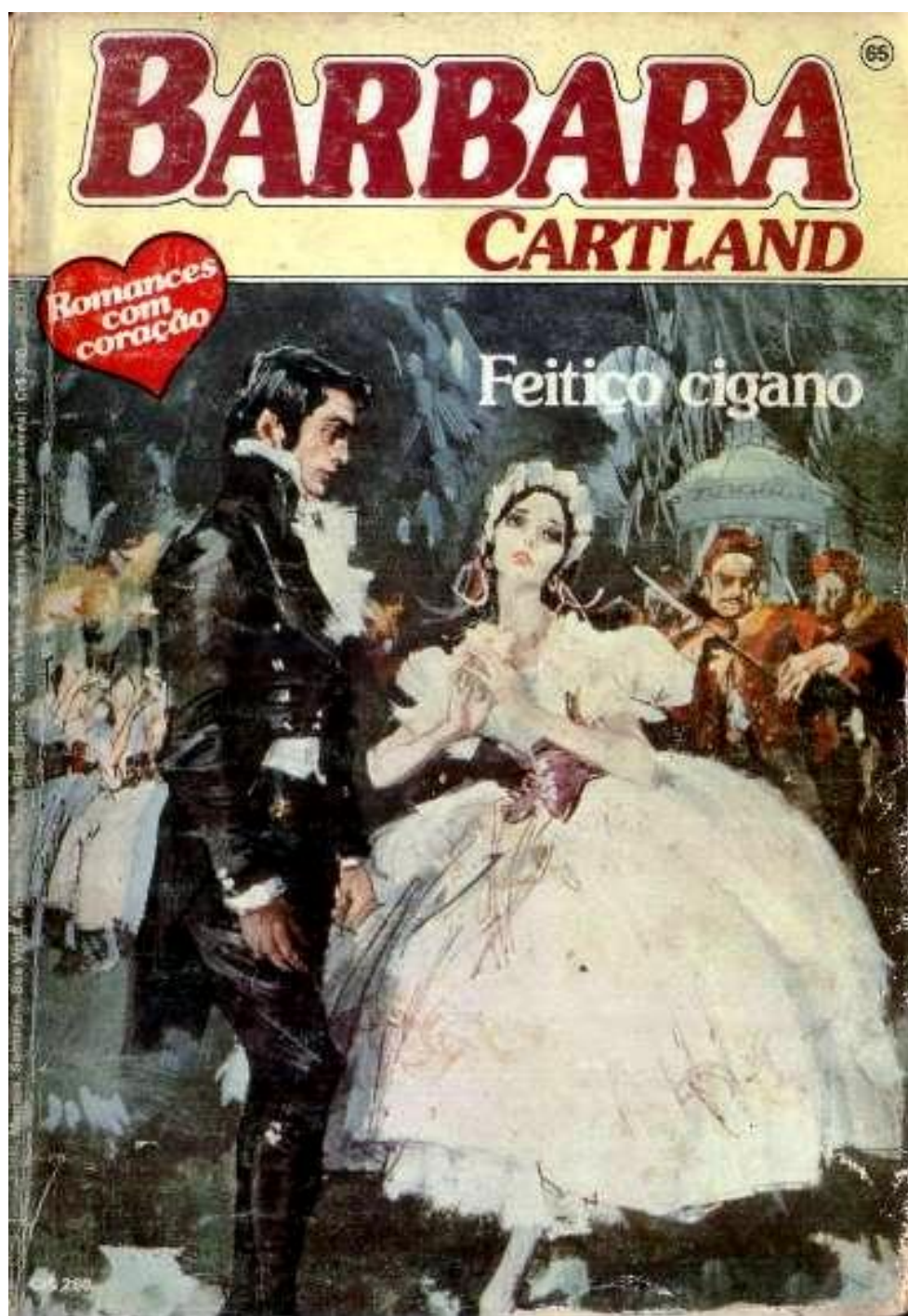




Feitiço Cigano

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 65



Título original: "**Bewitched**"
Copyright: © Cartland Promotions 1975
Tradução: Lygia Junqueira
Copyright para a língua portuguesa: 1983 Abril S.A. Cultural e Industrial — São Paulo
Composto e impresso em oficinas próprias

Ao sair de casa, o marquês de Ruckley por pouco não é atingido por um bloco de alvenaria que cai do telhado. Naquela noite, descobre, por acaso, que seu primo e herdeiro havia apostado que receberia o título antes de o ano terminar. Isso significa que o acidente era uma tentativa de assassinato e que o marquês está marcado para morrer. Mas uma linda cigana atravessa diante de sua carruagem e muda seu destino. A misteriosa Saviya é capaz de ver o futuro e de encantar serpentes com a voz. E de enfeitiçar os homens com seus olhos exóticos e sua dança arrebatadora. Usando esses dons, salva a vida do marquês duas vezes. Mas de que adianta para ele continuar vivendo, se nunca poderá ter o amor de Saviya?

CAPÍTULO I

1818

— Garanto-lhe, Fabius, que este é o melhor vinho do Porto que me ofereceu até hoje — disse o capitão Charles Collington.

— Estou contente por ver que o aprecia — respondeu o marquês de Ruckley. — Meu pai teve a sabedoria de conservar um barril deste vinho especial e acho que agora vale a pena tomá-lo.

O capitão riu.

— Houve época em que estávamos prontos a achar qualquer vinho delicioso, depois daquela droga que bebíamos no Exército, em Portugal.

— É verdade. Ficávamos satisfeitos quando encontrávamos uma garrafa, fosse do que fosse. Sempre achei que os camponeses escondiam de nós os seus estoques.

— Claro que escondiam! Você não faria o mesmo, se um exército estrangeiro estivesse acabando com toda a bebida de seu país?

— Lembro-me da época em que estávamos naquelas planícies empoeiradas — disse o marquês, em tom remissivo. — Eu sentia tanta sede que, só de pensar no champanhe de Carlton House, ficava furioso.

Serviu-se de outro cálice e passou para o amigo a garrafa de cristal lapidado.

— Mesmo assim, Charles, muitas vezes lamento não estarmos mais em guerra.

— Deus do Céu, que coisa para dizer! Depois de oito anos de Exército, não me importo de confessar que, para mim, basta!

— Você vai dar baixa? — perguntou o marquês.

— Talvez. Ao mesmo tempo, não tenho dinheiro suficiente para ficar sem fazer nada.

— Quer dizer que você estaria disposto a gastar seu dinheiro bebendo e jogando? Não há nada mais caro do que a ociosidade, Charles.

— É nisso que estive pensando.

— Eu também. Não porque não possa me dar ao luxo de não trabalhar, mas porque é muito cacete!

— Francamente, Fabius, você está sendo pessimista! Possui vastas propriedades, cavalos de raça e é considerado o melhor caçador da Inglaterra. Que mais quer?

Houve um breve silêncio.

— Não sei por que, mas acho que não é o bastante!

— Está cansado do amor? — perguntou o capitão Collington, em tom cauteloso.

— Deus do Céu, não! O que vocês chamam de “amor” é o que menos me preocupa.

— Achei pouco provável — disse o capitão, rindo. — Você é bonito demais! É este o seu mal, Fabius. Basta sorrir para uma mulher, e ela fica logo pronta a se atirar em seus braços ou a levá-lo ao altar!

O marquês não falou nada. Havia uma ruga em sua testa e ele fitava com ar pensativo o cálice de vinho do Porto.

Sendo um dos melhores “partidos” da alta sociedade, não era de admirar que muitas mulheres se atirassem em seus braços, bastando, para isso, que ele lhes desse um mínimo de atenção.

Mas o marquês era conhecido como muito exigente. Desde o fim da guerra, passava grande parte do tempo em Londres e se envolveu em muitas aventuras amorosas. Isso, naturalmente, tinha sido bastante comentado no círculo social que freqüentava.

Mas nunca houve um escândalo público, ou porque o marquês tivesse sido excepcionalmente discreto, ou porque as senhoras envolvidas tivessem maridos complacentes.

Conforme a moda, o marquês mantinha uma amante, numa casa paga por ele. Era conhecido como freqüentador noturno dos lugares de divertimentos mais fechados.

Ao mesmo tempo, havia nele uma atitude reservada, para não dizer distante, que fazia com que as mulheres de todas as classes achassem, por mais extraordinário que pudesse parecer, que não eram dignas dele.

Entre as artistas do balé — mulheres tão atraentes que eram cortejadas por todos os elegantes de St. James —, o marquês era chamado, pelas costas, é claro, de o “sr. Importantão”.

Era significativo que nenhum de seus amigos tivesse coragem de lhe contar esse apelido.

Olhando-o agora, o capitão Collington achou que realmente parecia

muito mais feliz quando estava no Exército.

– Sabe qual é o seu mal, Fabius? Você precisa casar!

– Casar?

– Você está com vinte e sete anos. Somos da mesma idade, Toda uma geração de rapazes sem grande futuro veio depois de nós. Eles estão agarrando as herdeiras e se consideram os árbitros da elegância.

– Muitos deles sairiam na disparada, se ouvissem o barulho de um tiro – disse o marquês, com ironia.

– Isso não é bem verdade. Mas reconheço que muitos são um tanto imaturos. Não há a menor dúvida, Fabius, de que a guerra faz um homem envelhecer.

O marquês sorriu. O sorriso dava a seu rosto um ar relutante. – Então, você acha que o casamento é o remédio para todos os nossos males?

– Não disse isso. Apenas sugeri que é uma alternativa para o seu tédio.

O marquês riu, atirando a cabeça para trás.

– Acho que a emenda seria muito pior do que o soneto! Pode imaginar o que é estar preso a uma mulher, indefinidamente?

– Seja como for, Fabius, você precisa providenciar um herdeiro. Ele ficou sério, de repente.

– Você está pensando em Jethro?

– Estou, sim! Creio que não ignora que ele andou contraindo dívidas pesadas, na esperança de que você morresse antes do fim da guerra.

– Sei disso. Uma das coisas que me fizeram lutar para sobreviver foi pensar em Jethro instalado em Ruckley, como o sexto marquês.

– Reconheço que a idéia é intolerável.

Charles Collington terminou o seu vinho do Porto, antes de continuar:

– Não podemos ficar aqui a noite toda, aborrecidos por causa de seu primo, nem imaginando como resolver o problema de seu tédio, Fabius. Que vamos fazer para nos divertir?

O marquês olhou para o relógio sobre a lareira.

– Acho que podemos ir à ópera, depois que o espetáculo terminar. Há uma ruiva muito atraente que pretendo convidar para cear comigo.

– Sei a quem se refere. Ela veio de Viena e, sem dúvida, vai afastar seu desânimo, meu amigo. Pelo menos, por uma noite!

– Ela talvez consiga isso... mais tarde. O tédio de conversar com essas

borboletas bonitas, principalmente as estrangeiras, é que faz com que as horas passem devagar. É melhor você ir cear conosco, Charles. Há alguém, no bale, que desperte seu interesse?

— Creio que já esgotei toda a lista das mais atraentes. Concordo com você, Fabius: a gente não tem o que conversar com elas!

O marquês suspirou e imitou as atrizes, com uma pronúncia estrangeira:

— “Você achar eu bonita? Sim?” “Você me dá broche bonito? Sim?” “É duro pagar o aluguel!” — Fez uma pausa e continuou: — São só essas coisas o que elas dizem!

— Com certeza, acho que você tem coração mole. Mas é divertido ficar imaginando se vão ser mais interessantes do que a leviana elegante com quem passamos a noite ontem, ou a mulher de vestido de musseline que nos fez companhia anteontem.

— Sabe, Charles? O seu mal é que está se tornando um verdadeiro dom Juan! E vem me dizer que preciso tomar juízo! E quanto a você? Dinheiro não lhe falta, ou, pelo menos, não faltará, depois que seu pai morrer.

— Ele está em pleno gozo de saúde, com sessenta e cinco anos. E não tenho a mínima intenção de arcar com a responsabilidade e a despesa de mulher e filhos, até estar em condições. Com você, Fabius, o caso é outro.

— Não é uma questão de sustentá-los, e, sim, de poder aguentá-los — disse o marquês, empurrando a cadeira para trás e levantando-se.

— Vamos embora. E esperemos que a noite de hoje afaste a idéia lúgubre de que estamos ficando muito velhos para apreciar as frivolidades das atrizes de balé.

— Seu mal, Fabius, é não beber o suficiente! — disse Charles, levantando-se também.

— Sei disso e talvez seja outro sintoma de que estou ficando velho. Detesto acordar de manhã com a cabeça estalando.

— Somos dois decrépitos ex-combatentes de uma guerra que muita gente está tentando esquecer. — O tom de Charles era solene. — Antes de irmos à ópera, vamos passar pelo White para ver se há outros veteranos do Exército de Wellington que se sentem como nós. — Não é má idéia.

No saguão da casa do marquês, em Berkeley Square, estavam quatro lacaios e o mordomo, aguardando instruções.

Um deles entregou ao patrão a cartola e um outro lhe ofereceu uma

capa, que ele recusou.

Uma carruagem esperava lá fora; assim que o marquês apareceu, outro laçao correu para abrir a porta.

Um tapete vermelho tinha sido colocado na calçada, mas, quando deu o primeiro passo, o marquês de repente se lembrou de que não tinha avisado ao mordomo que queria ser acordado mais cedo, na manhã seguinte. Pretendia ir a uma reunião em Wimbledon Common e, para isso, teria de sair de Londres no máximo às oito e meia. Virou-se, para dar o recado:

— Quero que me acordem às... — começou, mas foi interrompido por um ruído forte às suas costas.

Um grande pedaço de alvenaria tinha caído da parte de cima da casa, levantando uma nuvem de pó, justamente no lugar onde ele estava pouco antes.

Lascas de pedra bateram na roupa imaculada do marquês.

— Que diabo foi isso? — perguntou o capitão Collington. Os laçaios tinham pulado e o mordomo perguntou, ansioso:

— Está machucado, milorde?

— Não, não estou. Se bem que, se eu não me virasse para falar com você, Burton, talvez tivesse recebido o impacto da pedra, ou seja lá o que for.

— Realmente, milorde, foi muita sorte!

— Devia estar solta e talvez o vento a tenha derrubado — sugeriu Collington.

— Não posso compreender o que aconteceu — disse o mordomo. — O telhado foi examinado há menos de um mês, por sua ordem, senhor. Se houvesse algo de anormal, os operários teriam dito.

— Claro que teriam...

Fabius olhou para a pedra sobre o tapete vermelho, quebrada, mas, mesmo assim, ameaçadora.

O barulho tinha assustado os cavalos; o cocheiro estava tendo dificuldade em contê-los.

Charles Collington adiantou-se e ficou ao lado do amigo.

— Se a pedra o tivesse atingido, à essa hora provavelmente você estaria morto.

— É o que também acho.

Esperou pacientemente, enquanto um dos criados escovava sua roupa. Depois, passando por cima do entulho, foi para a carruagem. Sentou

confortavelmente, colocando os pés no assento da frente.

— Você escapou de boa — comentou Charles, quando a carruagem partiu.

O marquês não respondeu. Parecia imerso em seus pensamentos.

A carruagem, um cabriolé D'Orsay muito em moda entre os aristocratas, era bastante confortável.

O Clube White, em St. Jame's Street, ficava perto. Lá chegando, os dois amigos entraram por uma porta lateral, ao lado da famosa sacada.

Essa sacada tinha sido transformada por Beau Brummel num santuário, o centro de atração dos homens da sociedade. Seria mais fácil um dos sócios comuns do clube se apropriar de uma cadeira na Câmara dos Lordes do que de uma das cadeiras do balcão sagrado.

No ano anterior, entretanto, Beau Brummel se vira metido numa briga infeliz e desastrosa com o príncipe regente, seu amigo e protetor. Socialmente, isso não o prejudicou, porque o regente tinha muitos inimigos e, apesar de Beau Brummel ser banido de Carlton House, a sociedade continuou dando-lhe muito valor. Mas, financeiramente, ele se via em estado de grande penúria. Certo dia, em 1816, viu-se obrigado a fugir para Calais, praticamente sem recursos.

Quando entraram na saleta do White, o marquês e Charles não puderam deixar de pensar nele. Um grande número de amigos íntimos de Brummel se encontrava na sala e parecia que seu fantasma ali estava, o fantasma de um homem elegante, audaz, espirituoso.

Lorde Alvanley, o príncipe Esterhasy e lorde Worcester conversavam com *sir* Algernon Gibbon.

Quando *sir* Algernon viu o marquês, seu rosto se iluminou.

— Venha me dar o seu apoio. Estou no meio de uma discussão e tenho certeza de que você vai concordar comigo.

— Por que tem essa certeza? — perguntou o marquês, aproximando-se do grupo diante da lareira.

Como todo mundo sabia, *sir* Algernon estava tentando tomar o lugar de Beau Brummel, apresentando-se como árbitro da elegância e comportamento.

Na realidade, possuía qualificações para essa posição, pois tinha um gosto apurado, tanto na maneira de se vestir, quanto na escolha de peças de mobiliário. Além do mais, depois da queda de Brummel, ele se tornara amigo

e confidente do regente.

Não tinha, entretanto, a aguda percepção nem a impertinente autoconfiança que haviam tornado Brummel tão excepcional.

Embora fosse grande conhecedor dos assuntos sobre os quais falava, os amigos estavam mais inclinados a rir dele do que a aceitar suas teorias. Dirigindo-se ao marquês, explicou:

— O que eu estava dizendo é que é impossível que alguém que não seja bem-nascido disfarce a desvantagem de sua origem.

— E eu estava dizendo que, se uma mulher for bem-educada e instruída, pode passar por uma dama da sociedade — declarou lorde Albanley.

— Ela não me convenceria — disse Algernon, teimoso. Lorde Worcester explicou ao marquês:

— Tudo isto começou porque o príncipe Esterhazy duvidou dos antecedentes de uma linda francesinha que jura ser uma aristocrata refugiada. Ela tem uma árvore genealógica, que exhibe aos admiradores, que faria com que a árvore do imperador Carlos Magno parecesse um arbusto anão!

— A árvore da francesinha é falsa, completamente falsa! — declarou o príncipe Esterhazy.

— Claro que é! — concordou *sir* Algernon. — E qualquer pessoa com um pouco de sensibilidade é capaz de distinguir, de relance, o ouro verdadeiro do impuro, o falso do real.

— Qual sua opinião, Ruckley? — perguntou lorde Albanley.

— Concordo com você. Tenho certeza de que, se a mulher for suficientemente astuta, poderá facilmente convencer um homem comum de que é quem pretende ser. Certamente, é uma questão de saber representar.

— Pois bem, só o que posso dizer é que nenhum homem e nenhuma mulher me enganaria. Sei distinguir um novo-rico a um quilômetro de distância!

— Gostaria de apostar? — perguntou lorde Albanley.

— Claro que gostaria.

— Por que não? — interveio lorde Worcester. — Podemos, todos nós, tratar de enganar Gibbon e fazer com que engula suas palavras. Ele está ficando muito presunçoso!

Todos riram e *sir* Algernon aceitou isso com bom humor.

— Está certo. Aceito as apostas. Para dizer a verdade, vou mais longe. Aposto mil guinéus contra cem que vocês não encontrarão um homem nem uma mulher que me convençam de que têm sangue azul, quando, na realidade, são plebeus.

Houve um coro de gargalhadas.

— Bravo, Gibbon! — exclamou lorde Worcester. — Gosto de um homem capaz de sustentar suas afirmações com metal sonante! E, para ser franco, um pouco de dinheiro não me faria mal, no momento.

— Os estrangeiros estão de fora? — perguntou o príncipe Esterhazy.

— Ninguém está de fora — declarou *sir* Algernon. — Mas, se não conseguirem me enganar, senhores, cada fracasso lhes custará cinquenta guinéus! Garanto que estarei com os bolsos cheios, antes que acabe o ano!

— Não sei se ele não estará apostando na certa — disse o capitão Collington ao marquês, baixinho.

Ambos sabiam que *sir* Algernon era muito esperto. Tinha também uma verdadeira mania quanto ao bom gosto em matéria de roupas, de mobiliário e de comportamento. Suas casas eram uma prova disso.

Era rico porque a mãe tinha herdado uma grande fortuna. Sua árvore genealógica, que datava dos tempos dos Tudor, indicava como as grandes famílias da Inglaterra casavam entre si.

A genealogia era o principal interesse de *sir* Algernon, e o Instituto Heráldico o considerava um maçante, pois estava constantemente chamando a atenção para os erros dos membros do Instituto a respeito de heráldica.

Sir Algernon pediu a um dos empregados que trouxesse o Livro de Apostas.

Encadernado em couro, datado de 1743, o primeiro livro tinha sido destruído num incêndio, anos antes, perdendo-se assim um extraordinário testemunho dos interesses pessoais dos sócios do clube.

As apostas eram inscritas de um modo muito irregular, indicando que um grande número delas havia sido feito depois do jantar e de muito vinho.

— Quem vai me desafiar? — perguntou *sir* Algernon.

Sentou numa cadeira, colocou o Livro de Apostas numa mesinha em frente e começou a escrever os nomes dos apostadores. Eram cinco: o príncipe Esterhazy, lorde Albanley, lorde Worcester, o capitão Collington e o marquês.

— Vocês têm um ano para tentar provar seu ponto de vista — disse *sir* Algernon. — Se, até lá, não tiverem conseguido ganhar de mim mil guinéus,

eu lhes oferecerei o melhor jantar que o clube puder apresentar.

— Não se preocupe — disse o príncipe. — Muito antes disso, eu já estarei com o seu dinheiro no bolso!

— Engana-se — replicou lorde Albanley. — Serei o primeiro a ganhar, porque estou precisando de dinheiro e, portanto, não posso esperar!

— Talvez a sua sorte mude hoje — disse o príncipe. — Nesse caso, não haverá muita urgência para você.

Lorde Albanley estava precisando de sorte, como o príncipe bem sabia. Suas extravagâncias o haviam arruinado e tinha uma dívida de jogo de cinquenta mil libras.

Por outro lado, o príncipe Esterhazy era muito rico e embaixador da Áustria. Sabia-se que, nas festas diplomáticas, ele chegava a usar jóias no valor de oitenta mil libras.

Os cavalheiros pilheriavam uns com os outros, enquanto *sir* Algernon, depois de anotar as apostas, colocava o livro numa mesinha ao lado.

Charles Collington pegou-o e disse ao marquês:— Qualquer pessoa que ler este livro daqui a alguns anos vai achar que muitos sócios do clube eram débeis mentais. Veja isto, por exemplo.

Mostrou uma página, onde se lia:

“Lorde Lincoln aposta com lorde Winchelsea a quantia de cem guinéus contra cinquenta que a marquesa-mãe de Marlborough não sobreviverá à duquesa-mãe de Cleveland.”

— Lembro-me de ter lido isso — disse o marquês. — Não é uma aposta tão absurda como a de lorde Eglington, que apostou que podia encontrar um homem capaz de matar vinte narcejas com vinte e três tiros.

— Quando foi isso? — perguntou Charles Collington, rindo.

— Está aí no livro. Em certa ocasião, eu o li de fio a pavio e cheguei à conclusão de que a maioria das apostas tinha sido feita por bêbados ou lunáticos.

— Que me diz desta aqui? — perguntou Collington. Virando as páginas, leu em voz alta:

— O sr. Brummel aposta com o sr. Methuin duzentos guinéus contra vinte que Bonaparte chegará a Paris no dia 12 de setembro de 1812.

— Pelo menos, nessa ocasião, Brummel ganhou dinheiro! — disse o marquês.

— Pobre Brummel! Gostaria que estivesse aqui, agora. Se havia

alguém que sabia passar uma descompostura num intruso, esse alguém era ele.

— É verdade — concordou o marquês. — Bem, Charles, acho que está na hora de irmos para a ópera.

Ficou admirado quando o amigo não respondeu. Dali a um momento, Charles disse, em tom estranho:

— Veja isto aqui, Fabius. Entregou o livro e o marquês leu:

— O sr. Jethro Ruck aposta com *sir*. James Copley que estará de posse do título e da fortuna de sua família antes que termine o ano de 1818.

O marquês olhou para o amigo.

— Isto lhe dá exatamente oito meses — disse Collington, em tom grave.

— Você acha realmente... Não pode acreditar que...

— Não seja tolo, Fabius. Está mais do que claro. Eu lhe disse que Jethro está rezando para você morrer, e hoje tive certeza de que ele fez mais do que rezar!

— Acho que tem razão.

— O que vai fazer a respeito? O marquês encolheu os ombros.

— Que posso fazer? Não posso acusar Jethro de me atirar uma pedra do telhado de minha casa, a não ser que tenha provas.

— Pelo amor de Deus, Fabius! Não vai ficar de braços cruzados! Ele o pegará, cedo ou tarde.

— É um desafio, não é?

— Não seja idiota, Fabius. Sempre detestei seu primo, como você bem sabe. Sempre soube que ele é um canalha, e não me admiro de que quer matá-lo. Mas a verdade é que eu não suportaria vê-lo bem-sucedido nesse ponto.

— A idéia também não me agrada — disse o marquês, secamente.

— Então, faça alguma coisa.

— O que sugere?

— Deve haver alguma coisa!

— E há...

Mas, apesar da curiosidade do amigo, o marquês não lhe disse o que tinha em mente.

Na tarde seguinte, *lady* Walden ficou admirada por receber uma visita em sua casa em Hertfordshire.

– Fabius! Pensei que você nunca viesse para o campo, depois que ia para Londres, na estação.

– Eu queria vê-la.

– Isso me lisonjeia, mas acontece que vou sair daqui amanhã, não pretendo perder o baile da duquesa de Devonshire, que se realiza na quinta-feira.

– Eu tinha certeza de que a encontraria lá.

– Apesar disso, perdeu todo esse tempo só para me visitar? Estou encantada, Fabius.

Mas havia surpresa nos olhos que fitaram o marquês.

Eurydice Walden era o encanto de St. James, desde que tinha saído da escola, seis anos antes.

Era bonita, de acordo com os padrões de beleza da época, com cabelos loiros, olhos azuis e um corpo cheio de curvas que não deixava dúvida quanto à sua feminilidade.

Tinha sido muito festejada, ao debutar na sociedade, mas atualmente era ainda mais desejável, porque sua beleza havia aumentado, assim como suas posses.

Casou, aos dezessete anos, com *sir* Beaugrave Walden, descontrolado, atraente e imensamente rico. Mas ele morreu no último mês de guerra, deixando uma enorme fortuna para a viúva. Um ano depois da morte de seu pai, Eurydice herdou, além de outras coisas, dez mil acres de terra que confinavam com a propriedade do marquês.

Os dois se conheciam desde a infância. Os pais de ambos achavam que deviam casar e, assim, unir as duas propriedades. Mas o marquês estava com seu regimento, em Portugal, quando Eurydice casou, e, embora seu pai lamentasse esse fato, ele não se importou.

Agora, estava sentado num elegante sofá de damasco, na sala de visitas de Eurydice, fitando-a com uma expressão que a deixou perplexa.

– Que aconteceu, Fabius? Você parece preocupado.

Na realidade, sentia-se curiosa por saber o motivo da visita inesperada.

Ficou contente por usar um de seus vestidos mais bonitos. Embora não se interessasse muito pelo homem que conhecia desde menina, sabia que era cobiçado pela maioria de suas amigas. Conquistá-lo seria certamente uma glória que causaria inveja a muitas mulheres.

- Preciso conversar com você, Eurydice.
- Já disse isso.
- Está certo. Mas não sei muito bem como explicar minha presença.
- Você não costuma ser tão inseguro — brincou.
- Vim para lhe dizer que acho que devíamos fazer o que nossos pais

sempre esperaram de nós.

- E o que é isso?

Ela pareceu surpreendida, embora adivinhasse o que o marquês ia dizer.

- Acho que devíamos casar.

- Está falando sério?

– Muito sério. Sabe que foi o que nossos pais planejaram, desde o dia em que você nasceu. Eram muito amigos e desejavam unir nossas propriedades.

- Mas isso foi há muito tempo, e os dois já morreram.

- Mas nós estamos vivos. E acho que era um plano muito sensato.

- Sensato, talvez... mas não muito romântico.

– Desculpe-me se me expressei mal — disse o marquês, com um sorriso que as mulheres achavam irresistível. — Gosto muito de você, Eurydice, como sabe muito bem. Sempre gostei.

- Isso é tolice! Você me detestava, em menino!

- Nada disso!

– Você sempre disse que não queria saber de meninas. Costumava puxar meu cabelo nas festas e, quando joguei fora sua bola de críquete, você me bateu!

- Pelo amor de Deus, Eurydice! Não vai levar isso em conta, agora! --

– Por que não? Para dizer a verdade, você não se deu ao trabalho de demonstrar sua afeição, depois que crescemos.

– E tive alguma oportunidade, por acaso? Quando você casou, eu estava lutando, em Portugal.

– Não pareceu muito perturbado, quando nos encontramos e soube que eu estava casada!

– Vi-a uma ou duas vezes. Além do mais, Beaugrave era meu amigo. Não podia esperar que eu a cortejasse nas barbas dele!

- Você jamais quis isso. Então, por que falar agora em casamento?

- Em primeiro lugar, porque acho que está na hora de casar. Em

segundo, porque acho que daria certo. Eu tomaria conta de você, Eurydice. Não pode continuar sendo alvo de falatórios a vida inteira!

— Falatórios? E quem é que está falando? É o que eu gostaria de saber.

— Essa é boa! — exclamou o marquês, em tom divertido. Sabe muito bem que tem provocado um escândalo atrás do outro, desde que ficou viúva. E sabe que todo mundo, em Londres, está falando de você e de Severn.

Houve uma pausa. Baixando os olhos, Eurydice disse:

— Talvez com razão!

— Deus do céu! Quer dizer que o duque se rendeu?

— Não vou responder.

— Então, não se rendeu — observou o marquês, astuto.

— Você não tem o direito de vir aqui e me interrogar. Ele se levantou.

— Agora, compreendo. Você veio para cá no meio da estação, o que achei estranho, simplesmente porque pensou que o duque viria à sua procura. Pois bem: ele veio?

— Já lhe disse, Fabius, que isso não é da sua conta! Vá embora e me deixe em paz.

— Vim para pedi-la em casamento. Você ainda não me deu sua resposta.

— Preciso de tempo para pensar. Olhou-a, com dureza.

— Em outras palavras, está esperando para ver se Severn lhe faz uma proposta melhor. Se isso acontecer, você a aceitará. Se não acontecer, um marquês é um bom partido!

— Há muitos homens que querem casar comigo — respondeu Eurydice, bruscamente, como uma criança que quer ser agressiva.

— Sei disso! Mas, excetuando Severn e eu, duvido de que esteja disposta a aceitar esses tolos que fazem versos sobre seus lábios macios e deixam bilhetinhos de amor na sua porta, todas as manhãs. Tenho certeza de que a maioria não poderia fazer nada mais do que isso.

Eurydice se levantou e bateu o pé.

— Como é que se atreve a me falar desse jeito, Fabius?! Você sempre foi detestável e eu o odeio! Compreende? Eu o odeio!

— Mesmo assim, casará comigo.

— Nada disso. Não tenho vontade de casar com ninguém, a não ser que...

O marquês terminou por ela:

— A não ser que alguém possa lhe dar a posição social que deseja. Você tem muito dinheiro, Eurydice, mas quer posição. Quer ser uma grande anfitriã. Foi sempre essa a sua ambição.

Ela não respondeu, e ele continuou:

— Isto restringe o campo, não é? Na realidade, deixa Severn na ponta e eu em segundo lugar. Não há mais ninguém no páreo.

— Não vou responder a isso.

O marquês percebeu que ela estava furiosa.

— Eu gostaria de uma resposta, logo. Dentro de dois ou três dias. É urgente.

— Que quer dizer com isso? Por que, de repente, você tem tanta pressa? — Depois, soltou uma exclamação: — Já sei! Já sei por que quer casar! Não sou idiota, Fabius. É por causa de Jethro, não é?

— Agora, é a minha vez de não responder.

— Mas eu respondo por você. Todo mundo sabe que Jethro está louco para tomar o seu lugar. Está contando com isso. Tinha certeza de que você ia morrer na guerra, e agora tem apregoado, quando está alto, que vai cuidar disso pessoalmente! — Fez uma pausa. — É verdade, não é?

— Talvez.

— Então, você quer uma mulher e um herdeiro — disse ela, baixinho.

— E daí?

— Acho que, se eu o recusar, você encontrará outra. Qualquer mulher, seja quem for, é melhor do que pensar em Jethro instalado em Ruckley ou se pavoneando na Câmara dos Lordes!

— Você é muito eloqüente. Estou esperando uma resposta, Eurydice.

— Não vou dá-la agora.

— Então, temos que esperar por Severn.

— Talvez...

— Ele insinuou alguma coisa sobre o que sente? Disse quais são suas intenções?

— Não quero discutir isso com você. Nada mais tenho a dizer, Fabius, a não ser que vou estudar seu pedido de casamento. É, de fato, muito lisonjeiro!

Falou com ironia e o marquês sorriu, de repente.

— Não era assim que eu queria falar com você.

— Não?

— Eu queria enfeitar tudo com rosas e fitas azuis. Mas a verdade é que não sou muito bom nessas coisas.

— Não foi o que ouvi dizer a respeito das senhoras a quem você fez a corte!

— Isso é muito diferente.

— É impossível pensar em amor e em casamento ao mesmo tempo?

— Não impossível, mas impraticável. Sabe muito bem, Eurydice, que a vida não é um romance!

— Eu amava meu marido! Amava-o loucamente!

— Talvez seja essa a exceção que confirma a regra. Mas acha que seu amor, ou seu entusiasmo, ou fosse o que fosse, teria durado? Nós dois sabemos como Beaugrave era.

Eurydice ficou em silêncio, pensando no rapaz irresponsável com quem casara. Ambos eram muito jovens e a vida deles tinha sido uma aventura atrás da outra. Então, desejando mais excitação do que a esposa lhe dava, ele entrou para um regimento de cavalaria e morreu seis meses depois.

Como se acompanhasse o curso dos pensamentos da moça, o marquês disse:

— Deve compreender que um casamento sensato lhe daria segurança e um marido que cuidaria de você e a protegeria. É o que farei, Eurydice.

— Acho que é verdade. — Ficou séria, de repente. — Você nunca amou uma mulher a ponto de querer casar com ela?

— A resposta é “não”.

— Mas teve muitos casos?

— Não tantos como dizem, mas em número suficiente, Eurydice, para saber que o que chamam de “amor” é uma coisa efêmera.

— É verdade?

Ela se afastou e foi olhar para o jardim ensolarado. Havia narcisos em botão sob as árvores.

Estava muito bonita, contra o verde das árvores lá de fora. Subitamente, o marquês percebeu que ela nunca se contentaria em ter apenas posição social, por mais importante que fosse. Como todas as mulheres, ela queria amor, um amor que fosse mais do que uma paixão, mais do que desejo, um amor que sabia que ele era incapaz de lhe dar.

Como se adivinhando seus pensamentos, a moça virou-se.

— Tem razão, Fabius. Preciso de segurança e vou esperar para saber o

que o duque vai dizer, hoje à noite.

— Hoje à noite?

— Ele vem jantar aqui.

— Nesse caso, posso esperar até amanhã.

— Talvez nem aí eu lhe possa dar uma resposta, Fabius. A questão é que não quero casar com você. Se não puder ser duquesa, quero casar por amor.

— Você está querendo a Lua.

— Gostaria de lhe provar que está enganado — respondeu Eurydice, quase com rudeza. — Você tem excessiva confiança em si mesmo.

O marquês riu, dizendo:

— Acho que está mais do que na hora de eu ir embora. Além do mais, você há de querer se enfeitar para hoje à noite.

Havia uma nota irônica na voz dele. Eurydice levantou a cabeça e dirigiu-se para a porta.

— Não vou tentar convencê-lo a ficar. Talvez, quando me visitar de novo, aqui em Londres, esteja em disposição de espírito mais agradável.

— Ou mais amorosa. Quer me dar um beijo de despedida, Eurydice?

— Não há nada que eu deseje menos. — Abriu a porta, antes que ele o fizesse. — Adeus, Fabius. Você me aborrece. Sempre me aborreceu. Só desejo que um dia encontre alguém que o faça sofrer as torturas do inferno. Isso lhe fará bem!

— Sua solicitude me comove!

O marquês saiu da imponente casa de Eurydice. Estava ansioso por chegar a Ruckley. De repente, ficou consternado: tinha feito um pedido de casamento pela primeira vez na vida, e a uma mulher que lhe dissera, francamente, que não gostava dele!

Na véspera, à noite, assim como naquela manhã, parecia uma coisa muito sensata. Achava que não podia fazer nada melhor do que seguir a orientação do pai e confiar no julgamento dele. Mas agora estava horrorizado.

A vida com Eurydice seria intolerável, ela provocando-o o tempo todo, exigindo um amor que ele não era capaz de lhe dar e aproveitando todas as ocasiões para irritá-lo, por ficar furiosa com sua indiferença.

O marquês tinha muita experiência com mulheres e sabia que podiam tornar a vida de um homem muito desagradável, quando se julgavam

menosprezadas. Muitos de seus casos tinham terminado porque a mulher estava muito mais apaixonada por ele do que ele fingia estar por ela.

Essa era uma coisa que mulher alguma perdoava: entregar seu coração a um homem e ver que ele era imune a todos os seus encantos, a todos os seus feitiços...

Não existe amor por encomenda, pensou, desesperançado.

Depois compreendeu que tinha sido um tolo por pensar que Eurydice não ia perceber imediatamente que ele a estava usando.

Mas não podia fingir que a amava, e agora achava que tinha feito uma confusão dos diabos, com aquele pedido de casamento.

Atiçou os cavalos, furioso por perceber que não só havia feito papel de tolo, mas que, se o duque não se decidisse, era bem possível que Eurydice aceitasse o pedido dele, Fabius!

Os cavalos atravessaram os portões de Ruckley, seguindo pela alameda de carvalhos, a uma velocidade que fez com que a carruagem parecesse voar.

Subiram a estradinha que depois se inclinava para o vale, onde se erguia a Mansão Ruckley. Quando chegou ao topo da ladeira, o marquês viu um vulto no caminho.

Era uma mulher de costas para ele.

A carruagem ia tão depressa, que nada podia fazer para deter os animais. Puxou com força as rédeas, gritando para a mulher que saísse da frente.

Os cavalos estavam quase em cima dela, quando a mulher se virou, assustada.

E então, quando, com um supremo esforço, o marquês conseguiu desviar os animais, ela escorregou e uma das rodas a atingiu.

— Oh, Deus! Acho que a matei!

CAPÍTULO II

O cavaleiro correu para os cavalos, enquanto o marquês descia da carruagem e se dirigia para a mulher caída no chão.

Era muito jovem. A roda pegara de lado. A testa estava ensanguentada, e a blusa branca, rasgada no ombro, onde havia um ferimento que sangrava muito.

Inclinou-se, tirando o lenço do bolso. Percebendo que a moça estava inconsciente, olhou para a carruagem e depois para a casa, ao longe. Resolveu carregar a moça nos braços.

Lembrou-se vagamente de que era perigoso mover uma pessoa acidentada, mas não podia deixá-la na estrada.

A moça era pequena e leve, e sofreria menos, se ele a carregasse, do que se ficasse exposta aos solavancos da carruagem.

Delicadamente, pegou-a no colo.

— Leve os cavalos para casa — ordenou ao cavaleiro. — Diga que houve um acidente.

— Muito bem, milorde.

O marquês seguiu a pé, lentamente.

Olhou para a moça. Apesar do ferimento na testa, ela era muito bonita, mas de um modo estranho...

Tinha cabelos pretos, tão compridos que achou que deviam chegar abaixo da cintura. As pestanas eram longas, contra a pele cor-de-marfim.

Não parecia inglesa. Olhando para suas roupas, o marquês compreendeu: era cigana!

Não havia dúvida quanto à saia rodada vermelha, o corpete de veludo preto amarrado na frente. Havia uma faixa larga na cintura fina; a blusa bordada, decotada, deixava os braços nus.

Sempre tinha achado que as ciganas eram sujas, mas a moça era muito limpa e seus cabelos tinham um leve perfume oriental.

Usava um colar de moedas de ouro unidas por contas vermelhas de vidro. Lembrou-se de ter ouvido dizer que os ciganos gostavam de jóias. Tinha a impressão de que algumas das moedas eram muito antigas, sem dúvida velhas, e todas estrangeiras. Censurou-se por se interessar por outra coisa, a não ser pela vítima, que talvez estivesse gravemente ferida.

Não tinha morrido, o que já era um consolo. Estava inconsciente, mas respirava regularmente, e sua palidez talvez fosse natural.

Não levou muito tempo para chegar ao pátio e, depois, aos degraus da

entrada principal.

Vários empregados apareceram correndo.

Bush, o mordomo, foi o primeiro a se aproximar.

— Ouvimos dizer que houve um acidente, milorde. A senhora está muito ferida?

— Não tenho a mínima idéia.

— Mas ela não é uma senhora, milorde! É uma daquelas ciganas!

— Que ciganas?

— Há sempre ciganos na mata, nesta época do ano. O marquês começou a subir a escada.

Havia muitas pessoas no saguão de mármore, mas ele não lhes deu atenção e subiu a escada entalhada. No primeiro patamar, encontrou a sra. Meedham, a governanta. Muito agitada, ela fez uma reverência, ao ver o patrão.

— Qual é o quarto que está pronto? — perguntou o marquês.

— Todos, milorde. — Olhou para a figura inconsciente nos braços dele e exclamou: — Ora, é uma daquelas ciganas! Um quarto nas dependências dos empregados bastará para ela.

O marquês seguiu adiante, dizendo, secamente:

— Abra a porta.

Após o primeiro momento de surpresa, a governanta obedeceu. Ele entrou num dos aposentos grandes, do primeiro andar.

— Mas, milorde...

— Seria perigoso carregar a moça para mais longe. A vida dela pode estar em perigo.

Adiantou-se para a cama de quatro colunas, mas a governanta correu atrás dele.

— Em cima da coberta, não, milorde. Os lençóis podem ser lavados.

Dizendo isso, a sra. Meedham puxou a colcha de seda bordada. Suavemente, o marquês colocou a moça sobre o lençol de linho onde estava bordado o emblema da família Ruckley.

— Mande chamar Hobley.

— Já estou aqui, milorde.

Um homem de meia-idade entrou apressadamente no quarto.

Hobley sempre estivera na mansão Ruckley, pelo que o marquês lembrava. Oficialmente, era seu criado particular, mas era famoso por sua

habilidade para tratar de fraturas e outros ferimentos. Chegou mesmo a cuidar da clavícula do marquês, em certa ocasião, e sempre que alguém da propriedade quebrava um braço ou uma perna, Hobley era chamado.

Aproximou-se da cama e examinou o corte na testa da moça e os ferimentos no braço. Depois notou que havia sangue na perna. Erguendo ligeiramente a saia, viu que tinha um corte no tornozelo.

O marquês percebeu que as pernas da moça estavam nuas, embora usasse sandálias vermelhas com fivelas de prata.

— Água quente e ataduras, faça o favor — pediu Hobley à governanta.

Várias empregadas que estavam à porta saíram correndo para buscar o necessário.

— Há alguma fratura? — perguntou o marquês.

— Ainda não sei, milorde. A roda passou em cima dela?

— Não tenho certeza. Aconteceu muito depressa. — Fez uma pausa e acrescentou: — Foi minha culpa, Hobley. Eu estava dirigindo depressa demais.

— O senhor raramente tem um acidente, milorde. E creio que não é tão grave como parece!

— Mas a moça está inconsciente.

— Isto, por causa do ferimento na cabeça. Deixe-a comigo. Vou examiná-la bem e depois avisarei se é necessário chamar o médico.

— Obrigado, Hobley — disse o marquês, em tom de alívio. Saiu do quarto.

No corredor, viu que a governanta e as empregadas vinham trazendo baldes de água, ataduras e toalhas.

Chegando embaixo, não foi para o salão, onde sabia que o mordomo devia ter colocado vinho e refrescos. Dirigiu-se para o biblioteca.

Sentado a uma escrivaninha, no centro da sala, estava um homem idoso, de cabelos brancos. Ergueu o olhar, desinteressado, quando ouviu a porta se abrir. Mas, ao ver o marquês, sorriu, com surpresa e prazer.

— Não o esperava, milorde. Por que não me avisaram de sua vinda?

— É uma surpresa. Só ontem à noite foi que achei necessário vir para o campo.

Estava falando com o homem que havia sido seu preceptor, amigo e companheiro durante muitos anos.

O reverendo Horace Redditch tinha sido contratado pelo falecido

marquês, para dar aulas a seu filho, antes que este fosse para Eton. Adaptara-se tão bem e era tão estimado por toda a família, que acabou sendo o capelão de Ruckley, assim como o bibliotecário e o administrador.

Era chamado de “o reverendo” por todas as pessoas da casa e da propriedade, e gostava da intimidade que fazia disso uma expressão de afeto.

Acompanhou o atual marquês quando este, ainda jovem, viajou pelo país. Certa vez, tiveram umas férias deliciosas na Irlanda, combinando aulas com o prazer de pescar salmões.

— É uma satisfação revê-lo — disse o marquês, com um tom afetoso que raras vezes empregava.

— Está gostando de Londres?

— Não de forma particular! Por falar nisso, acabo de ter um acidente. Atropelei uma cigana. Está deitada lá em cima e Hobley está cuidando dela.

— Uma cigana? Não é de admirar. É nesta época do ano que eles nos visitam.

— Fale-me sobre eles.

— Foi sua avó, creio eu, que lhes deu permissão de acampar na propriedade. Sentia pena de todos que não tinham um lar e acho que se interessava pelos grupos ciganos que vagueiam pelo mundo, sem residência fixa.

— Sei muito pouca coisa a respeito deles.

— Primeiro, vieram da Índia, o que explica os cabelos pretos e a pele escura.

— E são nômades, desde então?

— Há, naturalmente, inúmeras lendas e explicações para serem grupos errantes.

— Há muitos ciganos na Inglaterra?

— Sim, creio que sim. Mas existem em todos os países. Se estiver interessado, posso ver se temos aqui alguns livros sobre os ciganos.

O marquês encolheu os ombros.

— Creio que os guardas-florestais não gostam deles, achando que caçam nossos faisões.

— É uma tradição, nesta propriedade, não importuná-los nem expulsá-los — disse o reverendo. — Acho-os pitorescos e espero que o senhor não lhes recuse a hospitalidade que encontram em Ruckley há quase um século.

— Claro que não os importunarei! Afinal, sinto-me responsável pela moça que atropelai. Acho que posso entrar em contato com a tribo, ou seja lá como eles se chamam.

— Talvez os ferimentos não sejam graves, não se preocupe. Seja como for, Hobley cuidará disso.

— Sim, tenho certeza de que sim.

Conversaram mais um pouco e o marquês foi para o salão. Como previra, havia vinho e vários tipos de sanduíches, além de outras guloseimas, numa bandeja de prata.

Tinha parado para almoçar numa estalagem, antes de ir visitar Eurydice, de modo que não estava com fome. Mas tomou alguns goles de um vinho excelente.

Dali a pouco, Hobley veio procurá-lo.

— Como vai ela? — perguntou o marquês.

— Não houve fratura, milorde, mas a pancada na cabeça provavelmente provocou concussão. Não me admirarei se ela tiver febre, hoje à noite.

— É sério?

— Não, milorde. Os cortes e os ferimentos são superficiais. Quando ela voltar a si, ficaremos sabendo até que ponto a cabeça foi afetada.

— Então, ela deve ficar aqui, até melhorar.

— A sra. Meedham está aflita por mudá-la para outra parte da casa, senhor. Acha impróprio uma cigana ocupar um dos quartos da mansão.

— Impróprio ou não, ela vai ficar onde está. A culpa do acidente é minha, e a moça será tratada com toda a consideração. Faça com que a criadagem saiba disso, Hobley.

— É o que farei, milorde, mas deve compreender que eles têm medo dos ciganos.

— Medo? Por quê?

— Receiam o mau-olhado, que roubem seus filhos, ou lhes roguem pragas.

O marquês riu.

— Mais uma razão para tratarmos bem nossa hóspede. Ela não me parece do tipo que roga pragas.

Lembrou-se da leveza da moça, quando a carregara nos braços, e teve a impressão de que o estranho perfume dos cabelos dela ainda impregnava

seu paletó. Mas, provavelmente, isso era apenas imaginação.

— Se não há mais nada que eu possa fazer, Hobley, vou voltar para Londres.

— Foi o que pensamos, milorde. Os cavalos foram trocados e a carruagem está pronta para partir, assim que for dada a ordem.

— Diga que a tragam até a porta. Quando nossa hóspede estiver em condições de ir embora, providencie para que tenha uma recompensa pelo que sofreu por minha culpa.

— Qual a quantia que seria adequada, senhor? O marquês refletiu durante alguns momentos.

— Acho que cinco libras, Hobley. Peça o dinheiro ao sr. Graystone.

— Perfeitamente. Quando o veremos novamente, milorde?

— Não tenho a mínima idéia. A estação está no auge, e garanto que você não há de querer que eu perca as festas extravagantes e divertidas que se realizam todas as noites.

O marquês falou com ironia, mas, depois, com ar de desculpa, sorriu para o velho empregado que conhecia e amava desde criança.

— Há alguma coisa errada, sr. Fabius?

A pergunta pareceu ao marquês o eco de muitas outras, formuladas durante anos. Hobley sempre percebia quando alguma coisa estava errada, ou aborrecia seu amo.

— Não, Hobley, nada de importante. Só que o capitão Collington e eu estávamos dizendo, ainda ontem à noite, que estamos ficando velhos. As coisas não parecem tão divertidas como quando eu era moço.

— Ainda é bastante moço para se divertir, milorde. E, se quiser aceitar o meu conselho, não deve desperdiçar um só minuto.

— Tem algum arrependimento, a respeito de sua mocidade perdida?

— Não, milorde, não tenho. E faço votos para que o senhor também não venha a ter. De acordo com a minha experiência, há sempre alguma coisa a esperar pela frente, e aventuras quando menos as esperamos.

— Você me animou, Hobley!

O marquês sorria, quando atravessou o saguão e pediu que lhe trouxessem a carruagem imediatamente.

Ninguém ficou mais surpreso do que o marquês, quando, dali a uma semana, se viu na mesma estrada, a caminho da casa de Eurydice.

Tinha esperado vê-la no baile da duquesa de Devonshire. Nas quatro

noites seguintes, procurou por ela nas festas e nos jantares de amigos mútuos, para os quais, sabia, tinha sido convidada. Mas não havia sinal de Eurydice e, como o duque de Severn também estava ausente, não era difícil imaginar onde podiam eles ser encontrados.

O marquês não tinha contado a ninguém que estava esperando a resposta de seu pedido de casamento, mas o capitão Collington percebeu que andava inquieto e desinteressado pelas festas às quais comparecia.

— Que aconteceu, Fabius? Você anda com uma cara...

— Mais tarde lhe conto.

— Jethro andou fazendo das dele? — perguntou Charles, desconfiado.

— Se andou, obteve o mesmo resultado de quando a pedra caiu do telhado de minha casa!

— Não acho que seja brincadeira.

— Para dizer a verdade, não é mesmo. Mande examinar o telhado no dia seguinte, e o homem disse que seria impossível aquele bloco cair acidentalmente.

— Quer dizer que foi de propósito, como suspeitamos?

— Estive pensando que teria sido muito fácil uma pessoa se esconder no jardim, no centro do largo. Depois, quando aparecesse na porta da casa, com as luzes nas minhas costas, bastaria essa pessoa fazer sinal a quem estivesse no telhado.

— Foi isso mesmo o que aconteceu! A sorte foi você se virar para falar com Burton.

— Muita sorte!

— Pelo amor de Deus... tenha cuidado!

— Como? — perguntou o marquês, irritado. — Se é para eu andar por aí com um guarda-costas, ficar em casa ou estar permanentemente à espera de ser envenenado, só posso dizer que é melhor que Jethro aja e acabe com tudo!

— Se tivéssemos tido essa atitude com Bonaparte, perderíamos a guerra!

O marquês ia dar uma resposta esquentada, quando caiu na gargalhada.

— Não posso permitir que você compare Jethro a Napoleão! É dar-lhe demasiada importância.

— Nunca me preocupei se um homem era importante ou não, quando

havia o perigo de seu tiro arrebentar minha cabeça.

O marquês não soube o que dizer.

Agora, na estrada, achou que tinha dado um passo errado, na tentativa de evitar que Jethro viesse a herdar o título.

Para ser franco, não queria realmente casar com Eurydice. Na teoria, pareceu uma boa idéia. Na prática, sabia que não tinham chance de ser felizes, juntos. Havia mesmo pouca esperança de que pudessem se dar razoavelmente bem.

Estava certo de que Eurydice tinha mandado chamá-lo para dizer que Severn não a pedira em casamento e que, portanto, estava disposta a se tornar a marquesa de Ruckley.

Seria terrível!

Mas o que estava feito, estava feito. Se Eurydice aceitasse seu pedido, ele teria que fazer cara alegre.

Foi com uma sensação de depressão e com um mau presságio que desceu da carruagem e seguiu o criado até o salão onde Eurydice o esperava.

Não pôde deixar de notar que ela estava muito bonita. Quando se virou, dando as costas à janela, o sol iluminou-lhe os cabelos loiros, e o marquês achou que seu rosto nunca parecera mais radiante.

— Você veio, Fabius! Estou tão contente! Pegou a mão dela e a beijou.

— Sinto-me honrado com tão calorosa recepção.

— Peço-lhe perdão por fazê-lo vir de Londres pela segunda vez, mas o que tenho a lhe dizer é de suma importância.

O marquês respirou fundo e esperou pelo golpe.

— Vamos sentar? — sugeriu a dona da casa. Indicou uma cadeira para o marquês e sentou no sofá. — Tenho muita coisa para lhe dizer, Fabius, mas vou começar com o que é mais importante para você.

Fitou-a e achou que estava em disposição de espírito completamente diferente daquela da última vez.

— Primeiro, quero lhe perguntar se pode administrar minha propriedade junto com a sua.

— Mas, claro! Isso está subentendido. Seria perda de tempo e de dinheiro, para nós dois, se tivéssemos administradores, capatazes e agentes diferentes. É só uma questão de estudarmos quais de nossos empregados são os mais merecedores de confiança.

Eurydice sorriu.

— O que quero realmente dizer, embora talvez não me tenha explicado claramente, é que mais tarde eu talvez venda a você a minha propriedade, mas que atualmente prefiro que a administre. Pode alugá-la, se quiser.

O marquês encarou-a, perplexo.

— Não estou entendendo.

— Por que haveria de entender? — disse ela, com um suspiro. Sua expressão era de grande felicidade. — Vou embora daqui, Fabius, mas não posso deixar a propriedade sem que alguém cuide dela. Seria trair o meu lar.

— Vai embora? Quer dizer que aceitou o pedido de Severn?

— Não. Recusei-o.

O marquês ficou imóvel.

— Então...

— Vou casar, mas não com o duque. Nem com você.

— Há outro homem? Mas... quem?

— Alguém de quem você nunca ouviu falar. Chama-se Silas Wingdale.

O marquês ergueu as sobrancelhas.

— Silas Wingdale? Quem, diabo, é ele? Eurydice levantou-se, rindo.

— Achei que você ia ficar surpreso. É um americano. Mora na Virgínia e eu o amo! Sim, eu o amo! E vou casar com ele, Fabius.

— É verdade?

— Não ligo a mínima para o brasão do duque, nem para os diamantes da família Ruckley, nem para as coisas que você achou que eram importantes para mim — disse Eurydice, extasiada. — Estou amando, como há muitos anos não amo! Não, desde que conheci o pobre *sir* Beaugrave. Mas agora é diferente! Silas é mais velho e me ama de um jeito muito diferente. Para dizer a verdade, estar com ele é o mesmo que estar no céu!

O marquês passou a mão na testa.

— Tem certeza de que isso não é brincadeira? Está falando sério, Eurydice?

— Nunca falei mais sério na minha vida. Silas e eu vamos casar, discretamente, amanhã cedo e depois tomaremos o navio para os Estados Unidos. E só Deus sabe se algum dia voltarei a este país!

— Sabe em que está se metendo e em que país vai morar?

— Vi uns desenhos da casa de Silas, e é encantadora. Para dizer a verdade, parece uma mansão inglesa. Mas não me importaria, se fôssemos

viver numa cabana. Amo Silas e ele me ama! Isso é mais importante do que qualquer outra coisa... mas só agora é que compreendi!

Passada uma hora, o marquês, ainda perplexo, se dirigiu para Ruckley.

Mal podia acreditar que uma mulher, principalmente. Eurydice, abandonasse tudo o que considerava importante para atravessar o oceano com um homem que mal conhecia, embora esse homem tivesse, aos olhos dela, todas as qualidades e todas as virtudes.

O marquês tinha discutido com a moça, procurando convencê-la a adiar o casamento, pelo menos até que seus amigos tivessem oportunidade de conhecer Silas.

— O que os outros dissessem não teria importância para mim. Então, por que haveria de adiar meu casamento? — disse Eurydice, com uma ponta da antiga agressividade. — Não estou pedindo permissão a você para casar com ele, Fabius, de modo que sua opinião, seja qual for, não tem importância.

Tocou o rosto do marquês, dizendo, suavemente:

— Quando se apaixonar, o que sem dúvida acontecerá, um dia, compreenderá por que não há argumentos que me façam mudar de idéia. É Silas que eu quero e é ele que vou ter.

Eurydice tinha falado com tal ardor, que o marquês compreendeu que era uma mulher muito diferente daquela dura e calculista, em que se transformara após a morte do marido.

Pensava que ela não apenas queria posição social, como ser conhecida e comentada na alta sociedade. Era inacreditável que tivesse se transformado, de mulher calculista e determinada, numa criatura suave, feminina, cujos olhos brilhavam, só de pensar no homem amado.

Diabo, por que não posso sentir isso? - pensou o marquês, enquanto se dirigia para a Mansão Ruckley.

Depois riu, por ter achado tal coisa possível.

Os criados ficaram surpresos, ao vê-lo.

— É um prazer, milorde — disse o mordomo.

— Onde está Hobley?

— Vou mandar chamá-lo, milorde. Está na biblioteca.

— Eu mesmo vou procurá-lo.

Abriu a porta da biblioteca, mas o preceptor não estava. Notou, com surpresa, a criaturinha esguia, de pé, perto de uma estante.

Ela se virou, e a primeira impressão do marquês foi de que os olhos da

moça eram grandes demais para o rosto. Só quando se aproximou, percebeu que, em vez de pretos, como são em geral os olhos dos ciganos, eram de um verde-escuro.

Ela nada disse e ficou esperando que o marquês se aproximasse.

Ele lhe estendeu a mão.

— Sou o marquês de Ruckley e devo-lhe uma desculpa. A moça pegou a mão estendida, quase a contragosto.

O marquês reteve por alguns instantes os dedos frios e teve a sensação de que uma corrente passou entre eles.

— Está melhor?

— Sim, estou bem, obrigada.

Era uma voz grave e musical, com um sotaque estrangeiro. O ferimento da testa ainda estava vermelho. A moça usava o mesmo vestido, mas a blusa era outra. No braço, havia uma atadura.

— Não preciso lhe dizer como lamento tê-la machucado.

— Foi culpa minha. Eu estava olhando para sua casa e esqueci-me de tudo, porque ela é muito bonita.

— Fico contente que ache isso. Espero que alguém já lhe tenha dito que foi construída no reinado de Elizabeth e há poucas casas Tudor no país que se comparem a ela.

Havia uma nota de orgulho na voz do marquês, porque Ruckley significava muito para ele.

— Nunca pensei que as casas na Inglaterra fossem tão bonitas.

— Pelo que diz, parece que não está há muito tempo na Inglaterra.

— Não. É a primeira vez.

— Como se chama?

— Saviya.

— É um nome estranho...

— Pode parecer para o senhor, mas é muito comum na minha tribo.

— E qual é a sua tribo?

Por um momento pensou que ela não fosse responder.

— Nossa tribo é a Kalderash. — Notou que ele não sabia o que isso significava e acrescentou: — Os que trabalham com metal, os ferreiros, os curandeiros, os músicos e os mágicos!

— Mágicos? Ah, você quer dizer cartomantes e essa espécie de coisa. Acho que os ciganos são muito bons nisso.

Saviya sorriu com certa ironia.

— Quero lhe agradecer, milorde, por ter dado ordem para que eu fosse bem tratada em sua casa, até que convalescesse. Foi uma experiência muito interessante para mim.

— Acredito! Talvez você nunca tenha dormido debaixo de um teto.

Ela deu o mesmo sorriso, como se o marquês tivesse dito uma coisa ridícula. Mas ele achou que aquilo era o jeito dela.

— De onde vem? Quero dizer, de que país?

A moça hesitou. Antes que respondesse, a porta se abriu e o reverendo entrou.

— Ah, cá está, milorde! Ouvi dizer que tinha chegado. É um prazer tê-lo de volta tão depressa. Vejo que conheceu minha nova aluna.

O marquês apertou a mão do reverendo e perguntou, admirado:

— Sua nova aluna?

— Saviya tem uma mente brilhante e a memória mais extraordinária que jamais encontrei.

— Tudo isso numa só pessoa?

— Pode não acreditar, milorde, mas esta moça assimila um novo assunto de um modo que considero fenomenal — disse o reverendo, como se Saviya não estivesse presente.

Ela ouvia, ainda com o mesmo sorriso nos lábios.

— Eu tinha a impressão de que os ciganos não sabiam ler, nem escrever, mas posso estar enganado, é claro — disse o marquês.

— É verdade — respondeu Saviya. — E não querem aprender. Guardam de memória o que ouvem e há contadores de histórias que põem nossas lendas em versos ou em canções. Além do mais, como os ciganos estão sempre mudando de lugar, não há espaço para livros, entre eles.

— Mas, pelo que acabo de ouvir, você sabe ler!

— Sou uma exceção. — Ainda com aquele sorriso irônico, ela acrescentou: — Mas a questão é que sou feiticeira!

— Feiticeira!

— Mas, claro! Do contrário, não poderia merecer os elogios que o reverendo acaba de me fazer.

O marquês estava intrigado.

— Vocês dois têm que me contar muito mais a esse respeito. Em primeiro lugar, quero saber de onde Saviya veio, e por que sua tribo veio

visitar Ruckley, ao que parece, pela primeira vez.

— Ouvi contar, não por Saviya, mas por pessoas das redondezas, que há certos lugares que os ciganos visitam em rodízio — começou o reverendo.

— Ruckley é um deles, por causa do arranjo feito com sua avó, milorde, como lhe contei.

— Não esqueci. O que me interessa é saber por que atraímos ciganos, não apenas ingleses, mas também estrangeiros.

— Todos os ciganos são estrangeiros — disse a moça. — Não existe um lugar que possamos dizer que é nosso.

— Por que não?

— Estamos condenados a errar pelo mundo, talvez para expiarmos os pecados passados, talvez porque, para nós, isto seja felicidade.

O marquês sentou-se na beirada da escrivaninha.

— Quer fazer o favor de responder à pergunta que já fiz? De onde vem você?

— Da Alemanha.

— E antes disso?

— Da Rússia, através da Polônia.

— Deixe-me pensar. Tenho a impressão de que os russos tratam seus ciganos de maneira diferente dos outros povos. É verdade?

— Todos os países, numa época ou outra, perseguiram os ciganos, com exceção dos russos — explicou a moça. — Lá, temos um *status* diferente.

— Por quê?

— Por causa da nossa música e porque os russos apreciam nossas danças.

O marquês olhou para a figurinha esbelta. Mesmo parada, ela possuía uma graça que ele não encontrava em outras mulheres.

— Você é dançarina? Ela inclinou a cabeça.

— Aprendi com minha mãe, que foi uma das maiores dançarinas ciganas da Rússia. Grão-duques e príncipes brigavam para que ela dançasse em seus teatros particulares, e, em várias ocasiões, ela dançou diante do czar.

— É fascinante, não é? — disse o reverendo. — Há coisas que sempre desejei saber sobre os ciganos e até agora nunca tive oportunidade de aprender.

— Conte mais — pediu o marquês.

— Para que ria de nós?

— Sabe que eu não faria isso — respondeu ele, sério. — Estou tão interessado como o reverendo, pois percebemos agora como somos ignorantes a respeito de sua raça.

— Os ciganos preferem que ninguém saiba coisas a seu respeito. É bom que sejam misteriosos. Assim, quando partem, há pouca coisa deles para ser lembrada.

Um lacaios veio informar que alguém desejava ver o reverendo.

— Não vá embora, antes de eu voltar, milorde.

— Não estou com pressa.

Depois que a porta se fechou, o marquês disse a Saviya:

— Venha sentar-se para conversar comigo.

Foi até a janela, junto à qual havia cadeiras confortáveis para que, ali da biblioteca, se pudesse ver o gramado aveludado do jardim. Além, ficava a sebe e, atrás da sebe, a horta.

O marquês sentou-se numa cadeira e Saviya, na ponta do banco. Ela olhou para fora e ele apreciou seu perfil delicado. Que linda! Mas não de uma beleza clássica.

Era única, com seus olhos verdes amendoados, rosto oval e queixinho fino, lábios que sorriam com expressão ligeiramente irônica. Os cabelos lhe caíam até abaixo da cintura. Agora, usava brincos feitos de moedas, que combinavam com o colar.

— Hobley lhe entregou o dinheiro, como mandei? Saviya virou o rosto e o encarou.

— Não quero o seu dinheiro.

O marquês pensou, então, que as moedas que a moça tinha no pescoço e nas orelhas valiam cem vezes mais do que as cinco libras que ele quisera lhe dar como compensação por seus ferimentos.

Também desconfiava de que as pedras vermelhas que tinha julgado vidro eram, na realidade, rubis.

Depois, achou que estava tendo um ataque de estupidez. Como é que os ciganos podiam possuir coisas tão valiosas?

— Fale-me de sua tribo.

— Já lhe contei o que eles fazem — disse a moça, num tom que parecia censurá-lo por querer que ela se repetisse.

— E que metais vocês empregam?

— Cobre, prata, ouro. O que for necessário para o trabalho que

fazemos.

– Ouro?

– Na Hungria, os nobres usam taças para o vinho e toda espécie de garrafas para enfeitar a mesa. São os homens da Kalderash que as fabricam.

– Gostou de morar na Hungria? – Antes que ela pudesse responder, continuou: – Tenho uma idéia de que os húngaros têm um nome especial para vocês.

– Na Hungria e na Alemanha, nossos chefes são chamados de “duques do pequeno Egito”.

– Um título muito importante. Isso lhe agrada?

– Às vezes, somos reis. Na Alemanha, somos *Zigeuner*, na França, boêmios, na Turquia, *tchinghanie* e, na Pérsia, *karaki*. Que importância tem isso? Ainda somos ciganos.

– Mas são mais apreciados em alguns países do que em outros.

– O rei Sigismundo da Hungria deu aos ciganos cartas de proteção. James V da Escócia deu a um de nossos patronos, Johnie Faur, lorde e conde do pequeno Egito, direitos jurídicos sobre suas próprias Bandas Ciganas.

– Como é que sabe disso?

– Nossa história é transmitida de tribo em tribo, para que possamos saber onde encontrar amigos.

– É muito sensato. Eu gostaria de conhecer o resto de sua tribo. Posso ir ao acampamento?

– Não!

– Por que não?

– Porque, se eles o virem, não deixarão mais que eu venha aqui. O marquês ficou surpreso.

– Por quê?

Saviya hesitou um pouco.

– Meu pai, que é o chefe da tribo, ou o *voivode*, como o chamam, permitiu que eu viesse aqui e lesse seus livros, porque sabia que o senhor não estava em casa. Se souber que voltou, não deixará mais que eu venha.

– Mas... o que seu pai tem contra mim?

– O senhor é um homem!

– Explique o que quer dizer com isso.

– Talvez, outro dia – disse Saviya, levantando-se. – Está ficando tarde e, se eu não voltar, eles virão me buscar.

– Voltar para onde?

– Para onde estamos acampados, na mata.

– Mas pensei que você estivesse hospedada aqui em casa!

– Só nos dois primeiros dias, quando eu estava inconsciente. Mas, como o sr. Hobley foi muito bom e tratou de mim, permitiram que eu voltasse, para os curativos. Depois, eu pedi a meu pai que me deixasse vir ler seus livros. Ele deu licença, mas não pode haver outro motivo para eu vir à sua casa.

– Você volta amanhã?

– Creio que não me darão licença.

– Então, não diga a seu pai que estou aqui. A moça olhou-o por sob as longas pestanas.

– Por favor, volte amanhã. Há muita coisa que quero saber a respeito de vocês. Por exemplo: por que é feiticeira? E que magias pode realizar?

Saviya sorriu, mas não respondeu.

Afastou-se, e o marquês achou que nunca tinha visto uma mulher andar com tanta graça. Ela parecia flutuar. Quando chegou à porta, a moça se virou.

– Você volta amanhã? — insistiu o marquês.

– Se for possível. Dito isso, desapareceu.

Ele ficou imóvel por um momento, olhando para a porta fechada.

– Uma feiticeira! — disse, em voz alta. — Está aí uma criatura que eu jamais pensei encontrar!

CAPÍTULO III

O marquês levantou-se cedo, no dia seguinte, pois tinha que ir à casa de Eurydice, para combinarem os detalhes sobre a administração da propriedade dela.

Enquanto Hobley o ajudava a vestir o traje de montaria, ele disse:

– Tratou muito bem da nossa cigana, Hobley.

– Os ferimentos cicatrizaram logo, porque ela é muito sadia, milorde.

E, na realidade, foi um prazer.

O marquês franziu a testa.

– A criadagem perdeu o medo dela?

– Sim, milorde. Ela cativou todo mundo. Até mesmo a sra. Meedham fala bem da jovem senhora.

O marquês achou divertido ver que Saviya tinha mudado de “uma daquelas ciganas” para “a jovem senhora”. Era realmente um elogio.

Não havia ninguém mais esnobe, nem mais rígido em questões de etiqueta, do que os criados dos nobres. A menor infração em relação a seus privilégios ou à ordem de procedência causava quase uma revolução entre eles.

O fato de não terem mais medo de Saviya e de a terem aceitado como era significava uma mudança de atitude incomum e imprevisível.

O marquês não revelou seus pensamentos a Hobley. Disse, apenas:

– Parece que o reverendo tem em grande conta a inteligência dela.

– O reverendo sabe julgar as pessoas, milorde.

Quando se dirigia para a casa de Eurydice, atravessando o parque e depois a mata, ele percebeu que estava pensando em Saviya. Havia grandes extensões de mata naquela parte de Hertfordshire e o marquês imaginou que não apenas um grupo de ciganos, mas vários, poderiam se esconder ali, sem que fossem descobertos.

Entretanto, tinha uma vaga idéia de onde eles podiam estar acampados e achou que, assim que tivesse tempo, talvez fosse visitá-los, para saber como eram e como viviam.

Ao mesmo tempo, se acreditasse no que Saviya havia dito, sua chegada faria com que as visitas da moça cessassem. E, no momento, ele não

queria que isso acontecesse.

Estaria ela dizendo a verdade?

Sempre achara que os ciganos eram liberais e que suas mulheres dispensavam seus favores a quem quisessem. Se assim fosse, lembrou sorrindo, elas estariam se comportando como as aristocratas da alta sociedade.

Não havia dúvida de que a moral da sociedade, em matéria de sexo, era muito elástica.

Aliás, toda Londres tinha se transformado em um antro de vícios. Um homem precisava ser cego para não notar o número crescente de prostitutas pintadas que enchiam as ruas, à noite. Algumas ainda eram crianças. Os antros onde os meninos aprendiam a roubar, bater carteiras e cometer todos os pequenos delitos aumentavam a cada dia.

Há tantos males que deviam ser denunciados, pensou. E era necessário que houvesse reformas. Imaginou se não devia falar sobre isso, quando tivesse oportunidade, na Câmara dos Lordes.

Depois, com um sorriso irônico, achou que não era a pessoa indicada para denunciar a imoralidade ou se arvorar em defensor da moral.

Lembrou-se dos rostos de muitas mulheres sedutoras fitando-o com o olhar ardente, entregando-lhe os lábios com uma facilidade que indicava não ser ele seu primeiro amante, nem o último.

Apesar de tudo, estava disposto a apostar que a ciganazinha era pura.

Ao pensar nisso, riu alto.

Francamente, devia estar louco para achar tal coisa possível.

Afinal, Saviya dissera que tinha visitado a Rússia, a Hungria e a Alemanha. Para chegar a esses países, devia ter passado por muitos outros. Seria possível que, nessas viagens, sua beleza exótica não tivesse despertado atenção?

E, quanto aos homens da própria tribo? Deviam ter olhos e sangue quente!

O marquês saiu da mata, diante da casa de Eurydice. Procurou afastar do pensamento a lembrança de Saviya e de todas as mulheres que conhecia. Sabia que havia à sua frente muita coisa para decidir e talvez mesmo muito trabalho.

Não se enganava.

Quando voltou para casa, na hora do almoço, não havia a menor

chance de poder voltar para Londres, pelo menos durante uma semana. Estava realmente consternado com o estado em que Eurydice tinha deixado suas propriedades.

As instruções da moça eram muito claras. As propriedades deviam ser administradas por ele, e todas as ordens, no futuro, assim como os pagamentos, é claro, partiriam de Ruckley.

O marquês refletiu em que qualquer pessoa ficaria aborrecida por ter que arcar com essa responsabilidade inesperada, mas, por outro lado, adivinhou que Eurydice sabia que sua decisão era, de certo modo, um triunfo para ele.

O pai do marquês sempre desejara adquirir aquelas terras e incorporá-las a Ruckley. Agora, para todos os efeitos, era o que estava acontecendo!

Entrevistou o agente, os administradores das fazendas e o advogado de Eurydice, que lhe apresentou uma papelada que exigia sua assinatura.

Enquanto se dirigia para casa, o marquês refletiu que era necessário dar toda a sua atenção à nova propriedade, para corrigir a perda de rendimentos que havia descoberto.

Quando chegou à mansão, ainda estava estudando como coordenar a gerência das duas propriedades.

Faltava um quarto de hora para o almoço. Entregando o chapéu e o chicote a um laçao, dirigiu-se maquinalmente para a biblioteca.

Como esperava, o reverendo e Saviya estavam lá, tão interessados no que liam, que só o viram quando chegou no meio da sala.

Os dois se viraram, e não havia dúvida quanto à alegria de ambos.

— Então, chegou, milorde! — exclamou o reverendo. — Saiu cedo hoje de manhã, antes que eu tivesse tempo de lhe falar sobre a minha descoberta.

— Bom-dia, reverendo. E bom-dia, Saviya.

A moça sorriu, e o marquês a achou muito bonita.

— Bom-dia, milorde. — Depois, como uma criança que tem uma coisa excitante para contar, acrescentou: — O reverendo achou um livro que certamente vai lhe agradar.

— Que livro?

— A respeito dos ciganos. Escrito por um tal John Hoyland — explicou o reverendo, entregando o volume ao marquês. — Não sabia que estava aqui na biblioteca, mas a verdade é que foi publicado há apenas dois anos. Conta tudo o que o senhor queria saber sobre a origem dos ciganos.

– Com certeza, foi meu pai quem o comprou.

– Sim, deve ter sido, porque ele morreu nesse mesmo ano, e o livro não foi incluído no catálogo.

O marquês folheou o volume e disse:

– Vejo que há uma lista comparativa da língua cigana e da hindustani. Algumas palavras são muito parecidas.

– É verdade – concordou Saviya. – Por exemplo, em inglês, eu diria que o senhor é um príncipe, um homem muito importante. Em hindustani, a palavra é *rajah* e, na língua cigana, ou romani, *raja*.

– Preciso estudar isso – disse o marquês. – Mas agora estou com muita fome e também com sede. Aceita tomar um copo de vinho comigo, reverendo?

– Com muito prazer, milorde.

– E espero que almoce comigo, Saviya. Ela hesitou por um momento.

– Gostaria muito.

– Não adianta convidá-lo, não é, reverendo? – perguntou o marquês. O velho sacudiu a cabeça.

– Sabe que, com o meu estômago, só posso comer uma vez por dia. Foram para o salão. Depois de aceitar um cálice de madeira, o velho voltou para a biblioteca.

Saviya olhou para as botas reluzentes do marquês e comentou:

– O senhor foi andar a cavalo. Estive admirando os magníficos animais de suas cocheiras.

– Sabe andar a cavalo? Ela sorriu.

– É do que mais gosto, depois da dança.

– Espero ver você fazer as duas coisas.

Foram almoçar, e ele ficou imaginando como seriam as maneiras dela à mesa. Certamente, uma cigana não conhecia a etiqueta observada à mesa dos nobres.

Mas logo compreendeu que seria impossível Saviya fazer qualquer coisa que não fosse graciosa e elegante. Notou, entretanto, que ela não pegava nenhum talher, até que pudesse imitá-lo.

Mas isso foi feito de maneira inteligente, e ninguém, a não ser que a estivesse observando, teria notado que ela imitava o dono da casa, não só na escolha do talher, como na maneira de ele se servir.

Dali a pouco, o marquês deixou de observar se Saviya cometia algum

engano. Estava interessado demais no que ela dizia, para pensar em qualquer outra coisa.

Não teve dificuldade em fazer com que ela falasse de suas viagens. Era perito em deixar uma mulher à vontade, em obter sua confiança e em fazê-la se sentir tão segura e tão feliz, que era capaz de lhe contar seus segredos mais íntimos.

Em geral, ele não se esforçava muito nesse sentido, mas sabia, inconscientemente, que tinha esse dom.

Como imaginava que Saviya nunca tinha almoçado sozinha com um homem, principalmente em circunstâncias tão agradáveis, foi fácil fazer com que ela falasse.

A moça contou como os ciganos perambulavam pela Europa, indo de um país a outro, muitas vezes tendo que fugir da cruel perseguição das autoridades, mas geralmente sendo bem recebidos pelo povo, devido ao seu artesanato, à sua feitiçaria e à sua habilidade em lidar com cavalos.

– Meu pai é uma grande autoridade em matéria de cavalos. Muitas vezes, recebe a incumbência de comprar animais num país para mandá-los para outro.

– Quantas pessoas há na sua tribo?

– Quando saímos da Hungria para a Rússia, éramos duzentos, mas em geral somos quarenta ou cinquenta, como agora, aqui na Inglaterra.

– Vocês dormem em tendas?

– Antigamente, sim. Agora, temos uma novidade.

– Qual é?

– Compramos *trailers*. Na Inglaterra não há muitos, ainda, mas na Europa várias tribos os possuem. Os *trailers* sempre foram usados pelo pessoal dos circos, mas são tão confortáveis que agora todos os ciganos que têm condições compram um.

Depois do almoço, foram visitar as cocheiras, e o marquês logo percebeu que, como era de se esperar, a moça tinha muito jeito para lidar com cavalos.

– Que magia você usa com um animal inquieto ou selvagem? – perguntou, quando ela entrou na baia de um garanhão do qual até os cavaleiros tinham certo receio.

– É um segredo dos ciganos que não deve ser contado a um *gorgio*.

– É isso que eu sou?

- Todo aquele que não é cigano é *gorgio*. Ou *gadje*.
- E vocês o que são?
- Somos ciganos — respondeu, orgulhosa.

Depois da visita às cocheiras, o marquês a levou para a parte antiga da mansão, onde havia os esconderijos dos padres. Era ali que os padres católicos antigamente se escondiam dos soldados da rainha Elizabeth, que, de outra forma, os teriam queimado vivos.

Os esconderijos foram usados, mais tarde, pelos Ruckley, quando Cromwell derrotou os realistas e enforcou muitos em Tyburn Hill.

Enquanto mostrava seu lar a Saviya, o marquês contou histórias e lendas da família, que conhecia desde os tempos de menino.

Apreciou a atenção que ela dava a tudo o que ouvia, a luz de seus olhos, a expressão dos lábios, diferente do sorriso irônico da véspera.

Finalmente, chegaram à galeria de retratos, onde ele lhe mostrou os quadros de seus antepassados. Parou diante de uma janela e olhou para o jardim. Bem abaixo da janela havia uma fonte onde se via um cupido de pedra com um peixe grande nas mãos. Da boca, saía um jato de água, para o alto, brilhando ao sol.

- O senhor tem muita sorte — disse Saviya, em voz baixa.
- Tenho?
- Talvez não perceba isso, mas um dia vai compreender o que esta casa e tudo o que ela encerra representam para a sua felicidade.
- Acho que já compreendo. Está lendo a minha sorte, Saviya?
- Não, realmente. Ao mesmo tempo, há alguma coisa que não me agrada.

O marquês teve a impressão de que a voz dela havia mudado.

A moça virou a cabeça e o encarou. Ele teve a estranha sensação de que a cigana não estava olhando para ele, e sim, através e além dele.

- Sim, há perigo — disse ela, em voz baixa. — Precisa ter cuidado! O senhor tem um inimigo. É um homem, e está procurando prejudicá-lo.
- Como sabe disso? Hobley andou conversando com você?
- Sei porque ele está aí — respondeu Saviya. — Vejo-o nitidamente. É moreno, tem um nariz comprido e o nome dele tem a primeira letra do seu. O senhor precisa ter cuidado... muito cuidado com ele!
- Como sabe disso? — o marquês tornou a perguntar.

Sua voz era áspera. Saviya sacudiu a cabeça, como se quisesse se livrar

de alguma coisa que a machucava. Ajoelhou-se depois no banco da janela e olhou para o jardim.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— O que me contou é verdade, mas não compreendo como pode saber de uma coisa que só diz respeito à minha vida particular.

— Eu lhe disse que sou feiticeira.

— Pensei que estivesse brincando.

— A magia é brincadeira para a tribo Kalderash. Faz parte de nós, de nosso destino, e não podemos escapar a ela.

— O que me contou é verdade, mas você não disse se meu inimigo vai ter sucesso naquilo que está tentando contra mim.

Houve um momento de silêncio. Depois, ainda sem olhar para ele, Saviya disse:

— Eu o preveni do perigo. Isto basta. Um homem prevenido vale por dois.

— Espero que tenha razão.

Ela se virou de repente para ele.

— Tenha cuidado! Por favor, tenha cuidado!

Os olhos de ambos se encontraram. Por um momento, pareceu que uma corrente passou entre eles. Quase sem o perceber, o marquês estendeu os braços para Saviya. Foi um gesto instintivo, uma coisa que fazia quando se sentia atraído por uma mulher bonita. Nem cogitou da reação que ela teria. Apenas seguiu seu impulso.

E então, quando suas mãos tocaram a moça e ia puxá-la, inclinando-se para beijá-la, Saviya torceu o corpo, libertando-se.

Atônito, viu que ela segurava um punhal longo, reluzente, como os que os italianos usam.

Saviya segurava-o com firmeza, entre os seios, a ponta dirigida para o peito do marquês.

Lentamente, ele baixou os braços.

Por um momento, nenhum dos dois falou.

— O senhor é um *gorgio*. Não deve me tocar. É proibido.

— Por quê?

— Nenhuma cigana pode ter contato com um *gorgio*. Se isso acontecer, ela será expulsa da tribo.

— É verdade? Fale-me sobre isso, Saviya, e afaste essa arma perigosa.

Prometo que não a tocarei sem a sua permissão.

A moça fitou-o, desconfiada. Depois, com uma rapidez que ele nem chegou a notar, o punhal desapareceu dentro do corpete e ela sentou no banco da janela.

— Ignoro totalmente seus costumes — disse o marquês. — Por favor, perdoe-me, se a ofendi.

Falou de uma maneira sedutora, e até mesmo uma mulher muito mais experiente do que Saviya teria dificuldade em resistir.

— Se estivesse aqui com uma... senhora de sua raça... o senhor a teria beijado?

— Creio que ela teria ficado muito decepcionada, se eu não tentasse fazer isso.

O marquês sorriu, mas a jovem estava séria.

— Se ela fosse solteira, o senhor não se sentiria na obrigação de... pedi-la em casamento?

— Se ela fosse solteira, seria pouco provável que estivéssemos aqui sem uma acompanhante.

— E se fosse casada?

— Então, na maioria dos casos, a dama em questão esperaria que eu demonstrasse minha admiração por seus encantos.

— Se ela fosse cigana, o marido lhe daria uma surra por se comportar desse jeito. E, na França, raspariam sua cabeça.

— Raspariam a cabeça?! É mesmo verdade?

— É um castigo comum entre os ciganos. E, durante muitos meses, ela seria objeto de desprezo na tribo.

— Então, os maridos ciganos batem nas mulheres!

— Há castigos piores, quando elas se comportam mal. Mas não é comum. Os casamentos dos ciganos são muito felizes e duram para sempre!

— Mesmo quando o casal não combina?

— Somos um povo feliz. A vida familiar é sagrada, e quem peca contra a santidade do casamento merece o castigo que recebe.

Falou com tanta convicção, que o marquês achou que devia ser verdade. Mesmo assim, estava surpreso.

— Com quem você vai casar, Saviya?

— Não ficarei sabendo, até o rapaz falar com meu pai.

— Você não pode escolher?

– Os casamentos, na tribo, são sempre arranjados entre os pais do noivo e da noiva. Uma noiva não pode falar com o futuro marido nem mesmo na presença de outras pessoas.

– Isso é muito estranho...

– Acho que talvez tenhamos herdado isso de nossos ancestrais indianos. Seja qual for a origem desse costume, colocam uma moeda de ouro no pescoço da moça e isto a marca como *tomnimi*, isto é, prometida.

– Que acontece, quando um cigano ou uma cigana se apaixona por um *gorgio*?

– Em ambos os casos, isso significa expulsão e exílio.

– Por toda a vida?

– Essas pessoas são desprezadas, odiadas, e ninguém falará com elas. São *poshrats*, *didikais*, deixam de existir.

– É um código muito duro! Você não fica assustada com a idéia de casar com alguém que nunca viu, com um homem que não conhece e de quem talvez não venha a gostar?

Saviya desviou o olhar e o marquês teve a impressão de que tinha tocado num ponto sensível, num segredo que ela guardava até mesmo de si mesma.

A moça não respondeu. Ele perguntou, em voz grave:

– Responda-me, Saviya, quero saber.

– Sim.... A idéia me assusta.

– Não acha que o amor é mais importante do que qualquer outra coisa? Não existe amor entre os ciganos?

– Uma mulher deve amar o marido.

– Mas, e se isso é impossível? Se, por exemplo, ela se apaixonar por outro homem, antes do casamento, o amor não lhe parecerá mais importante do que as leis e os regulamentos da tribo?

– Não sei. Nunca aconteceu comigo.

– Mas você pensou nisso. Talvez, Saviya, tenha sonhado com um homem a quem pudesse amar, um homem que conquistasse seu coração.

A voz dele era grave. Quando a moça o fitou, o marquês julgou ver nos olhos dela a expressão de um animalzinho assustado.

– Mas as leis da Kalderash são justas e meu povo acredita nelas.

– Mas você... você é diferente. É uma feiticeira e, portanto, mais sensível e capaz de sentimentos mais profundos do que os outros.

– Por que me diz essas coisas?

– Porque é muito bonita. Porque não só é incrivelmente bela, como tem inteligência. Neste mundo, as pessoas inteligentes são as que mais sofrem, Saviya.

Ela não respondeu, mas o marquês notou que estremecia ligeiramente.

– É a diferença que há entre um cavalo de raça e de um animal de carga – continuou. – Você sabe, tanto quanto eu, que um é muito mais vibrante, muito mais sensível à dor do que o outro.

Dali a alguns minutos, a moça disse:

– É melhor não pensar em... amor.

– Mas você pensa. E alguma coisa incontrollável em você anseia por amor.

As palavras pareceram vibrar entre eles. Enquanto o marquês esperava por uma resposta, ouviram-se passos na extremidade da galeria e uma voz conhecida disse:

– Ah, aí está você, Fabius! Disseram-me que estava visitando a casa.

O marquês virou-se para receber Charles Collington.

– Recebi seu bilhete – disse Charles, caminhando pelo reluzente assoalho de carvalho. – Achei que você devia ter um motivo muito sério para ficar no campo, de modo que vim em seu socorro, se é esta a palavra exata!

– Eu apenas o avisei de que não podia jantar com você hoje.

– Seja como for, achei que, para mim, era importante estar a seu lado.

Aproximou-se e olhou para Saviya, com ar de surpresa.

– Deixe-me apresentá-los – disse o marquês. – Capitão Charles Collington. Saviya, uma linda cigana que atrolei com a minha carruagem.

– Maneira original de conhecer uma jovem! – Estendeu a mão a Saviya. – Muito prazer, senhorita.

A moça fez uma reverência.

– Agora preciso ir – disse ao marquês.

– Não, por favor, não vá. Este é o meu grande amigo e sei que se eu lhe contar o que aconteceu, ele não vai acreditar numa palavra, a não ser que você garanta que estou dizendo a verdade.

– O marquês disse que é cigana? – perguntou Charles, com indistinto interesse.

– É, sim – respondeu o amigo. – E abriu meus olhos para um

mundo novo, que eu não conhecia.

— Sempre fui um grande admirador dos ciganos — disse Charles.

— Quando estávamos lutando em Portugal, os ciganos foram muito úteis. Podiam ir de um exército ao outro, sem medo. Não eram amigos, nem inimigos; portanto, levavam mensagens e espionavam para ambos os lados.

— Pensando bem, acho que você tem razão! — exclamou o marquês.
— Nunca prestei muita atenção aos ciganos portugueses.

— Os ciganos não gostam que lhes dêem atenção — disse Saviya com um sorriso. — Gostariam de ser invisíveis, de ir de um lado a outro sem que os incomodassem.

— Pois estou muito satisfeito por você não ser invisível! — disse Charles, com um olhar de franca admiração. — Não é de estranhar que Fabius não queira voltar para Londres. Depois que a vi, acho que é uma boa razão para ele preferir o campo.

— Acho que você vai querer um drinque, depois de ter vindo de Londres — disse o marquês. — Quanto tempo levou?

— Uma hora e trinta e cinco minutos. Não é um recorde, mas não me apressei. Meus cavalos não são tão bons como os seus.

— Geralmente, levo uma hora e quinze — disse o marquês. — Isto é, vindo pelo campo. Pela estrada, é mais longe.

— Pouco me importa o tempo que levei. Estou encantado por estar aqui — disse Collington, sem desviar os olhos de Saviya.

O marquês notou que ela recuou um pouco, como se achasse que Collington estava sendo indiscreto.

Quando desceram, para o recém-chegado tomar um copo de vinho, o chá tinha sido servido no salão. Havia várias qualidades de sanduíches, bolos e outras guloseimas preparadas pelo cozinheiro de Ruckley.

Enquanto comiam, Charles descreveu um baile a que comparecera na véspera.

— Por falar nisso, *sir* Algernon estava zombando de nós, porque ninguém ainda tentou ganhar a aposta de mil guinéus que fizemos com ele.

— Uma aposta de mil guinéus? — espantou-se Saviya. — Que quantia grande!

— Não é nada, em comparação com o que alguns tolos perdem no jogo — disse Collington. — Ontem à noite, só no White, mais de vinte mil libras trocaram de mãos! Inútil dizer que nada veio parar nas minhas!

— O senhor é pobre? — perguntou Saviya.

— Paupérrimo! O marquês riu.

— Não acredite nele, Saviya. Está muito bem de vida, mas é extravagante, como todos os rapazes que freqüentam os clubes de jogo de St. James.

— Os ciganos gostam de esporte — disse a moça.

— Mostram ter mais juízo — observou Charles. — Pensando bem, é uma grande tolice jogar dinheiro fora, dependendo da virada de uma carta. O jogador acaba sempre perdendo. Por outro lado, gostaria de dar uma lição a *sir* Algernon. Tem tanta convicção de ser infalível, que fico irritado.

Fez uma pausa e continuou, pensativo:

— Acha que Gibbon ia desconfiar de que a sra. Saviya é cigana?

— Está aí uma coisa que eu nunca teria pensado, a não ser por ela estar vestida de cigana — disse o marquês.

— Se ela estivesse vestida como uma dama da sociedade, tenho certeza de que eu nunca desconfiaria de que era outra coisa.

— De que estão falando? — perguntou Saviya, perplexa. Contaram-lhe sobre a aposta de *sir* Algernon, e ela riu.

— Ele devia ter certeza de que ninguém tinha chance de ganhar, para apostar tanto dinheiro!

— Ele é seguro demais! — disse Collington. — É por isso que temos que mostrar o quanto é pretensioso. O negócio todo é uma asneira! Você pode picar qualquer pessoa, que o sangue é sempre vermelho.

— Ou atropelar — comentou o marquês, olhando para o ferimento na testa de Saviya.

— Por favor, leve isso a sério, Fabius — pediu Charles. — Encontramos a pessoa ideal para confundir Gibbon e fazer com que engula suas palavras.

— Pode dar certo. O problema é convencer Gibbon a vir aqui e encontrar Saviya. Creio que não dariam licença para que ela fosse conosco.

— Tenho certeza de que meu pai não permitiria.

— Então, temos que dar um jeito de atrair *sir* Algernon a Ruckley, sem que ele desconfie de nada, Charles.

— É um problema... Quais são os principais interesses dele?

— A caça é o primeiro. Ele já caçou aqui, mas agora não é época de faisões nem de codornas.

– Não, claro que não. Que mais?

– Achei! – exclamou o marquês.

O amigo esperou, ansioso, pela explicação.

– A única coisa que interessa a *sir* Algernon, além da árvore genealógica da sua família, é a sua coleção de moedas antigas.

– Uma coisa que sempre achei muito cacete – disse Charles. – Então, aonde isso nos leva?

– A muito longe. – Olhou para o colar de moedas de Saviya. – Diga-me: sua tribo tem algumas moedas antigas, que nos possa emprestar por um dia? Estou vendo que algumas dessas do seu colar são romanas. Vocês possuem mais algumas?

– Muitas.

– Se dissermos a *sir* Algernon que encontramos uma dúzia de moedas enterradas num dos campos, e que queremos a opinião dele sobre se devemos procurar por mais, tenho certeza de que ficará muito curioso.

– Idéia brilhante, Fabius! Sente-se e escreva uma carta, que eu a levarei para Londres!

– Prefiro mandar um de meus empregados. Se você fosse o mensageiro, ele poderia desconfiar de que estamos colaborando um com o outro.

– É verdade... Mas não se esqueça de que temos que encontrar um traje adequado para Saviya, além de resolver quem ela é e de onde vem.

– Quando terminarmos, vai parecer um romance policial – comentou o marquês, rindo.

– E por que não? – perguntou Charles. – Mil guinéus são mil guinéus.

– Posso lhe lembrar, caro amigo, que ainda não perguntamos a Saviya se quer participar da farsa?

– Tenho medo de deixá-los na mão – respondeu a moça, suavemente. – Sou cigana e é pouco provável que alguém me tome por uma dama da sociedade inglesa.

– Quem é que falou em ser inglesa? Isto seria ridículo.

– Quer dizer que... não falo como uma inglesa?

– Espero que não fique desapontada, mas você tem uma indiscutível pronúncia estrangeira – disse o marquês. – É muito atraente, é mesmo encantadora, mas é decididamente estrangeira!

— Isto porque estou na Inglaterra há pouco tempo. Depois que passo seis meses num país, todo mundo diz que falo a língua perfeitamente.

— A memória fantástica a que se refere o reverendo — disse o marquês, sorrindo.

— Então, ela tem que representar uma estrangeira — sugeriu Collington. — Não tem importância. Podemos lhe dar um nome sonoro e um título. Para dizer a verdade, isso tornará ainda mais difícil a *sir* Algernon descobrir que ela não é quem pretende ser.

— Que país você prefere, Saviya? — perguntou o marquês. Ela refletiu por um momento.

— Minha mãe era russa, e vivi em São Petersburgo e em Moscou durante dez anos. É claro que devo passar por russa.

— Tem razão. E você parece russa, com esses seus cabelos pretos e pele cor-de-marfim.

Havia na voz de Charles uma nota galante, que não passou despercebida ao marquês.

— Acho que agora você devia ir embora, Saviya — disse ele. — Não quero que seu pai fique aborrecido por estar atrasada, e é importante que não a proibam de voltar aqui. Pode perguntar se nos emprestam as moedas?

— Eu as trarei amanhã.

Fez uma profunda reverência ao marquês e uma muito superficial a Charles. Depois, afastou-se pela galeria. Os dois homens ficaram observando a silhueta elegante, até ela desaparecer pela porta da outra extremidade.

Charles Collington não se conteve:

— Meu Deus, Fabius, você é um malandrão! Onde é que encontrou uma criatura tão atraente, tão fascinante, tão incrivelmente bela?

CAPÍTULO IV

Enquanto se vestia para o jantar, o marquês pensou que, até então, tudo ia bem.

Sir Algernon Gibbon tinha chegado no princípio da tarde. O marquês e Charles Collington o levaram para um campo recém-arado, onde lhe mostraram o local onde, disseram eles, tinham encontrado sete moedas romanas.

Gibbon ficou muito excitado, comentando que, não só eram muito antigas, mas de grande valor. Aconselhou o marquês, veementemente, a cavar mais fundo no local da descoberta, para verificarem se havia outros tesouros enterrados.

Fez uma longa dissertação sobre a maneira como os romanos construíam seus anfiteatros e suas vilas, dizendo que havia muitas relíquias romanas na vizinha cidade de St. Albans.

O marquês ouviu com uma lisonjeira atenção, sendo mais metuculoso nesse particular do que habitualmente, pois percebia que Charles Collington estava inquieto.

O que preocupava seu amigo era o plano que tinham preparado para aquela noite.

O marquês pensou, com um sorriso, que nunca se divertira tanto como nos últimos dias, ensinando a Saviya o papel que ela deveria representar. Conforme esperara, a moça tinha se mostrado uma aluna de inteligência viva e tremendamente receptiva. Bastava que lhe dissessem uma coisa uma vez; jamais a esquecia, seguindo à risca as instruções.

O marquês estava satisfeito, porque, embora Charles tivesse assumido o papel de produtor, era para ele que Saviya olhava, não só para pedir confirmação sobre a instrução dada, como à espera de aprovação.

Era como se Saviya compreendesse que o marquês era uma autoridade maior do que Charles e, mais ainda, como se desse mais valor à opinião dele do que à de qualquer outra pessoa.

Charles Collington não lhe poupava elogios.

— Ela é fantástica! Ninguém diria que é cigana, nem que não pertence a uma das famílias mais importantes da Rússia! É um exemplo vivo do nosso ponto de vista de que não é o sangue azul que faz uma dama, e sim, a educação.

— E a sensibilidade — acrescentou o marquês.

— Claro! Saviya é extraordinariamente sensível e receptiva a tudo o que dizemos ou fazemos.

— Você é uma artista nata — disse o marquês à jovem, em dado momento.

— Acho que uma boa representação depende de a pessoa sentir seu papel emocionalmente, tanto quanto mentalmente. Uma dançarina tem que sentir profundamente o que faz, de modo que talvez, para mim, não seja tão difícil como para outras pessoas.

A observação sugeriu ao marquês outra idéia sobre a maneira de confundirem *sir* Algernon. Era uma coisa que dizia respeito mais a Saviya e a ele do que a Charles.

A moça lhe tinha contado, um tanto surpresa, que seu pai não se opunha mais a que ela fosse lá, mesmo sabendo que o marquês se encontrava na mansão. Isso tornava as coisas mais fáceis. Além do mais, ele aprovava a idéia de Saviya representar o papel de uma nobre russa.

— Por que seu pai mudou de idéia a meu respeito? — perguntou o marquês.

— Não sei. Pensei que ele fosse ficar zangado e me proibisse de tomar parte na farsa, mas achou graça e apenas me recomendou que representasse bem, para que o senhor e seu amigo possam ganhar a aposta. — Fez uma pausa e acrescentou: — Creio que ele acha que é a mesma coisa que representar nos teatros particulares de Moscou e de São Petersburgo.

— Você fez isso?

— De um modo bem modesto. Entre os ciganos que moram naquelas cidades, há muitas dançarinas e cantoras. Por causa de minha mãe, e não devido a meus méritos pessoais, muitas vezes permitiram que eu fizesse um pequeno papel.

— Quero que me fale sobre isso.

Mas tinham estado tão ocupados com os preparativos para a chegada de *sir* Algernon, que não puderam reiniciar a conversa.

Agora, Hobley terminou de dar o nó na gravata branca do marquês. Recuando para ver a sua obra de arte, disse:

— Acho que devo lhe dizer, milorde, que o sr. Jethro foi visto na aldeia.

— Quando?

— Ontem, milorde. Um dos lacaios que foi ao correio, hoje de manhã,

disse que viu a carruagem dele em frente ao The Green Man.

— O que ele está fazendo na aldeia?

— Não compreendo, milorde. Acho que, estando nas vizinhanças, seria natural que o sr. Jethro viesse aqui visitá-lo. Mas parece que ele andou fazendo perguntas.

— Sobre o quê?

— Sobre a sua prolongada estada no campo. E também sobre a srta. Saviya.

— Por que isso lhe interessaria? — Como Hobley não respondesse, ele perguntou: — Como é que soube disso?

— Henry, um dos lacaios, esteve ontem no The Green Man, quando o sr. Jethro apareceu lá. Em sua companhia estavam dois homens mal-encarados, na opinião de Henry.

— E ele ouviu a conversa deles?

— Não foi difícil, milorde. Parece que o sr. Jethro estava falando com os proprietários a seu respeito, e hoje de manhã conversou com Bob.

— E quem é Bob?

— O novo ajudante da copa. O sr. Bush estava achando difícil arranjar um e tomou esse rapaz, que disse que vinha de St. Albans. Estive conversando com o sr. Bush, milorde, e achamos que, nessas circunstâncias, seria melhor despedirmos Bob.

— Acha que ele está dando informações ao sr. Jethro sobre o que se passa aqui em casa?

— Eu não me admiraria, milorde. Falaram de suborno.

— Despeça-o, então. Imediatamente. Não quero saber de empregados meus aceitando suborno.

— Não podemos ter certeza de que Bob conhecia o sr. Jethro, antes de conversarem no The Green Man. Mas o sr. Bush me disse que as referências de Bob foram dadas por lorde Portgate, que, como o senhor sabe, é amigo íntimo do sr. Jethro.

O marquês lembrou-se de um rapaz dissoluto, bêbado, que estava sempre em companhia de Jethro.

— Despeça o novo empregado! Elegantemente vestido a rigor, desceu para o salão.

Só três pessoas iam jantar ali: *sir* Algernon, Charles Collington e o marquês.

O cozinheiro se excedeu, e os vinhos servidos com cada prato eram excelentes. Os três cavalheiros tomaram seu vinho do Porto sem pressa, na sala de jantar, e depois foram para o salão.

Não fazia muito tempo que estavam lá, quando Bush, o mordomo, veio dizer ao marquês, em voz baixa:

— Houve um pequeno acidente com a carruagem de uma senhora, milorde. Parece que a rédea do cavalo-guia se partiu. Os cavaleiros dizem que podem consertá-la em meia hora. Achei que o senhor gostaria de saber que a senhora está aí fora.

— Então, ela não pode ficar lá. Faça-a entrar, Bush.

— Perfeitamente, milorde.

Depois que o mordomo saiu, o marquês virou-se para os outros dois:

— Parece que temos companhia. Será que é alguém que conhecemos?

— É muito desagradável, quando a rédea do cavalo-guia se parte e não se pode controlá-lo — disse Charles. — Aconteceu comigo, uma vez, quando voltava de Brighton. Quase houve um acidente.

Antes que alguém comentasse o fato, a porta se abriu e o mordomo anunciou, em voz imponente:

— Sua Alteza, a princesa Kotovsky, milorde.

Os três cavalheiros se viraram e viram uma figura elegante entrar no salão.

A dama tinha deixado o agasalho e usava um vestido espetacular de seda cor de esmeralda, com laços de cetim, acentuando o corpo e a cintura fina.

O rosto era ainda mais impressionante. Tinha cabelos pretos com reflexos azulados, presos, num penteado alto, na última moda, e os olhos eram enormes, no rostinho oval.

Estava usando um colar de esmeraldas da família Ruckley e as mesmas pedras brilhavam nos brincos e num bracelete sobre as luvas de pelica.

O marquês adiantou-se para recebê-la.

— Permita que lhe dê as boas-vindas, Alteza. Sou o marquês de Ruckley e lamento que tenha tido um acidente na estrada.

— Foi uma sorte estarmos passando por seus portões — disse a moça, com uma voz musical, onde se notava um fascinante sotaque estrangeiro. — Seus empregados foram muito gentis, senhor, e estou muito grata.

— Fico encantado por poder servi-la. Na realidade, Alteza, está aliviando a monotonia de uma reunião de solteiros. Permita que apresente meus amigos: *sir* Algernon Gibbon e capitão Charles Collington.

A moça fez duas reverências muito graciosas. Sentou-se depois num sofá de damasco, diante da lareira, e aceitou um copo de vinho.

O marquês ofereceu-lhe jantar, mas a dama disse que tinha jantado antes de sair de Brochet Hall, onde estava hospedada.

— Sua Alteza dirige-se para Londres? — perguntou *sir* Algernon. A princesa sorriu-lhe.

— Meu marido acaba de ser nomeado para a embaixada russa. É minha primeira visita à sua capital e estou ansiosa para conhecê-la.

— Precisamos nos esforçar para que se divirta — disse o capitão Collington. — Tenho certeza de que sim, porque as festas da embaixada russa são as mais alegres e as mais divertidas de todo o corpo diplomático.

Sir Algernon concordou.

— Mas a verdade é que nenhum país do mundo inteiro sabe receber melhor e mais suntuosamente do que o seu, Alteza.

— Fico satisfeita por ouvir isso.

— Lembro-me de que, quando estive na Rússia, fiquei atônito com a magnificência da hospitalidade.

— Já estive na Rússia? Não sabia disso — disse o marquês.

— Faz muito tempo. No último ano do século passado. Eu tinha vinte anos e estava fazendo uma *tournee* pelos países da Europa que não estavam em guerra.

— E gostou do meu país? — perguntou a princesa.

— Nunca me esqueci da beleza da terra, do encanto do povo e, naturalmente, das dançarinas... incomparáveis!

— Creio que se refere ao Balé Imperial, *sir* Algernon.

— Não apenas ao Balé Imperial, uma verdadeira delícia. Fiquei também encantado com as danças ciganas. Para dizer a verdade, o príncipe Paul Borokowski, em casa de quem estava hospedado, casou alguns anos mais tarde, com uma bailarina da raça cigana.

— Mas isso é muito raro, não é? — perguntou o marquês, lembrando que Saviya lhe havia contado a respeito de uma cigana casar com um *gorgio*.

— Não na Rússia — respondeu *sir* Algernon. — Lá, os dançarinos e os cantores ciganos têm uma posição muito diferente da de outras partes do

mundo.

O marquês parecia incrédulo, e *sir* Algernon virou-se para a princesa:

— Espero que concorde comigo, Alteza, quando digo que há ciganos que moram em casas imponentes, viajam para o estrangeiro em magníficas carruagens e que em nada são inferiores aos russos de altas posições. Nem em aparência, nem em inteligência.

— É verdade.

— Deve concordar também em que isso se deve não só às suas danças magníficas, como também ao seu canto. — Vendo que o marquês e Charles ouviam com atenção, continuou: — Você sabe, Ruckley, que alguns dos melhores cantores do mundo são ciganos russos? Foram reconhecidos não apenas pelo público de seu país, como pelos mais exigentes críticos estrangeiros.

— Confesso que isso me escapou — comentou o marquês.

— Já ouviu falar de Catalani? Era italiana, uma das maiores sopranos que a ópera já conheceu. Ficou tão encantada com a voz de uma cigana russa, que arrancou dos ombros o xale que lhe havia sido dado pelo papa, como homenagem à melhor cantora do mundo. “Não tenho mais direito a ele”, disse a cantora italiana, colocando o xale nos ombros da cigana.

— Deixe-me agradecer-lhe pelas coisas amáveis que disse a respeito de meu país — disse Saviya, quando *sir* Algernon parou para tomar fôlego.

— O que encontrei na Rússia foi tão extraordinário, tão inesquecível, que alterou completamente minha vida. — Fez uma pausa para impressionar e continuou: — Desde então, cultivei as artes, jamais consegui me aproximar dos magníficos tesouros que se encontram nos palácios russos, nas casas dos príncipes.

— Você me causa inveja, Gibbon — disse o marquês.

— E não é para menos.

Sir Algernon começou um longo discurso sobre os quadros que tinha visto em Moscou e as maravilhosas coleções de objetos de arte dos palácios de São Petersburgo. Pedia confirmação a Saviya, e ficou encantado quando ela o elogiou por ser tão entendido nesses assuntos.

Quando finalmente o mordomo veio dizer que a rédea tinha sido consertada e que a carruagem estava pronta para prosseguir viagem, a princesa se levantou com certo pesar.

— Foram todos muito amáveis! — disse ela ao marquês. — O que a

princípio pareceu um desastre, transformou-se em prazer!

— Espero que me permita ir visitá-la, assim que eu voltar para Londres — disse o dono da casa.

— Meu marido e eu ficaremos encantados, e tenho certeza de que ele juntará seus agradecimentos aos meus.

— Logo nos encontraremos, novamente — disse *sir* Algernon, quando ela lhe estendeu a mão. — O embaixador russo e a esposa, a princesa Lieven, são grandes amigos meus. Espero que Vossa Alteza permita que eu ofereça um jantar em sua honra, depois que estiver instalado em Londres.

— É muita gentileza sua.

O marquês acompanhou-a até o saguão.

— Você esteve magnífica — disse, assim que a porta se fechou. — De quanto tempo precisa, até eu trazer *sir* Algernon para o terraço?

— De um quarto de hora — murmurou ela. O marquês voltou para o salão.

— Que linda mulher! — exclamou *sir* Algernon. — Mas a verdade é que as russas são lindas, quando jovens. Garanto-lhe que digo a verdade, ao afirmar que não há no mundo mulheres mais bonitas do que as de sangue azul.

— Fiquei interessado pelo que você disse sobre os ciganos — interveio Charles, com naturalidade. — Sempre pensei que os ciganos fossem pobres, maltrapilhos, andando descalços pelas estradas, dormindo ao relento ou em tendas rasgadas.

— Os ciganos russos são diferentes. Alguns são protegidos de grão-duques e de príncipes.

— Sempre pensei que os ciganos tivessem uma moral rígida — comentou o marquês.

— Nunca são promíscuos. Meu amigo, o príncipe Paul, me explicou que uma verdadeira cigana nunca se torna prostituta. Quando aceitam a proteção de um nobre, a ligação dura anos. As mulheres, na realidade, consideram-na um casamento.

— Mas você disse que alguns russos importantes casam com ciganas? — perguntou Charles incrédulo.

— Muitas cantoras e bailarinas célebres, de tribos ciganas, se tornaram princesas. Meu amigo Paul me disse que não é a aristocracia que se opõe a esses casamentos, e sim, os ciganos. São uma gente estranha, que não quer

saber de se misturar com outras raças.

Olhando para os copos dos convidados e vendo que todos estavam servidos, o marquês disse:

— Está uma noite quente; na realidade, surpreendentemente quente para esta época do ano. Vamos para o terraço. Há uma coisa que quero lhe mostrar, Gibbon. Vai achar incomum e muito interessante.

— Esta minha visita já foi cheia de surpresas — comentou *sir* Algernon. — Portanto, estou preparado para mais uma.

Foram para fora, atravessando as largas portas-janelas que davam para o terraço de lajes. No centro do terraço havia uma escada de pedras que descia para o gramado e três poltronas.

O marquês ofereceu a *sir* Algernon a do centro; ele e Charles sentaram nas duas ao lado.

O jardim estava calmo e misterioso, sob o céu estrelado, de lua cheia. O gramado verde estendia-se até o ponto onde havia um pequeno templo grego, trazido para a Inglaterra pelo avô do marquês, no início do século dezoito.

O templo brilhava ao luar com uma brancura de pérola, pelo verde-escuro de árvores e de tufos.

Enquanto esperavam, ouviu-se um som doce e distante, de violinos, vindo da direção do templo.

Vultos, indistintos a princípio, agora surgiram mais claramente, vários músicos tocando, enquanto caminhavam, uma música atraente, com uma nota estranhamente estimulante que fazia com que os pulsos batessem mais acelerados.

Havia não só violinos, que Saviya tinha dito que se chamavam *basalja* — o rei dos instrumentos —, mas também violões, címbalos e cítaras.

Quando chegou à orla do gramado, o grupo se dividiu em dois, de modo a deixar ver, no fundo, a perfeição do templo grego. A música se tornou mais forte e, de repente, surgiu uma dançarina. Pareceu emergir da música e fazer parte dela.

O marquês tinha imaginado que Saviya fosse uma boa dançarina, mas não havia palavras para descrever a beleza de seus movimentos.

Estava usando trajes de cigana, não aqueles que usava habitualmente, mas os que instintivamente achava que pertenciam ao teatro — vestido branco, bordado com cores vivas; as mangas da blusa de musselina eram

largas, muito franzidas, saindo dos ombros como asas. A saia, presa na cinturinha fina, parecia esvoaçar, e o marquês percebeu que Saviya não usava apenas uma saia, e sim, muitas, que farfalhavam e cintilavam a cada movimento.

Os colares brilhavam ao luar e, na cabeça, Saviya tinha uma grinalda de flores com fitas de todas as cores esvoaçando atrás dela.

Parecia impossível que seus pés tocassem o chão, enquanto ela voava como uma borboleta sobre o gramado verde.

Depois, atrás dos músicos, surgiram homens e mulheres carregando tochas que iluminaram o jardim com uma luz estranha, pagã.

A música mudou. Não era mais suave e fascinante, e sim, selvagem; mas, apesar de tudo, doce; violenta, mas terna. Quando Saviya acelerou os movimentos, os ciganos com as tochas começaram a cantar.

Havia uma beleza misteriosa na melodia das vozes e um encanto nas palavras, embora os ouvintes, no terraço, não compreendessem seu sentido.

Às vezes, o tom era delicado e líquido como o de sinos de prata; às vezes, selvagem e excitante, parecendo fazer com que o coração dos ouvintes se juntasse à própria música.

Quanto mais acelerado era o ritmo, mais depressa Saviya dançava. Mas tudo o que fazia tinha uma leveza indescritível, tanta beleza e tanta graça, que ela parecia a encarnação de um sonho.

Quando o ritmo pareceu se tornar insuportável, pouco a pouco a violência da música foi substituída por uma melodia suave, lembrando o mar após a tempestade.

Primeiro as pessoas com as tochas se afastaram em direção ao templo; depois foram os músicos e, finalmente, Saviya, ainda dançando como uma criatura etérea.

Quando os últimos sons dos violinos sumiram, também Saviya desapareceu.

No terraço, havia um silêncio total. De repente, *sir* Algernon se levantou de um salto, batendo palmas. — Bravo! Incrível! Maravilhoso! Como num sonho, o marquês se ergueu também para aplaudir, mas tinha a impressão de que sua voz estava presa na garganta. Embora não o quisesse reconhecer, tinha sido a experiência mais emocionante de sua vida.

Com dificuldade para expressar o que sentiam, os três homens voltaram para o salão, como se a silenciosa beleza da noite fosse por demais

pungente para permitir uma conversa comum.

Dali a pouco, Saviya apareceu.

Ainda usava o lindo vestido cigano com o qual tinha dançado. O marquês adiantou-se, tomou a mão da moça e levou-a aos lábios.

— Esperava que você se saísse bem, mas não tenho palavras para dizer como foi maravilhosa, em todos os sentidos.

Ela sorriu e aceitou em silêncio os elogios dos outros homens.

— Você vê, agora, que nos deve mil guinéus — disse Charles a *sir* Algernon.

— É uma quantia que pagarei com prazer, só para ver esta linda criatura dançar. Posso saber o seu nome?

— Saviya — respondeu o marquês. — E, como deve ter adivinhado, ela é cigana. Mas sua mãe era russa, e dançarina.

— Hoje à noite, você me fez reviver minha mocidade perdida — disse *sir* Algernon. Sorriu e virou-se para o marquês: — Agora compreende por que eu pareci exageradamente entusiasmado, quando conversei com vocês, antes do jantar. Mesmo assim, subestimei o brilho, não apenas dos cantores russos, como de suas dançarinas. — Depois, com uma nota de curiosidade na voz, disse: — Precisa me explicar, Ruckley, onde encontrou esta fascinante criatura. Como é que ela veio parar na Inglaterra?

— Foi uma apresentação forçada — respondeu o marquês, sorrindo. Explicou como tinha atropelado Saviya. — Se isso não tivesse acontecido, eu não teria a mínima idéia de que os ciganos estavam acampados em minhas terras. Foi só hoje à noite que os vi.

— É uma gente misteriosa... — disse *sir* Algernon. Virou-se para Saviya: — Já está boa? Podia ter quebrado uma perna, e isso teria sido uma grande tragédia.

— Foi uma sorte não ter sido nada grave. Só o que ficou foram uma pequena cicatriz em minha testa e algumas marcas no braço.

— Ainda parece bem machucado — disse Charles, aproximando-se. Saviya riu.

— Não foi este braço!

— Mas você tem um machucado aqui — insistiu ele.

— Não. Isto é uma marca de nascença, uma cabeça de gavião. O gavião tem um olhar agudo, e isto aqui significa que sou vidente.

— Sim, tem razão — observou Charles. — Parece a cabeça de um

gavião. Não acha, Ruckley?

Era uma marca de nascença do tamanho de um florim. *Sir Algernon* examinou-a e o marquês ofereceu um copo de vinho a Saviya.

— Você deve estar cansada e com sede, depois daquele espetáculo extraordinário — disse ele, entregando-lhe o copo.

— Raramente me canso, quando danço. O que me assustou foi representar o papel de uma dama da sociedade.

— E você o representou com perfeição — disse Charles. — Não concorda, Gibbon?

— Claro que concordo! Foi perfeito. Só o que sinto é não poder lhe oferecer um jantar em Londres, na próxima semana.

— Confesso que está aceitando a perda de mil guinéus com grande espírito esportivo — comentou Charles. — Estou quase constrangido por receber esse dinheiro.

Todos riram. O marquês ergueu seu copo.

— Quero fazer um brinde a Saviya. Ninguém poderia surpreender mais do que ela, com seu talento extraordinário, e ninguém se mostraria mais modesto. Ela me disse que era dançarina, mas jamais esperei um espetáculo igual.

— Não posso compreender por que você está aqui — disse *sir Algernon*. — Por que não ficou em São Petersburgo, onde seu talento seria apreciado?

— Meu pai, assim como todos os ciganos, tem mania de viajar. Por mais felizes, por mais confortavelmente bem que estejamos, depois de algum tempo, ele quer mudar de lugar. Andamos por toda a Rússia, mas depois ele teve vontade de rever a Inglaterra.

— Ele já esteve aqui? — perguntou o marquês.

— Sim, esteve, mas há muitos anos, antes de meu nascimento, ou quando eu era um bebezinho, não me lembro. Bem, preciso ir embora. Meu pai deve estar imaginando o que me aconteceu, pois os outros já devem ter chegado ao acampamento há muito tempo.

Neste momento, a porta se abriu e um laçao apareceu. Trazia um objeto na mão. Aproximou-se do marquês.

— Isto acaba de ser entregue, milorde. O homem que o trouxe disse que era para eu levá-lo ao senhor, quando já estivesse no quarto. Mas, vendo que o senhor ainda estava aqui, resolvi trazê-lo.

– Um homem?

– Acho que devia ser um cigano, milorde. Ele disse: “Diga ao senhor marquês que é um presente dos ciganos”.

O marquês olhou para Saviya.

– Parece que seu pai, inesperadamente, quis ser generoso.

O presente era uma cesta de vime, não muito grande, a tampa presa de cada lado com um pedaço de madeira enfiado na alça.

– Você está sabendo disto? – perguntou o marquês. Ela sacudiu a cabeça.

– Não sei o que possa ser. Não creio que seja de meu pai. Ele não faria isso sem me avisar.

– Um presente dos ciganos... Deve ser uma coisa original, Saviya.

Ao dizer isso, tirou os dois pedaços de madeira das alças. Então, no momento em que ia erguer a tampa, de repente Saviya agarrou a cesta e, com uma rapidez que o surpreendeu, correu para o outro lado da sala, colocou a cesta no chão e empurrou-a para longe.

– O que você está fazendo? – perguntou o marquês, admirado. Antes que ela respondesse, a tampa da cesta caiu para um lado e, pela abertura, surgiu primeiro uma língua comprida, depois a cabeça e finalmente o corpo de uma serpente!

Movia-se tão depressa, que ninguém pôde pronunciar uma palavra antes que a cobra se levantasse, armando o bote. Era uma naja.

– Deus de piedade!

O marquês mal pôde pronunciar tais palavras, enquanto Charles dizia:

– Uma pistola! Onde é que você tem um pistola, Fabius?

A naja virava a cabeça para um lado e para o outro, sibilando, indicando claramente que estava com raiva por ter sido perturbada.

Charles começou a se mover cautelosamente, na tentativa de alcançar a porta atrás da serpente. Saviya deteve-o com um gesto.

– Fiquem quietos! – disse, baixinho. – Não se movam, nem falem.

Havia em sua voz uma autoridade inconfundível, e o marquês engoliu as palavras que ia dizer.

Aproximando-se da cobra que silvava, enraivecida, a moça começou a emitir uns sons estranhos.

Não era exatamente um canto, e sim, qualquer coisa parecida com o som de junco usada na Índia pelos encantadores de serpentes. Saía por entre

os lábios, sendo a princípio tão suave, que os três homens mal podiam ouvir.

Mas a naja ouvia, e agora sua língua não mais se movia. Ela virava a cabeça para um lado e para o outro, curiosa, fitando Saviya com olhos amarelos.

Ainda estava em posição de ataque, de pescoço inchado, cabeça erguida.

Lentamente, emitindo aqueles sons, música estranha que constava apenas de três notas constantemente repetidas, Saviya foi se aproximando e se ajoelhou a pequena distância da cobra, fitando-a, imóvel. Havia na sala um tal silêncio, a não ser pela voz da moça, enquanto os três homens mal ousavam respirar. Pareciam petrificados. Depois, lentamente, quase imperceptivelmente, ao ritmo das notas, Saviya começou a mover os ombros para a esquerda e para a direita, com os olhos sempre fixos na serpente.

Agora também a cobra se movia, para a esquerda, para a direita, para a esquerda...

Saviya intensificou os movimentos e a cobra começou a se abaixar, cada vez mais, até que a cabeça ficou rente ao chão.

A melodia então se alterou, até Saviya dar uma ordem brusca, mas, mesmo assim, melodiosa.

De maneira que pareceu incrível aos três homens, a cobra obedeceu e, virando-se lentamente, de maneira diferente daquela com que saíra da cesta, voltou para lá.

Ainda cantarolando, Saviya se adiantou, recolocou a tampa no lugar e prendeu as alças com os pauzinhos, com firmeza.

Só então parou de cantarolar, dando a impressão de que ia desmaiar.

O marquês correu para ela, amparando-a e ajudando-a a levantar-se.

— Você está bem?

— Sim... estou bem.

Mas notou que a moça estava muito pálida e teve medo de que desmaiasse. Levou-a até uma poltrona e fez com que sentasse.

— Não diga nada! — recomendou, servindo-lhe uma bebida.

— Ela tomou dois ou três goles e devolveu-lhe o copo.

— Não preciso disso.

— Como é que conseguiu encantar a serpente? — perguntou *sã*-Algernon. — Já ouvi falar nisso, mas pensei que fosse necessário muito treino, e nunca imaginei que uma mulher fosse capaz de o fazer!

— Já presenciei isso muitas vezes, mas é a primeira vez que o tento.

— Então, foi ainda mais milagroso — observou o marquês. — Só nos resta agradecer, e muito, Saviya. Salvou a minha vida!

A moça suspirou profundamente.

— De repente, percebi que a cesta não era do tipo usado pelos ciganos, e sim, por gente de circo. Por um momento, não soube dizer onde é que tinha visto essas cestas, e depois me lembrei dos encantadores de serpentes que encontramos em nossas viagens. — Fez uma pausa e olhou para o marquês.

— Em geral, retiram o veneno das cobras, mas essa aí é nova e ainda não recebeu esse tratamento. Se ela o tivesse picado, o resultado teria sido fatal. O veneno age depressa sobre o sistema nervoso.

— Mas quem pode querer matá-lo, Ruckley? — perguntou *sir* Algernon.

— A resposta é fácil — disse Charles Collington. Mas o marquês interrompeu-o:

— Não adianta falar sobre isso, Charles. Não temos provas.

— O que está acontecendo? — perguntou *sir* Algernon, curioso.

— Acho que está na hora de Saviya ir dormir — disse o marquês.

— Sim, preciso ir — respondeu ela, obediente.

O marquês acompanhou-a até a porta de entrada. Ela se virou para se despedir, mas ele sacudiu a cabeça.

— Vou acompanhá-la até o bosque. Não quero que vá sozinha.

— Não corro perigo. É pelo senhor que tenho medo. Quem é o homem que quer matá-lo? Se não me contar, vou ficar acordada a noite inteira, procurando saber o nome dele. Já lhe vi o rosto.

— Na galeria dos retratos, você me disse que o sobrenome dele tem a mesma inicial do meu. Tem razão, Saviya, ele é meu primo, Jethro Ruck. Se eu morrer, ele herdará o título e a propriedade.

— Não é a primeira vez que ele tenta? — perguntou Saviya, enquanto caminhavam pelo gramado.

— Ele tentou me matar em Londres, fazendo com que uma pedra caísse do telhado de minha casa, em Berkeley Square. Escapei por um triz e, hoje à noite, se eu tivesse ido para o quarto, como ele pensou que aconteceria, teria aberto a cesta quando estivesse sozinho.

Saviya estremeceu.

— Ele é perigoso! Suplico-lhe que tenha cuidado.

O marquês sorriu.

— Fala como Charles! Você me diz para ter cuidado, mas eu precisaria ser clarividente, como você, para prever de que maneira Jethro vai tentar me matar. — Ficou em silêncio por um momento. — Foi esperteza dele fingir que era um presente dos ciganos. Deve ter feito perguntas, na aldeia; ficou sabendo sobre você e calculou que, ao receber um presente seu, eu o abriria pessoalmente.

— Nunca lhe mandarei coisa alguma, sem que o senhor saiba disso — prometeu Saviya.

— Duvido de que Jethro repita o mesmo truque. O que devo fazer com a serpente? Matá-la?

— Não! Acho errado matar, a não ser que seja absolutamente necessário. A tribo Kalderash celebra a Festa da Serpente no dia 15 de março. Se alguém matar uma serpente nesse dia, será feliz o ano inteiro. — Fez uma pausa e continuou: — Ouvi dizer que há um circo em St. Albans. É lá que seu primo deve ter conseguido a cobra. Devolva-a ao circo, com os seus cumprimentos. Creio que vão compreender e não cometerão de novo o erro de vender um de seus animais a um estranho.

— É o que vou fazer. Por outro lado acho que estou sendo muito generoso. Se eu tivesse um pouco de bom senso, mandava-a para Jethro. — O marquês deu uma risada. — A questão é que, se a cobra o matasse, eu teria que dar muitas explicações, e não há prova de que a primeira idéia foi dele.

— Precisa ter cuidado, milorde.

— Tenho impressão de que estarei seguro, enquanto você estiver a meu lado.

Tinham chegado à orla da mata. Saviya parou e disse:

— Não há motivo para o senhor ir adiante.

— Há todos os motivos para eu protegê-la, mas, se quiser ir sozinha, respeito o seu desejo.

— Obrigada.

— Eu é que tenho muito que lhe agradecer. Primeiro, pelos momentos de beleza que nos proporcionou hoje à noite e, segundo, por ter salvado minha vida!

Estendeu a mão direita e Saviya colocou nela sua mão esquerda.

As palmas se tocaram. Uma sensação de êxtase, uma vibração que ele nunca tinha sentido se apoderou do marquês, e soube que Saviya sentia a

mesma coisa.

Por um momento, nenhum dos dois se moveu, mas pareceu que estavam muito próximos e que eram uma só pessoa.

— Saviya, sabe o que sinto a seu respeito? — perguntou, em voz rouca.

A moça não respondeu, e o marquês viu que os olhos dela procuravam os dele.

— Eu a quero! Quero-a como jamais quis alguma coisa na vida. Venha comigo, Saviya. Eu lhe darei tudo o que desejar e seremos muito felizes juntos.

Ela ficou em silêncio. Depois disse, em voz que ele mal pôde ouvir:

— Está me pedindo para ser sua *piramni*?

O marquês não precisou que ela traduzisse a palavra.

— Será que precisamos de palavras para uma coisa tão maravilhosa, tão bela? Fomos feitos um para o outro, Saviya. Nesses últimos dias, eu soube que você se importa comigo. Senti isso, sempre que estávamos perto um do outro. Vi isso nos seus olhos.

Ela virou a cabeça para o lado, e ele continuou:

— É tarde demais para fingir, querida. Acho que me ama um pouco e posso fazer com que me ame muito mais, com tudo o que há de maravilhoso em seu belo corpo e em sua mente. Venha comigo, Saviya! Encontraremos uma felicidade que raras pessoas têm a sorte de possuir.

Ela ergueu a cabeça.

— Eu... não posso! Você sabe que eu... não posso!

— Por que não?

— Porque seria errado!

— Quem é que pode decidir isso? Vocês podem ter leis tribais, Saviya, mas não são as leis deste país, nem da Igreja. Esqueça-as! Lembre-se apenas de que é uma mulher, e eu, um homem. Pertencemos um ao outro! Cuidarei de você e nada lhe faltará, a vida inteira. Juro! Mas não deixe que joguemos fora esta felicidade maravilhosa, perfeita, que sentimos quando estamos juntos.

Ela não respondeu, mas o marquês soube que não estava convencida.

— Olhe para mim, Saviya!

A cigana hesitou. Depois, como que obrigada a obedecer, levantou o rosto e olhou para ele.

— Você me ama! — disse o marquês. — Sabe que me ama. E me faz

vibrar, como jamais vibrei em toda a vida! Meu corpo anseia por você! Eu a desejo, Saviya, mas há muito mais do que isso. Quero estar com você, saber que está presente, ouvir sua voz. Quero observar todos os movimentos de seus lábios, ver essa expressão suave, carinhosa, que me diz que me ama.

Ela respirou fundo. Seus lábios estavam entreabertos, os olhos tinham uma expressão misteriosa, e o marquês percebeu que ela tremia.

— Oh, céus, como a desejo!

Foi como se alguma coisa se rompesse dentro dele. Tomou-a nos braços e apertou-a contra o peito. Beijou-a e, quando a cabeça de Saviya encostou no seu ombro, beijou-a de novo; beijos exigentes, mas ao mesmo tempo suaves. A jovem era meiga, macia, frágil.

Foi um momento de magia, como ele jamais tinha imaginado possível. Foi como se o mundo inteiro parasse e se vissem sozinhos numa eternidade onde nada existia, a não ser eles mesmos.

— Eu a amo! Jamais tinha dito isso a mulher alguma.

— *Me hamava tut!* — murmurou ela.

O marquês soube que Saviya estava dizendo a mesma coisa que ele, só que em romani.

— Eu a amo! — Beijou-lhe os olhos, o rosto, o pescoço e depois os lábios. — Volte comigo agora — suplicou. — Por que havemos de esperar? Eu a quero! Não posso esperar até amanhã para tornar a vê-la!

Lentamente, ela se libertou.

— Não! Não! Não! É errado, não só por mim. Eu o amo demais para poder... machucá-lo, prejudicá-lo.

— Por que haveria você de me prejudicar?

Saviya olhou para ele, e de novo o marquês teve a estranha sensação de que a jovem não o via realmente, e sim, olhava além e através dele.

— É você quem... importa — disse ele, suavemente.

E então, sem que pudesse impedi-la, antes que pudesse novamente tomá-la nos braços, ela se afastou por entre as árvores e desapareceu!

— Saviya! — gritou, desesperado. — Saviya!

Mas não houve resposta na escuridão da noite. Ele estava só!

CAPÍTULO V

O marquês voltou para casa, caminhando lentamente. Depois de uma curta conversa com Charles e *sir* Algernon, foi dormir.

Antes disso, seguindo a sugestão de Saviya, deu ordem ao mordomo que mandasse a cobra para o circo de St. Albans, no dia seguinte.

Depois que Hobley o deixou, no quarto, ficou durante muito tempo sentado numa poltrona, em vez de ir para a cama, relembrando a incrível magia da noite.

Enquanto via Saviya dançar, tinha sentido que todo o seu ser era atraído por ela, como jamais se sentira atraído por mulher alguma no mundo.

Derjois, quando a abraçara, sentindo um êxtase indescritível, ficara sabendo que a amava.

Em sua vida tinham havido muitas mulheres que ele julgara divertidas, encantadoras e até mesmo, às vezes, irresistíveis, mas que jamais corresponderam às suas expectativas; nunca lhe deram o que realmente desejava.

Não podia explicar isto nem mesmo a si próprio. Sabia que, no íntimo, havia alguma coisa que não tinha sido tocada nem mesmo pela mais atraente, mais fascinante das mulheres.

Tinha rido do amor, zombado dele, dizendo que era um sentimento de tolos. Apesar disso, o idealismo lhe dizia que o verdadeiro amor era possível, embora jamais lhe tivesse acontecido.

Agora compreendia por que Eurydice desistira de tudo, atravessando o oceano para ir para um terra estranha com um homem que pouco conhecia, mas que amava.

Eurydice o havia prevenido de que, um dia, sentiria a mesma coisa, mas, embora lembrasse agora de suas palavras, sabia que era impossível oferecer casamento a Saviya.

Era o que devia fazer. Apesar de ser um *gorgio*, Saviya certamente desejava que ele a quisesse como esposa. Mas como poderia fazer dela a marquesa de Ruckley?

Pessoalmente, achava que não podia haver pessoa mais adequada e mais perfeita para ser sua esposa e a castelã de Ruckley. Mas teria sido um

tolerância, se não compreendesse as dificuldades, até mesmo a infelicidade que isso poderia vir a causar a Saviya. Por mais linda, mais competente, mais encantadora que fosse, teria que suportar as zombarias, as alusões, as indiretas, quem sabe os insultos, não apenas dos amigos do marido, como também dos empregados.

Saviya podia ter conquistado a criadagem, como hóspede, mas seria aceita como a senhora da casa?

Mesmo que os empregados fossem cativados, que dizer dos administradores, dos outros funcionários da propriedade, das pessoas da aldeia, dos fazendeiros, dos arrendatários, de todos, enfim, que viviam nas imediações de Ruckley, que respeitavam e tinham tido consideração pela família durante gerações?

No íntimo, os ingleses tinham ódio e medo dos ciganos, embora o marquês não soubesse por que.

Desde que os ciganos apareceram pela primeira vez no país, em 1512, muita gente não apenas tinha antipatizado com eles, como os havia perseguido.

No livro escrito por John Hoyland, descoberto pelo reverendo na biblioteca, o marquês lera que, já no reinado de Henrique VIII, inúmeras pessoas de fora, que se diziam egípcias, tinham sido expulsas da Inglaterra.

“No 31º ano do Reinado de Nossa Soberana, Sua Majestade a Rainha, foram feitos Atos para a punição e a supressão de Bandidos e de Vagabundos.” (Em seguida eram mencionadas as principais partes do país onde os ciganos se congregavam.)

Leis escocesas de 1609 ditavam que os “ladrões comuns, geralmente chamados egípcios, são proibidos de entrar no Reino, sob pena de serem condenados à morte como reconhecidos ladrões comuns”. As casas tinham mudado muito pouco. Os camponeses ainda acreditavam que os ciganos podiam rogar praga nas colheitas e nos animais, pondo “mau-olhado”.

Pelo que Hoyland tinha escrito, havia trinta e seis mil ciganos na Grã-Bretanha e, mesmo assim, nada se fazia a esse respeito. Não era feito nenhum esforço para educar seus filhos. Os clérigos evitavam os acampamentos. E, quando os ciganos eram levados diante dos magistrados, recebiam sentenças severas.

O marquês pensou que, entretanto, havia ciganos como Saviya, que era mais inteligente do que qualquer mulher que conhecia e, certamente, mais

culta do que a maioria de seus amigos.

Verdade que era russa e, a julgar pelo que *sir* Algernon dizia, os ciganos russos eram diferentes. Mas, socialmente, Saviya sempre ficaria marcada por seu sangue cigano.

O marquês refletiu também se um casamento pode sobreviver, quando um homem tem que estar constantemente na defensiva para proteger a esposa, não contra a violência, e sim, contra as línguas maliciosas e as mentes venenosas.

Não. Casamento era impossível! Restava a opção de tentar convencer Saviya a ser sua amante.

Não tinha deixado de notar o desprezo na voz dela, quando pronunciara a palavra *piramni*. Sabia que, para ela, significava um pecado muito maior do que para uma inglesa. A moral rígida dos ciganos fazia parte de sua fé; era uma parte intrínseca de seu modo de vida. O marquês sabia também que só um amor irresistível seria capaz de fazer com que Saviya aceitasse uma posição que repugnava a todos os seus instintos.

Mas, que mais podia ele fazer? Não encontrando resposta, foi para a cama.

Não conseguiu dormir e levantou-se muito cedo.

Sentia que era urgente ver Saviya. Havia qualquer coisa de insatisfatório e de indeciso na maneira com que se separaram na véspera, depois do momento maravilhoso em que a beijara.

Tinha certeza de que era o primeiro beijo que ela recebera na vida.

Tinha certeza também, por tê-la sentido trêmula em seus braços, de que despertara nela uma paixão igual à que ele sentia e que, embora não tivesse havido posse física, eles eram uma só pessoa, de corpo, alma e espírito.

Eu a amo! - pensou, com toda a sinceridade.

Ela devia aparecer na mansão na hora de costume, mais ou menos às onze horas. Invariavelmente, quando voltava da propriedade de Eurydice, ele a encontrava na biblioteca, com o reverendo.

Discutiam assuntos eruditos, que ele achava além da capacidade de uma mulher. Ela era tão linda, que o marquês mal podia acreditar que fosse tão inteligente como o reverendo afirmava.

Naquele dia, achou que não podia suportar ficar longe dela um minuto além do que o necessário.

Enquanto Hobley o ajudava a vestir o traje de montaria, lembrou que não tinha devolvido à moça as moedas que tinham ajudado a enganar *sir* Algernon. Precisava devolvê-las logo, porque eram muito valiosas.

— Sabe a que horas o capitão Collington e *sir* Algernon pretendem ir para Londres, Hobley?

— *Sir* Algernon deu ordem para que a carruagem esteja pronta às onze, milorde.

— Estarei de volta antes disso. Preciso falar com algumas pessoas na propriedade de *lady* Walden. Faça o favor de dizer a *sir* Algernon e ao capitão Collington que não me demoro e que espero voltar antes que eles partam para Londres.

— Darei o recado, milorde.

— Encontrei um caminho mais curto para ir até a propriedade de *lady* Walden, Hobley.

— É mesmo?

— É o que usei todos os dias, na semana passada. Indo por esse atalho, levo menos de vinte minutos para chegar lá.

— Indo no melhor dos cavalos, milorde — observou Hobley, sorrindo.

— Confesso que é essencial ir numa boa montaria.

— Acho que sei qual é o atalho. É pelo caminho na extremidade norte de Battle Wood.

— Exatamente. O caminho me leva diretamente à ladeira que dá na casa de *lady* Walden.

O marquês olhou-se rapidamente no espelho e saiu do quarto.

Hobley ficou admirando o patrão, enquanto ele seguia pelo corredor. Ninguém podia ser mais elegante, com um paletó de montaria cinzento feito por um mestre, um colete amarelo e um culote de um branco imaculado.

O brilho das botas do marquês era o orgulho de Hobley. Recusara inúmeras propostas de suborno para contar o segredo daquele brilho aos elegantes de Londres que tentavam imitar a elegância do marquês.

Lá fora, dois cavaleiros seguravam com dificuldade um garanhão. Era um animal feroso, com sangue árabe, comprado há um mês. O marquês montou, sabendo, com prazer, que não ia ser uma cavalgada fácil. Precisava provar seu domínio sobre o animal, que ainda não estava acostumado com o novo dono.

O cavalo pinoteou várias vezes para mostrar sua independência, sendo

refreado, para que não galopasse.

Finalmente, trotou através do parque, em direção à mata.

O marquês lembrou da caminhada ao luar, ao lado de Saviya, na noite anterior. Era impossível não pensar nela. Sua respiração acelerava, só de lembrar dos olhos que se tinham erguido para os dele, da maciez do corpo jovem, quando a tomara nos braços.

E sentiu de novo um aperto no coração.

— Meu Deus, como é bonita! — disse, baixinho.

Não era apenas a beleza que o prendia. Havia entre eles um elo indefinível.

— Eu a quero! — murmurou. — Como eu a quero!

Teve que dar sua atenção ao cavalo, que se espantou quando um veado assustado saiu correndo do meio das árvores.

Conforme dissera a Hopley, havia uma estrada, cortando a mata, que tinha sido aberta pelos lenhadores para que pudessem usá-la quando fossem levar lenha até a mansão, em suas carretas. O marquês fez o cavalo galopar, erguendo a mão para firmar o chapéu na cabeça.

As árvores altas, algumas delas centenárias, erguiam-se de cada lado da estrada. Como ainda era cedo, o sol não era bastante forte para passar pela ramaria e secar o chão, onde brilhavam gotas de orvalho.

Havia um perfume de pinheiros e de vidoeiros, e, por entre o arvoredo, de vez em quando se distinguia o azul dos jacintos.

Então, enquanto o cavalo galopava, de repente, o marquês viu qualquer coisa erguer-se à sua frente.

Era uma corda! Estava esticada diante do cavalo, na altura do joelho.

Não teve tempo nem mesmo de puxar as rédeas. O cavalo tropeçou na corda, ouviu seu próprio grito e, enquanto caía, soube que não havia nada que pudesse fazer...

Sentiu um impacto violento quando sua cabeça se chocou com o chão e teve a impressão de que quebrara o pescoço...

Alguém falava suavemente e a mão sobre a testa do marquês era macia e reconfortante.

— Durma! — disse a voz doce. — Está sonhando! Durma!

Na semi-inconsciência, lembrou de um grito... depois, a escuridão e a dor...

Mas agora não podia deixar de sentir o toque confortador em sua

testa. Adormeceu.

Voltou a si, lentamente.

Por um momento, pensou que estivesse com a mãe. Estava nos braços de alguém e sua cabeça descansava no peito de uma mulher. Depois, sentiu um perfume...

Pensou de novo na mãe, mas aquela fragrância o perseguia.

Lembrou que o havia sentido pela primeira vez nos cabelos de uma cigana que carregara nos braços, depois de tê-la atropelado com sua carruagem. Estava muito fraco. Até abrir os olhos era um esforço. Sentiu que a pessoa que o segurava se movia e teve vontade de chorar, porque sua face não se apoiava mais no peito macio.

A cabeça repousava agora no travesseiro e ele se sentiu como se o tivessem privado de uma coisa preciosa.

— Como vai ele, senhorita?

O marquês reconheceria a voz de Hobley fosse onde fosse, mesmo que ele falasse num sussurro.

— Durante a noite, estive muito inquieto, mas ainda não recobrou a consciência.

A voz era de Saviya. Quem mais poderia falar com esse tom suave, melodioso, com um leve sotaque estrangeiro?

Com esforço, como se suas pálpebras pesassem como chumbo, o marquês abriu os olhos.

A jovem devia estar olhando para ele, pois, com um gritinho, ajoelhou-se junto à cama e o marquês sentiu uma mão no rosto.

— Acordou! — exclamou Saviya.

O rosto dela estava muito próximo e ele percebeu nos olhos da jovem uma expressão de medo e, ao mesmo tempo, um brilho de excitação.

— Que... aconteceu?

Nesse mesmo instante, lembrou da corda esticada na estrada. Tinha caído do cavalo!

— Acho que não deve falar.

— Quero saber... o que... aconteceu... — disse, agora com voz um pouco mais forte.

Percebeu, então, que estava numa cama quase no chão e que à sua volta havia paredes curvas, como numa caverna. Era um lugar tão pequeno, que mal dava para ele, para Saviya ajoelhada a seu lado e para Hobley, que

tinha enfiado a cabeça numa abertura que parecia uma porta.

— Onde estou?

— Está bem, milorde, graças à srta. Saviya.

Com esforço, o marquês virou ligeiramente a cabeça, percebendo que o ombro estava enfaixado.

— Caí, mas não foi culpa do cavalo. Ele está bem?

— Voltou para casa — respondeu Saviya. — Havia uma corda com as pontas amarradas em duas árvores. Assim que o senhor apareceu, os homens esticaram a corda.

— Que homens? — Percebeu imediatamente que a pergunta era desnecessária.

— Os homens do sr. Jethro, milorde. E eles prestaram falso testemunho contra a srta. Saviya, diante do juiz.

De repente, o marquês pareceu acordar. Tentou erguer um pouquinho o corpo, mas sentiu uma dor aguda nas costas.

— Não se mexa! — pediu Saviya. — Eles o esfaquearam!

— Eles o teriam matado, milorde, se a srta. Saviya não tivesse aparecido a tempo.

— Preciso saber o que aconteceu. Comecem do princípio. Saviya olhou para Hobley, como pedindo orientação.

— O sr. marquês ficará mais preocupado, se não lhe contarmos.

— É verdade! Só me lembro é de ter caído e de ter visto uma corda na altura dos joelhos do cavalo.

— É um velho truque, milorde, mas inteligente. Eles deviam saber que o senhor tomava aquele caminho todos os dias e estavam à sua espera.

— Eu tinha a sensação de que alguma coisa estava errada — explicou Saviya. — Estávamos nos preparando para ir embora...

— Vocês iam embora? — interrompeu o marquês. Fitou-a e ela baixou os olhos.

— Eu tinha que... ir.

— Mas ficou!

— Sentia que o senhor estava em perigo, mas, para provar a mim mesma que era imaginação, pedi a um dos ciganos que me trouxesse um cavalo e me acompanhasse. — Deu um suspirozinho. — Achei que, como era muito cedo, o senhor não teria ainda saído de casa. Pretendia apenas olhá-lo, quando atravessasse o parque e chegasse à estrada.

– Já me observou, outras vezes? A moça corou.

– Quase... todas as manhãs.

– Foi uma sorte a srta. Saviya ter visto o sr. marquês no momento em que desapareceu na estrada. Não fosse isso, milorde, não estaria aqui neste momento!

– Que aconteceu? – Pegou a mão de Saviya e percebeu que ela estremeceu.

– Quando cheguei à estrada, vi seu cavalo tropeçar, um pouco adiante, e o senhor cair no chão. Depois, surgiram dois homens da sombra das árvores. Um deles tinha um punhal comprido. Antes que eu pudesse chegar perto, ou gritar, ele enfiou o punhal nas suas costas.

O marquês compreendeu então por que tinha sentido dor quando tentara erguer o corpo, momentos antes.

– O homem ia apunhalá-lo de novo, se eu não tivesse feito meu cavalo galopar até lá, gritando, enquanto o rapazinho cigano que me acompanhava fazia o mesmo. O barulho os assustou, e eles se meteram mata adentro. – Respirou fundo. – Quando cheguei perto, pensei que estivesse morto.

– Foi uma sorte não ter morrido – disse Hobley. Se o punhal tivesse entrado um pouco mais, aqueles demônios assassinos teriam conseguido seu objetivo.

– O que você fez? – perguntou o marquês, apertando a mão da moça.

– Yerko, o cigano que estava comigo, carregou-o para debaixo das árvores, caso os homens voltassem e tentassem acabar com o senhor. – Sorriu e comentou: – É muito pesado, milorde.

– Como é que vocês conseguiram?

– Yerko é forte e eu queria salvá-lo – respondeu a moça, com naturalidade.

– Quando um cigano chegou à mansão e me disse que srta. Saviya precisava de mim urgentemente, na mata, desconfiei de que alguma coisa assim tivesse acontecido – contou Hobley. – Eu tinha certeza de que o sr. Jethro estava tramando alguma coisa, quando foi visto na aldeia.

– Há alguma prova de que foi ele que tentou me matar? Saviya olhou para Hobley, e nenhum dos dois respondeu. O marquês percebeu que estavam cogitando se deviam lhe contar a verdade.

— Com mil diabos, não sou criança! Contem o que aconteceu. Saviya pôs a mão na testa do doente.

— O senhor tem tido febre alta e não queremos que fique agitado.

— Ficarei muito mais agitado se me ocultarem o que aconteceu.

— Está bem, milorde, é melhor saber o pior — disse Hobley. — Há um mandado de prisão contra a srta. Saviya, por assassinato. O punhal usado pelos bandidos está com o juiz e o sr. Jethro instalou-se na mansão!

— Maldição!

Tentou mover-se novamente, mas a dor nas costas fez com que gotas de suor surgissem em sua testa.

— Isso é demais para uma pessoa doente — disse Saviya. — Devia ter esperado. Não há pressa para tomar conhecimento dessas coisas desagradáveis.

— Não há pressa? Há quanto tempo estou aqui?

— Há mais de uma semana — respondeu Saviya.

— Mais de uma semana!

— Tempo suficiente, milorde, para o sr. Jethro declarar que o senhor foi assassinado pela srta. Saviya, que os ciganos enterraram o corpo e que ele tem direito a assumir o título e se apropriar da mansão.

O marquês ficou em silêncio por alguns momentos, procurando assimilar a história.

— Por que ninguém procurou por mim?

— Porque, se fosse levado para casa no estado em que se achava, tenho certeza de que seu primo encontraria um jeito de liquidá-lo, enquanto estivesse fraco demais para se defender — respondeu a moça.

— Além do mais, com o mandado de prisão para a srta. Saviya, ela seria presa, assim que aparecesse.

— Onde estou escondido?

— No meu *trailer*, no meio da floresta. Se aqui dentro está escuro, é porque os ciganos o cobriram de folhagens, de modo que é quase impossível alguém descobrir o esconderijo, mesmo que chegue perto.

— É verdade, milorde. Quando venho para cá, muitas vezes fico imaginando se a srta. Saviya não o levou embora durante a noite, mesmo que o *trailer* esteja bem no meu nariz!

— E a sua gente? — perguntou o marquês à moça. — Está bem?

— Mudaram-se, para que seja mais difícil serem encontrados. Mas,

como bem pode imaginar, seu primo não está fazendo grandes buscas ... A última coisa que deseja é que eu diga que os homens subornados por ele estão mentindo.

— Não admito que tome o meu lugar!

Mas, mesmo para ele próprio, sua voz pareceu muito fraca, e, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, desfaleceu.

Só dali a dois dias o marquês pôde assimilar todos os detalhes da trama que Jethro tinha planejado tão inteligentemente e compreender que, se Saviya não o estivesse observando, teria sido encontrado morto no atalho, com um punhal cigano enfiado nas costas.

— O punhal tinha características ciganas até no cabo — contou a moça.

— Meu pai acha que veio do circo onde seu primo adquiriu a serpente, ou que foi comprado numa loja de curiosidades, em Londres.

— Mas é uma faca cigana?

— Havia uma descrição no jornal e meu pai acha que é um punhal espanhol, que os *gitanos* usam em suas brigas.

— Provas circunstanciais — disse o marquês.

Hobley contou-lhe como Jethro estava sendo arrogante e autoritário, desde que se instalara em Ruckley.

— *Sir* Algernon voltou para Londres, milorde, depois que o sr. Jethro chegou, dizendo que ouvira na aldeia uma história estranha, que dois homens tinham visto que o sr. marquês fora vítima de uma cilada e tinha sido apunhalado por uma cigana. — A expressão de Hobley era de desprezo. — Tinham a corda como prova e disseram que estavam andando pela estrada, à procura de trabalho numa das fazendas vizinhas. A história estava muito bem arrumadinha e seria difícil contradizê-los.

— Jethro se encarregou disso!

— O sr. Jethro é muito inteligente, milorde. Não se engane a respeito dele!

— Claro que não! Continue, Hobley.

— O sr. Jethro estava tão contente, ao relatar um fato tão macabro, que *sir* Algernon, embora exprimindo seu pesar pelo desaparecimento de seu amigo, declarou que achava tudo aquilo uma grande mentira e que, pelo que conhecia da srta. Saviya, ela não seria capaz de matar ninguém, e muito menos o senhor.

— Mesmo assim, ele não quis se envolver — comentou o marquês,

sorrindo.

— Isso é óbvio,, milorde. Mas o capitão Collington discutiu calorosamente com o sr. Jethro.

— Não duvido!

— Ele ficou mais uma noite, dizendo que ia procurá-lo. Para dizer a verdade, ele chegou a entrar na mata. Depois, o sr. Jethro o expulsou da mansão.

— Ele fez isso?

— Fez, sim, milorde. Disse que, como o novo marquês de Ruckley, não estava disposto a aturar a insolência do capitão Collington e, certamente, não pretendia lhe oferecer hospitalidade dali por diante.

O marquês ia fazer um comentário encolerizado, mas Saviya se manifestou:

— Prometeu que não ficaria zangado, milorde. Isso lhe faz mal.

Se não ouvir quieto, não lhe contaremos mais nada.

— Está mandando em mim?

— Estou procurando tratar do senhor, para o seu próprio bem. A ruga entre os olhos do doente desapareceu, substituída por um sorriso.

— Devo mais uma vez lhe agradecer por salvar minha vida.

— Foi a srta. Saviya que insistiu para que eu viesse aqui, como eu desejava vir, mas que viesse depois para casa.

— Achei que, quando estivesse melhor, seria bom que Hobley o mantivesse informado do que estava acontecendo — explicou Saviya. — Mas eu não podia tratar de seu ferimento tão bem como ele, e sou obrigada a confessar que as ervas e bálsamos que usou são muito mais eficazes do que os que os ciganos usam há séculos.

— Meu tratamento também é baseado nos costumes do campo. Assim como os ciganos, reconheço que a natureza é sábia.

— Agora já estou bom para enfrentar meu primo e denunciar todas as suas mentiras.

Tanto Saviya quanto Hobley tiveram exclamações de desaprovação.

— Não vai sair daqui, enquanto não tivermos certeza de que está bastante forte — disse a jovem. — Lembre-se de que ele não desistirá facilmente. Vai tentar de novo.

Havia tanta tristeza na voz da moça, que o marquês prometeu:

— Terei juízo. Não tentarei nenhuma temeridade. Prometo!

— Não sabe como tivemos medo por sua causa — murmurou Saviya.

O marquês notou que havia lágrimas nos olhos dela.

— Não farei nenhuma tolice, mas, depois que estiver suficientemente forte, pretendo dar ao meu primo uma lição de que jamais se esquecerá. É preciso limpar o seu nome, Saviya.

— Isso não é importante. Ser assassina é justamente o que todo mundo pensaria de uma cigana.

— Ninguém na mansão acredita nisso, srta. Saviya. A moça sorriu.

— Obrigada.

— O sr. Jethro não está fazendo modificações no pessoal, está? — perguntou o marquês, em voz áspera.

— Ainda não, milorde. Os curadores lhe disseram que não estão ainda preparados para declarar o senhor marquês morto. Creio que foi o capitão Collington que os convenceu de que há uma chance de milorde estar vivo.

— O capitão jamais acreditaria que a srta. Saviya fosse capaz de me matar. Além do mais, sabe das outras duas tentativas de meu primo.

— Creio que ele informou os curadores do que aconteceu em Berkeley Square e na mansão, com a cobra. — Consultando o relógio de bolso, continuou: — Creio que é melhor eu voltar para casa, milorde. Preciso ter cuidado, caso o sr. Jethro desconfie e mande alguém me seguir.

— Então, não deixe que desconfie.

— Geralmente, sigo uns desvios, para chegar aqui, mas isso, infelizmente, leva mais tempo.

— Tenho certeza de que o exercício lhe fará bem — observou o marquês, sorrindo.

— Estou disposto a escalar montanhas, para vê-lo bom de novo. Sentimos sua falta, em casa.

— Obrigado, Hobley. Agora, não vai demorar muito.

Sempre que aparecia, Hobley trazia tudo o que pudesse caber numa cesta: comida, garrafas do vinho predileto do marquês, roupa de cama limpa, bálsamos para as costas e, naturalmente, os objetos de toalete que o patrão usava.

As escovas de cabelo, de ouro, com o emblema e o monograma, pareciam estranhas, no *trailer*. Mesmo assim, o marquês nunca imaginou que um lugar tão pequeno pudesse ser tão confortável. Como era muito alto, sua cama tomava um lado inteiro de uma das paredes, mas havia ali ganchos,

prateleiras e armariozinhos. Os objetos e os mantimentos eram guardados de maneira engenhosa.

As paredes estavam pintadas com arte, havendo no desenho flores, pássaros e borboletas. Era um trabalho mais russo do que inglês, e Saviya lhe contou que a parte externa do *trailer* estava pintada da mesma maneira.

Havia duas janelas, mas infelizmente pouca luz entrava por elas, pois o *trailer* estava todo camuflado com folhagens.

À noite o marquês podia ver os raios de luar que faziam com que se lembrasse da dança de Saviya.

Desde que ele recobrou a consciência, a moça não dormia mais no *trailer*. O marquês imaginou que ela voltava para a família, ou que dormia na mata, mas a jovem não era muito comunicativa a esse respeito e ele não insistiu.

Depois de lhe dar o jantar e de conversarem um pouco, ela dizia, suavemente:

— Está na hora de dormir.

Ele lhe beijava a mão e ficava sozinho com seus pensamentos. A princípio, sentia-se tão cansado, que logo caía num sono profundo, só acordando no dia seguinte, quando a moça lhe trazia o desjejum. Hopley o lavava, fazia sua barba e cuidava de seu bem-estar, duas ou três vezes por dia. Quando Jethro não estava na mansão, ele não voltava para casa, mas, em outras ocasiões, vinha de manhã, voltava à hora do almoço e de novo durante a tarde.

Era uma estranha maneira de viver, mas o marquês nunca se sentiu tão feliz. Não estava inquieto nem entediado. Às vezes ficava durante muito tempo sem falar, observando Saviya sentada à porta do *trailer*. Achava que a beleza da moça se assemelhava à de uma flor exótica, que desabrochava para revelar uma beleza oculta que se tornava cada vez mais fascinante.

Fazia mais de duas semanas que o marquês estava ali, quando, certa tarde, depois que Hopley partiu, ele disse a Saviya:

— Logo estarei bom para enfrentar meu primo. Então, ninguém poderá me deter.

— Está muito melhor.

— Hopley vai tirar as ataduras amanhã. Minhas costas quase não doem mais.

— A ferida está cicatrizando muito bem, porque o senhor é muito

sadio. Num homem doentio, levaria muito mais tempo.

— Antes de eu abandonar esta existência deliciosa, precisamos conversar, Saviya.

Ela ficou tensa e sua expressão mudou. O marquês continuou:

— Ainda não me contou por que ia embora no dia em que salvou minha vida.

Ela hesitou e ele insistiu:

---Eu lhe disse o quanto a queria. Como pôde pensar em me deixar, sabendo que talvez eu jamais a encontrasse novamente?

— Não seria direito eu ficar aqui.

— Direito para quem? Pensei que tivesse compreendido que não posso viver sem você. Eu sabia disso, antes, mas agora não há no meu coração dúvida de que pertencemos um ao outro. Como pode negar o que é tão perfeito, tão maravilhoso?

Saviya não o fitou, e ele percebeu que estava trêmula.

— Vamos, Saviya. Eu a quero.

Pensou que fosse recusá-lo, mas, quase como uma criança que obedece à autoridade, ela foi se ajoelhar ao lado da cama.

— Olhe para mim, Saviya!

A moça ergueu o rosto. Seus olhos tinham uma expressão amedrontada.

— Eu a amo! Não compreende, minha querida, o quanto a amo?

— Também o amo! Mas, como o senhor é muito importante... na sociedade... Estar associado a uma cigana iria escandalizar e talvez causar repulsa a seus amigos.

— Se isso acontecer, é porque não são meus amigos. Além do mais, alguma coisa tem importância, a não ser nós dois? Não queremos a vida alegre de Londres, Saviya. Podemos ficar em Ruckley, ou passar no estrangeiro uma parte do ano. Tenho um iate e podemos viajar para onde você quiser. Para mim, tanto faz, contanto que estejamos juntos.

Ela respirou fundo e o marquês percebeu que estava muito emocionada. De repente, a moça disse, em tom de desespero:

— O senhor não compreende!

— O que não compreendo?

— Que não pode pôr de lado os preconceitos, as crenças, o ódio de séculos. Somos, como bem sabe, duas pessoas que se amam, mas há um

abismo entre nós, e nada do que possa dizer ou fazer transporá esse obstáculo.

— Isso é ridículo! Há uma coisa que pode transpô-lo, Saviya, uma coisa mais forte do que tudo o que você mencionou.

— O quê?

— O amor!

O marquês estendeu os braços e puxou-a para mais perto. Ela não resistiu. Apoiou a cabeça no ombro dele.

— Alguma coisa no mundo pode ser mais importante do que isso? — perguntou, beijando-a. — Eu a amo! Acredite que não há nada mais em minha vida, a não ser meu amor por você.

Beijou-a de novo, sentindo-a trêmula em seus braços.

— Vamos fugir e esquecer que tenho outra vida; esquecer tudo, a não ser que eu lhe pertenço, querida! Jethro que fique com o título e tudo o mais. Só o que desejo é você e o seu amor.

Saviya passou os braços em volta do pescoço dele e beijou-o. O marquês sentiu as batidas daquele jovem coração...

Depois, quando pareceu que tinham atingido o máximo do êxtase e que não resistiria mais, Saviya libertou-se, suavemente.

— Eu o amo, mas agora precisa descansar.

O marquês protestou, mas a jovem pôs um dedo nos lábios dele.

— Descanse. Está fatigado, e agora não é o momento de tomar decisões.

— Diga-me que me ama, como eu a amo. Diga-me, Saviya! Preciso saber disso tão bem quanto sei quando a tenho em meus braços.

— Eu o amo! — murmurou a moça.

Apesar disso, havia em sua voz uma nota de quase desespero.

CAPÍTULO VI

— Já vou indo, milorde, se não precisar mais de mim — disse Hobley.

Sentado à sombra das árvores, ao lado do *trailer*, o marquês ergueu o olhar para o criado.

— Não preciso de nada, Hobley. Mas faça com que o coronel Spencer e o chefe de polícia estejam em casa, amanhã.

— Perfeitamente, milorde.

— Sem despertar suspeitas. Não quero que ninguém saiba que estou vivo, até eu me encontrar com Jethro.

— Não esqueci suas recomendações, milorde — disse Hobley, com um leve tom de censura.

— Então, até logo e obrigado.

— Até logo, milorde.

Pegando a cesta vazia onde tinha trazido a comida, Hobley afastou-se por entre as árvores e logo desapareceu.

Aquele lugar era perfeito como esconderijo, pensou o marquês. O *trailer*, pintado com cores alegres, estava todo camuflado com folhagens, heras e galhos de trepadeiras que se confundiam com as árvores, tornando-o quase invisível. As árvores eram muito juntas, naquela parte da mata. O marquês ficou pensando se algum dia tinha estado ali, mas não conseguiu lembrar-se.

Fazia três semanas que os homens de Jethro tinham tentado matá-lo.

Os ferimentos estavam cicatrizados, e se sentia em perfeito estado de saúde. Mas suas palavras corajosas de uma semana antes, isto é, que estava apto a enfrentar o primo, provaram que era excessivamente otimista. Não sabia como estava fraco, até se levantar e sair do *trailer*.

— Estou com vergonha de minha fraqueza — disse a Saviya.

— Teve febre alta e perdeu muito sangue.

— Mesmo assim, eu esperava parecer mais um homem do que uma criança.

— Precisa estar forte para agüentar o que o espera — disse a jovem, em voz baixa, deixando que o marquês percebesse que ela ainda estava com medo.

– Espero que me dê coragem, em vez de me mimar como tem feito nas últimas semanas.

Apesar disso, depois que se levantou e foi para fora pela primeira vez, o marquês ficou contente ao voltar para a cama, pegando imediatamente no sono.

Mas, dia a dia, ficava mais forte.

Saviya acompanhava-o em caminhadas pela mata e lhe contava muitas coisas a respeito dos pássaros, dos animais e das flores que viam na floresta, histórias e lendas estranhas dos ciganos.

Sobre os coelhos – os *romen morga*, os gatos ciganos – que dão sorte e servem de mascote em casos de amor...

– Mas as doninhas dão azar – disse Saviya. – Se um cigano por acaso matar uma doninha, a tribo inteira sofrerá por muito tempo.

– A superstição sobre as doninhas é muito antiga – observou o marquês. – Existe desde a Grécia antiga.

Saviya contou que os ciganos dos Bálcãs capturavam filhotes de ursos e os domesticavam, para que dançassem e divertissem os camponeses, nas aldeias.

Disse que havia grupos de caçadores ciganos que, além de sua habilidade na caça, tinham um profundo conhecimento dos ritos mágicos associados a ela.

– Os ciganos dos Bálcãs nunca permitem que uma mulher, sejam quais forem as circunstâncias, se aproxime dos caçadores, antes, que partam para a caça.

Uma das coisas que fascinaram o marquês foi saber que os ciganos é que tinham inventado as iscas artificiais para a pesca.

– Eles foram os primeiros a fazer peixinhos de madeira enfeitados com penas coloridas, com os ganchos escondidos no meio.

– Eu não sabia disso!

– E meu pai me contou que foram os ciganos da Inglaterra que inventaram as moscas artificiais para a pesca de trutas. Talvez ache isso pouco esportivo, mas eles sabem como fazer iscas mágicas!

– Como é que as fazem?

– Geralmente, com o látex de plantas resinosas. A atração que isso exerce sobre os peixes era conhecida na Pérsia, há séculos. Mas há um outro jeito de cobrir pedras com óleos perfumados.

Mas o que mais interessava ao marquês era saber da habilidade dos ciganos em relação a cavalos.

— Nós nunca dizemos “espero que você viva feliz”, e sim, “espero que seus cavalos tenham vida longa!”

— Todos os nômades reverenciam o cavalo — observou o marquês. — O Grande *Khan* dos mongóis tinha um serviço postal de trezentos cavalos.

— Os ciganos são proibidos de comer carne de cavalo. Acreditam que, se fizerem isso, ficarão loucos. A tribo dos Zyghes sela o cavalo de um homem morto, durante três dias, depois que o dono foi enterrado.

— E o que acontece depois?

— Um cigano leva o cavalo até a sepultura, chama o morto três vezes e o convida para jantar.

— Ouvi dizer que os ciganos têm uma grande habilidade em fazer um cavalo velho passar por novo e fogofo, na feira — disse ele, com uma piscadela.

Saviya riu.

— É verdade. Em algumas tribos, há muita magia relacionada com o comércio de cavalos.

— E quanto ao amor? A magia é necessária ao amor?

— Muitos ciganos são dessa opinião. Mas, para mim, o amor... é magia.

— Para mim também, querida.

Quando caminhavam pela mata, ou quando ficavam sentados do lado de fora do *trailer*, o marquês tinha a impressão de que os conhecimentos de Saviya eram inesgotáveis, e cada dia a achava mais fascinante.

A comida que fazia, embora Hobley trouxesse muita coisa da mansão, era a mais deliciosa que já havia provado. Morangos, cogumelos, brotos de ervas, verduras, tudo isso era usado para sopas e ensopados feitos numa panela apoiada num tripé.

— Como é que a comida que você faz é mais gostosa do que a de meu cozinheiro famoso e caro?

— Creio que, em parte, porque as ervas que coloco na carne e nas galinhas que Hobley traz são frescas. Tudo o que lhe servi, hoje, foi colhido por mim de manhã.

— Não há dúvida de que o gosto é diferente.

— Os ciganos usam poucos condimentos e muito pouco sal. Para dizer

a verdade, o único condimento que apreciamos é o alho silvestre.

Às vezes, o marquês achava que parecia uma criança pedindo: “conte outra história”. Sentia um prazer enorme, não só com o que Saviya lhe contava, como por ouvi-la falar.

Não é apenas a beleza dela, pensava.

Mas era impossível não perceber que, pelo fato de estar apaixonada, parecia ainda mais bonita.

Também a força de caráter e a personalidade da jovem brilhavam com uma luz espiritual.

À noite, depois de Hobley ir embora, Saviya sentava ao lado do marquês e ambos olhavam, pela porta aberta, para o mistério da mata, lá fora.

Ouviam o farfalhar da brisa nas árvores, o pio de uma coruja, o som macio de um animal que fugia... A não ser por isso, havia uma paz indescritível.

— Você me faz muito feliz — disse ele, certa noite.

— É verdade? -

— Até hoje, nunca tinha sentido uma verdadeira felicidade. Beijou as mãos da moça e percebeu que ela estremecia de prazer.

— Sempre pensei que o que eu queria na vida era me divertir, participar de uma conversa espirituosa, brilhante, rir, ir a festas dadas pelos meus amigos... Agora, só o que desejo é estar com você.

— Talvez, se ficássemos juntos durante muito tempo, o senhor se aborrecesse.

— Sabe que não é verdade! Antigamente, sempre que estava com uma mulher pela qual não me sentia realmente apaixonado, eu acabava ficando inquieto. — Beijou de novo as mãos de Saviya e continuou: — Acho também que tinha medo de ficar só.

— E agora?

— Agora, um novo mundo está se abrindo diante de mim, um mundo de descobertas, não só em relação a pessoas, lugares e coisas, mas em relação a você e a mim.

Saviya encostou a cabeça no ombro dele.

— Você é a minha vida — murmurou ela, esquecendo o tratamento cerimonioso.

O marquês apertou-a contra o peito. Sabia que estava preocupada. Aprendera a perceber como a jovem se sentia, principalmente quando estava

perturbada. Saviya tinha medo do amanhã, quando ele enfrentasse Jethro e o expulsasse da mansão.

O marquês, por seu lado, estava excitado. Qualquer coisa primitiva dentro dele fazia com que desejasse lutar contra o primo e castigá-lo.

— Por que está preocupada, querida?

Ela se levantou do tamborete e se ajoelhou ao lado da cadeira dele.

— Não posso evitar.

— Está sendo vidente, ou apenas humana, ao ficar apreensiva? Ela sorriu, triste.

— Sabe? Como eu o amo, não posso mais ver o futuro no que lhe diz respeito, mas sinto que está... em perigo. Meu amor me cegou e não sou mais uma feiticeira, e sim, apenas... uma mulher!

O marquês riu.

— Não seja tão trágica. É só o que quero que você seja... uma mulher! A minha mulher! Agora e para sempre.

Levantou-se e tomou Saviya nos braços. Fitou os olhos escuros, preocupados, da jovem e continuou:

— Tenha confiança em mim. Sei o que é melhor para nós dois. Beijou-a, e não puderam pensar em mais nada, a não ser no fogo

que os consumia e os transportava a um mundo onde não havia traição, nem medo; apenas amor.

Naquela noite, antes de ir deitar-se, o marquês tomou Saviya nos braços e percebeu que ela estava trêmula, mas não de medo.

— É a nossa última noite aqui — disse ele. — Mas, depois de amanhã, nunca mais nos separaremos. Assim que eu tiver livrado minha casa da presença de meu indesejável primo e tiver posto meus negócios em ordem, partiremos no meu iate.

Saviya murmurou qualquer coisa e escondeu o rosto no ombro dele.

— Vamos ficar fora o resto do verão, querida. Quando voltarmos, os falatórios e a excitação terão acabado, e algum outro novo escândalo fará com que esqueçam do nosso! Digam o que disserem, será nas nossas costas. E que importância tem isto? Vamos atravessar o canal e navegar lentamente pela costa da França. Vou levá-la à Espanha, Saviya. — Apertou-a com mais força e continuou: — Seja onde for, será um paraíso, mas quero que você conheça umas praias lindas e uns palácios magníficos.

Saviya nada disse, mas o marquês sabia que estava ouvindo.

– Tenho amigos na Espanha que a receberão muito bem, porque você é bonita.

– Vão estranhar você estar com uma cigana. Os ciganos espanhóis são muito pobres. São tratados com desprezo e têm sido perseguidos por todos os monarcas.

– Já estive na Espanha? A moça sacudiu a cabeça.

– Então, vai ser novidade para você, e podemos explorar tudo juntos. Notou que ela ainda estava em dúvida.

– Vamos começar uma vida nova, Saviya. Os preconceitos do passado não devem prejudicar nosso futuro.

Ela passou os braços em volta do pescoço do marquês e puxou a cabeça dele para baixo.

– Eu o amo! Amo-o tão desesperadamente! Sabe que a única coisa que desejo é a sua felicidade?

– Felicidade, para mim, é estar com você. Temos muito que fazer. Quero levá-la à Grécia, às ilhas do Mediterrâneo. Mas, que importa para onde vamos? Você tem nas mãos a minha felicidade.

Beijou-a de novo, inúmeras vezes, e ela não pôde mais pensar, apenas sentir que fazia parte dele e que não havia nenhum abismo entre os dois.

O marquês gostaria de prendê-la ali por mais tempo, mas Saviya disse que ele devia descansar, pois o dia seguinte seria difícil. Finalmente, ele concordou e foi deitar-se.

Dormiu tranqüilamente, sem sonhar, mas com uma sensação de felicidade que perdurou, depois que acordou.

Saviya já tinha acendido o fogo. Hobley chegou, trazendo ovos frescos, pão e manteiga feita na propriedade. Ajudou o patrão a se vestir, enquanto Saviya preparava o prato de ovos e fazia café.

Quando o marquês desceu os degraus do *trailer*, notou que ela estava corada, devido ao calor do fogo. Com seu bonito traje de cigana, parecia a heroína de um melodrama de teatro.

Mas os ovos estavam perfeitos e, como Saviya tinha acrescentado a eles umas ervas especiais, o marquês achou o desjejum melhor do que qualquer um da mansão Ruckley.

Saviya serviu-o de mais uma xícara de café e ele perguntou:

– Hobley, Jethro tem algum plano para hoje de manhã?

– Sei que vai levantar-se tarde, Milorde.

– Andou bebendo muito, ontem à noite?

– Sim, milorde. Dois de seus amigos saíram depois da meia-noite e o terceiro estava de partida para Londres, quando saí.

– Então, Jethro vai estar sozinho? – Vai, sim, milorde.

– Era o que eu queria saber. Você pediu os cavalos?

– Vieram comigo. Deixei-os aqui perto. Achei melhor que os cavaleiros não vissem o *trailer*.

– Fez muito bem. E agora, Hobley, pode ir! Procure o chefe de polícia e leve-o para a mansão. Estaremos lá daqui a uma hora.

– Perfeitamente, milorde. – Já ia saindo, mas ainda disse: – Felicidades. Será um prazer vê-lo de novo em casa.

– Obrigado, Hobley.

O criado desapareceu e o marquês continuou sua refeição, comendo tudo o que Saviya lhe oferecia, com uma calma que indicava o controle que tinha sobre os nervos.

– Vai ter cuidado? – perguntou a moça dali a pouco.

– Terei cuidado, por sua causa. Mas, afinal, o que Jethro pode fazer? Ele anunciou para todo mundo que morri e que você me assassinou. Quando eu voltar bem vivo, com você a meu lado, será difícil não tratarem suas mentiras com desprezo.

– Mesmo assim, ele é como uma cobra, ou um rato. Não acredito que desista tão facilmente.

– Vou dar a ele o direito de escolha: ou o denuncio por ter tentado me matar, ou ele deixa o país. – Fez uma pausa e acrescentou: – Prefiro, naturalmente, que ele saia da Inglaterra. Seria uma infelicidade para a família, se houvesse um escândalo, ou que alguém com o nosso nome fosse acusado de assassinato.

– Eu gostaria que você tivesse aceitado a minha sugestão e pedido ao capitão Collington para estar presente, hoje de manhã – disse Saviya, com um suspiro.

– Não estou muito orgulhoso do comportamento de meu primo. Quanto menos gente souber do que aconteceu, melhor.

– Compreendo.

– Tem havido poucos escândalos na nossa família. Meu pai e meu avô eram respeitados aqui no campo e na Câmara dos Lordes, da qual os dois participaram. Quando eu morrer, espero que também falem de mim.

Ao dizer isso, viu, pela expressão de Saviya, que ela estava pensando que o fato de ele estar associado a uma cigana não iria aumentar seu prestígio. Segurou a mão da moça.

— Não fique assim, querida. Minha vida particular só a mim diz respeito. Em público, seremos muito discretos.

Mesmo assim, achou que seria difícil Saviya morar em Ruckley, sem que ficassem sabendo. Sabia também que jamais insultaria Saviya fazendo com ela o que tinha feito com suas outras amantes, isto é, instalando-a numa parte menos elegante do Mayfair, onde poderia visitá-la quando quisesse.

Havia muitos obstáculos à frente, mas era melhor cuidar de cada coisa a seu tempo. Depois que tivesse resolvido o caso com Jethro, levaria Saviya para o estrangeiro. Ao voltarem, no outono, enfrentaria os outros problemas.

Tentou abraçá-la, mas ela se esquivou.

— Você precisa se aprontar. Temos que sair daqui a pouco, e tem que pensar no que vai dizer a seu primo. Mas, cuidado com ele! Por favor, tenha cuidado!

Estava quase chorando, mas o marquês não deu atenção a isso.

— Já disse que precisa confiar em mim. Fui soldado, Saviya, e aprendi a não subestimar o adversário.

Os cavalos que Hobley tinha trazido eram os melhores das cocheiras do marquês. Quando ajudou Saviya a montar, ele disse:

— Sempre desejei vê-la montar.

Notou, pelo brilho do olhar da jovem, que estava excitada pela magnificência do cavalo e pelo fato de ter as rédeas nas mãos.

Os dois cavaleiros que tinham trazido os animais ficaram atônitos ao ver o marquês. Não havia dúvida de que estavam muito satisfeitos por vê-lo vivo!

Tinham seus próprios cavalos e, assim que o marquês montou, a caravana partiu.

Era uma bela caravana, na opinião de Saviya. Saíram finalmente da mata e dali a pouco entravam no parque da mansão.

A casa parecia muito bonita, ao sol, as janelas brilhavam contra os tijolinhos e as chaminés se delineavam contra o azul do céu.

Quando ergueu os olhos para o telhado inclinado, Saviya viu que ali tremulava uma bandeira. O marquês também a viu. Seus lábios se comprimiram e em seus olhos surgiu uma expressão encolerizada.

Só quando o dono da casa estava presente era que a bandeira ficava hasteada. O fato de estar ali indicava que Jethro já se considerava o marquês de Ruckley.

Nunca a minha casa me pareceu tão bonita, pensou o marquês.

Os lilases tinham florescido, roxos e brancos, desde a última vez que os vira, suas flores tão belas como os cachos dos laburnos dourados e as pétalas rosadas e brancas das amendoeiras. Os narcisos tinham acabado, mas os rododendros eram vermelhos, rosados e rubros, ao lado das azáleas perfumadas.

Vale a pena lutar por isto, pensou.

Sabia que ia lutar com todas as suas forças, para impedir que Jethro e seus amigos bêbados e dissolutos estragassem a paz e a beleza de Ruckley.

Saviya olhou por sobre o ombro, quando os cavalos pararam diante da porta de entrada.

– Não há sinal de Hobley. Temos que esperar por ele.

– Não vou esperar por ninguém – respondeu o marquês. Havia em sua voz uma nota encolerizada.

Era como se, ao ver a casa, ele lembrasse de tudo o que poderia ter perdido. A calma que demonstrou no início do dia tinha se transformado em fúria.

Apeou e ajudou Saviya a desmontar.

A jovem queria lhe suplicar que esperasse pelo chefe de polícia. Mas, sabendo que nada do que dissesse adiantaria, subiu em silêncio a escada, ao lado do marquês.

A porta foi aberta imediatamente. Enquanto os lacaios ficavam de olhos arregalados, o mordomo teve uma exclamação de alegria.

– Milorde! Está vivo!

– Bem vivo.

– Tínhamos certeza, milorde, de que não podia ter morrido como eles disseram, mas estávamos também com medo de que não voltasse.

– Estou de volta. Onde está o sr. Jethro?

– No salão. Acabou de tomar o desjejum.

O marquês atravessou o saguão e Saviya o seguiu.

Um dos lacaios correu para abrir a porta.

Jethro estava na outra extremidade, diante da lareira, tendo no rosto uma expressão que fez Saviya estremecer. Parecia exatamente o homem que

ela vira mentalmente, quando lera a sorte do marquês e dissera que ele corria perigo. Cabelos escuros, nariz comprido, Jethro poderia ter sido bonito, não fosse por sua vida dissoluta e uma expressão tão furtiva, tão sinistra, que instintivamente as pessoas recuavam, ao vê-lo.

Os olhos, sob as sobrancelhas espessas, eram bem juntos. Mas era a boca, de expressão cínica, sempre sarcástica, que dava a seu rosto aquele ar antipático e intolerável.

— Então, você voltou! — exclamou ele, antes que o marquês dissesse qualquer coisa. — Vi quando atravessava o parque e estou preparado para lhe dar as boas-vindas, querido primo.

O marquês adiantou-se.

— Como se atreve a agir assim?! Tentou me matar, por três vezes, Jethro, e fracassou sempre. Agora, basta!

— Você nasceu sob uma boa estrela. Qualquer outra pessoa teria morrido, após três acidentes, mas você conseguiu sobreviver.

— É verdade, sobrevivi, e agora não haverá mais acidentes.

— Então pensa que pode impedir que eu herde isto? Não fui ainda derrotado, primo Fabius. Ainda não!

— Não tenho medo de suas armadilhas, por mais engenhosas que sejam. E não pretendo permitir que elas continuem. Vou, portanto, lhe dar um ultimato, Jethro.

O outro teve um riso desagradável.

— E que pretende fazer? Enforcar-me? Enfiar-me numa masmorra?

— Nada disso. Ou você será julgado, por tentativa de assassinato e perjúrio, ou partirá para um exílio voluntário, no continente. Eu o sustentarei generosamente, contanto que não pise mais na Inglaterra.

Jethro riu de novo.

— Bem pensado, Fabius! Uma proposta típica de um “cavalheiro”. Espera que eu aceite a segunda opção, para que não haja escândalo na família.

— Por uma vez, estamos de acordo.

Em tom de voz macio, e por isso mesmo mais sinistro, Jethro disse:

— Acha realmente que eu iria para fora do país, deixando-o aqui em Ruckley com sua amante cigana?

O marquês contraiu-se.

— Deixe Saviya fora disso! Você já a difamou bastante.

– Acha então que eu, um Ruckley, posso difamar uma cigana?

– Já lhe disse que deixe Saviya fora disso. Vamos falar apenas de sua atitude, Jethro.

Saviya observava Jethro Ruck e achou que estava atento, de frente para o marquês, com as mãos atrás das costas. Tinha uma coragem que era herança de seus antepassados. Sabia que não se renderia; que não se considerava derrotado; que lutaria, assim como o marquês, até o fim.

Por mais vil que fosse, havia um sangue bom em suas veias e, acontecesse o que acontecesse, não era covarde.

– Espero sua resposta – disse o marquês.

– Eu lhe darei uma resposta, e muito clara, primo Fabius, para que não haja engano possível. Você sempre me desprezou. Sempre me desconsiderou, como se eu não valesse nada, mas agora estou por cima!

O marquês ergueu as sobrancelhas, indicando que não sabia o que o outro queria dizer com isso, mas Jethro continuou:

– Você vai morrer, Fabius, como sempre foi minha intenção. É melhor que seja agora, porque vai parecer, pelo menos aos olhos do mundo, uma morte honrosa e na tradição da família.

– Não sei do que está falando. Acabe com essas tolices e me dê sua resposta. Ou será julgado, ou partirá para o estrangeiro.

– Nenhuma das duas coisas! Vou ficar aqui e gozar a vida como o sexto marquês de Ruckley.

Ao dizer isso, tirou as mãos das costas. Saviya soltou um grito horrorizado. Jethro segurava duas pistolas e as apontava para o peito do primo.

– Se você me matar, será enforcado – disse o marquês, em tom de desprezo.

– Pelo contrário, será em legítima defesa. – Deu uma risadinha e continuou: – Você se entregou e está em minhas mãos, meu caro Fabius. Os empregados o viram chegar e estarão dispostos a jurar que veio com disposição assassina. Ouviram nossa discussão, e nada mais compreensível do que você perder a calma e atirar em mim com uma de suas pistolas.

Havia tanto veneno nas palavras, que Saviya teve a impressão de que não poderia se mover. Percebia agora que tinha sido loucura virem desarmados, sem nenhuma defesa contra um homem que era mais perigoso do que uma serpente, mais vingativo do que um rato acuado.

Jethro disse, em tom sarcástico:

— Acha que sua prostituta cigana pode testemunhar contra mim? Não se iluda. Ninguém aceitaria a palavra de uma cigana contra a do sexto marquês de Ruckley! Você me ameaçou, Fabius. Ninguém pode negar isto. Infelizmente, não veio preparado para cumprir suas ameaças. Meu plano, portanto, é perfeito.

O sorriso dele era o de um homem que tem todos os trunfos.

— Direi aos magistrados que você me ameaçou e que, quando não concordei com suas propostas absurdas, tentou me matar. Esta pistola, que já foi deflagrada, será encontrada em sua mão. Para me defender, também atirei e, sendo melhor atirador, venci!

Havia qualquer coisa de horrível e de triunfante na voz dele.

Então, quando ergueu a pistola da mão direita, houve um súbito movimento...

Quando seu dedo apertou o gatilho, um brilho de aço cortou o ar e qualquer coisa se enterrou na garganta dele.

Foi tudo tão rápido, que o marquês não chegou a compreender o que tinha acontecido.

Jethro cambaleou e caiu para trás. Ao mesmo tempo, ouviu-se o ruído de um tiro e a bala de sua pistola foi se alojar no teto.

Por um momento, o marquês ficou sem poder se mover. Antes que dissesse qualquer coisa, ouviu-se uma voz atrás dele.

O marquês virou a cabeça.

— Coronel Spencer!

— Estou contente por ver que não está ferido, Fabius.

O chefe de polícia era um homem idoso e distinto. Tinha no rosto uma expressão grave.

— Ouviu o que foi dito? — perguntou o marquês.

— Eu estava tentando decidir que atitude tomar. Achei que, se entrasse na sala bruscamente, Jethro acabaria com você mais depressa do que pretendia.

— Atirei o punhal que o matou — disse o marquês, pondo a mão no braço de Saviya, para impedir que ela o desmentisse.

— Foi em legítima defesa — declarou o policial. — Não importa quem tenha atirado o punhal.

— Obrigado, coronel. Eu não gostaria que minha... futura esposa se

visse envolvida em um caso tão desagradável.

Ao dizer isso, sentiu que os dedos de Saviya se contraíam.

— Em circunstâncias mais favoráveis, eu lhe daria meus parabéns, Fabius. Mas, por enquanto, tenho um dever a cumprir.

— Compreendo. Quer que chame os criados?

O chefe de polícia aproximou-se de Jethro e olhou para baixo. Não havia dúvida de que estava morto. O sangue jorrava do ferimento e um filete de sangue escorria da boca.

Olhando para o punhal, o marquês soube que fora um brilhante arremesso por parte de Saviya. O punhal atingira a garganta no ponto mais vulnerável e com uma força inacreditável para uma mulher.

— Lamento que seu primo tenha morrido dessa forma — disse o policial, tranqüilamente. — Conheço vocês dois desde meninos, pareciam amigos.

— Éramos amigos, até nos tornarmos homens. Jethro ficou então possuído pela inveja. Desejava desesperadamente estar no meu lugar.

— Hobley me falou das outras tentativas para matá-lo, Fabius.

— Como foi amigo de meu pai, coronel, pode fazer com que haja o menor escândalo possível?

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Como estava presente, minha declaração bastará, para os magistrados. Foi um duelo de honra e haverá poucas formalidades legais.

— Num duelo de honra, é hábito o sobrevivente ir para o estrangeiro e ficar ausente durante vários meses — disse o marquês.

— Acho muito acertado. E agora sugiro que deixe tudo em minhas mãos. Como um grande amigo da família Ruckley, prometo que o que se passou não sairá destas quatro paredes.

— Obrigado, coronel. Sabia que ia compreender e que podia confiar no senhor, mais do que em qualquer outra pessoa.

Estendeu a mão. O policial apertou-a e disse:

— Acima de tudo, Fabius, quero vê-lo tomando o lugar de seu pai aqui no condado. Sei que um rapaz que participou da guerra tão brilhantemente precisa das diversões de Londres, mas há muita coisa a fazer aqui. Com as novas terras que foram anexadas às suas, espero que passe muito mais tempo em Ruckley, no futuro, do que no passado.

O marquês sabia que essas palavras tinham um sentido muito mais

profundo do que aparentavam. Percebeu que, embora não tivesse mencionado Saviya, o policial estava pensando nela.

Quando Jethro cambaleou e caiu, o marquês percebeu que havia um único lugar para Saviya em sua vida: o de esposa. Ela não só o tinha salvado pela terceira vez, como havia matado para defendê-lo.

Só então notou que a moça não estava mais a seu lado. Olhou em volta e achou que talvez tivesse ido à procura do reverendo, para não olhar para o cadáver.

O chefe de polícia já se dirigia para a porta. O marquês o acompanhou ao saguão, para dar instruções ao mordomo sobre a remoção do corpo.

Encaminhou-se para a biblioteca. Ao encontrar um dos lacaios, perguntou:

– Onde está a srta. Saviya?

– Ela foi embora, milorde.

Olhou para o homem, surpreso, e dirigiu-se para a porta da entrada. A carruagem do chefe de polícia estava em frente à casa e Hopley conversava com o cocheiro.

Hopley aproximou-se do patrão.

– Onde está a srta. Saviya?

– Saiu de casa há poucos momentos, milorde, e foi no cavalo que eu tinha montado para ir buscar o coronel Spencer. Foi em direção à mata.

– Vá buscar um cavalo para mim — disse o marquês, bruscamente, a um dos lacaios a seu lado.

O rapaz saiu correndo, e Hopley não teve coragem de fazer ao patrão a pergunta que estava em seus lábios. Sabia que qualquer coisa muito grave perturbava o marquês. Com expressão grave, entrou em casa e foi procurar descobrir o que havia acontecido.

Dali a alguns minutos, um cavalição apareceu com o garanhão favorito do marquês.

Sem dizer uma palavra, ele atravessou o parque a galope e dirigiu-se para a mata.

Sentia medo, um medo que parecia uma mão de ferro apertando-lhe o coração.

CAPÍTULO VII

O marquês espicacou o cavalo até chegar à orla da mata, imaginando como poderia encontrar a tribo de Saviya e onde seria mais provável estar o acampamento.

Lembrou que ela havia dito que tinham mudado de lugar, depois que Jethro começara a procurar por ele.

O marquês sabia que cinquenta pessoas não podiam ficar escondidas durante muito tempo, mas a mata era bastante grande e, a não ser que tivesse muita sorte, levaria dias procurando os ciganos.

Sentia que Saviya sempre tinha pretendido deixá-lo, depois que ele sarasse.

A jovem tinha profunda consciência das diferenças sociais entre eles e era bastante inteligente para avaliar as complicações que surgiriam, se houvesse uma ligação duradoura entre os dois.

Saviya era muito sensível. Estavam tão ligados espiritualmente, que o marquês sabia que ela percebia a ansiedade dele em relação aos problemas que uma ligação provocaria. O casamento apresentava ainda maiores dificuldades, não só do ponto de vista dele, como do de Saviya.

Sabia também que ela havia dito a verdade, ao afirmar que uma das coisas mais terríveis para um cigano era ser banido da tribo. Sendo muito unidos e conservando-se longe de outras pessoas, o exílio, para eles, significava o mesmo que a excomunhão para um católico.

O casamento entre um cigano e um não-cigano era desaprovado por todas as tribos.

Saviya tinha contado ao marquês que, em ocasiões excepcionais, um casamento desses não acarretaria o exílio, mas que o faltoso, fosse homem ou mulher, não tinha mais o direito de ser considerado cigano.

— Às vezes, esse ostracismo se estende a toda a família — disse ela.

— Mas é injusto, cruel!

— É pior do que a morte!

Relembrando essa conversa, o marquês compreendeu que o fato de ter dito ao chefe de polícia que Saviya ia ser sua esposa fora o que a afastara dele.

— Eu a amo! — disse ele a Saviya, em certa ocasião, quando ela estava

sentada à porta e ele a olhava da cama.

Viu o brilho do olhar dela, o que a tornava ainda mais bonita. Depois, perguntou:

– O que é o amor, Saviya? Até hoje, eu não soube.

Ela desviou o olhar e ele percebeu, por sua atitude concentrada, que procurava uma resposta séria e sensata.

– Acho que o amor é quando uma outra pessoa significa tanto, que a gente não pensa em si mesma. A gente deixa de existir, porque só a outra pessoa existe. A gente vive por ela e... morreria por ela.

– É assim que sente a meu respeito? Saviya levantou e ajoelhou-se junto à cama.

– Sabe que sim. Só o que quero é que seja feliz.

– Sou feliz, contanto que fique perto de mim.

Apertou-a contra o peito, mas teve a sensação de que Saviya nunca seria completamente sua. Havia uma espécie de barreira entre eles, uma reserva que ele sentia, mas não compreendia.

Mas agora, ali na orla da mata, soube o que era.

Como poderia convencê-la de que nada era mais importante do que seu amor?

Lembrou-se de que, no passado, nunca havia pensado em se apaixonar. Não tinha compreendido, quando Eurydice lhe dissera que o amor é mais importante do que a posição social.

Ela havia renunciado ao título de duquesa, por um americano que levava uma vida muito diferente da dela e com quem nada tinha em comum, exceto o amor.

Não! Ele não tinha compreendido.

Tivera mesmo uma tendência a rir de alguém que ficasse totalmente apaixonado, a ponto de ver sua vida completamente alterada e esquecer o passado, e tudo o que ele significava, por uma emoção inexplicável.

Agora, não ria mais.

Precisava encontrar Saviya. Se, como supunha, os ciganos estivessem se preparando para partir, como a encontraria?

Os ciganos eram nômades, errantes. Séculos de perseguições os tinham ensinado a evitar serem descobertos, desaparecerem no labirinto de florestas e de montanhas, de morros e de vales, tornando quase impossível encontrá-los.

Conduzindo o cavalo com habilidade, o marquês ia passando pelo meio das árvores, até chegar ao lugar onde havia ficado escondido durante três semanas.

Viu, consternado, que o *trailer* não estava mais lá.

Depois pensou que, já que o *trailer* tinha sido levado há pouco tempo, devia haver marcas de rodas.

Examinou o chão, mas não era fácil encontrar marcas, devido à relva e à vegetação rasteira.

Sem desanimar, procurando e procurando, o marquês já cavalgava há quase meia hora, quando, finalmente, chegou a uma clareira.

Achou que devia ser o lugar do acampamento, antes que Jethro tentasse matá-lo e Saviya salvasse sua vida. Havia restos de fogueira, mas só tinham sobrado cinzas.

Não era um lugar que acabasse de ser abandonado, mas um onde as flores silvestres já começavam a esconder o fato de ter sido usado por seres humanos.

Lá, finalmente, encontrou uma pista! A, marca de uma roda!

Percebeu que isso o levaria para mais dentro da mata que ficava na parte sul da propriedade e que, em certos pontos, era quase impenetrável.

— É para lá que os ciganos iriam, se quisessem se esconder — disse a si mesmo.

Acabou descobrindo um caminhozinho de largura apenas suficiente para deixar um *trailer* passar. Seguiu por ele, achando que precisava se apressar, para não perder Saviya para sempre.

Soube, então, com uma dor física e mental, que não poderia viver sem ela. Não era só a beleza da moça que o atraía; na realidade, Saviya fazia parte dele mesmo.

Compreendia agora por que sempre se sentira solitário: não era uma pessoa completa, inteira. Saviya o completava, assim como ele a completava.

Eu a amo! Oh, minha querida, não compreende como a amo? Como pôde fazer isso comigo?

Continuou, sentindo-se às vezes desesperado, como se andasse em círculos e voltasse ao lugar de partida.

De repente, tão de repente que levou um choque, ele os encontrou!

Havia oito *trailers*, na maioria maiores e mais sofisticados do que o de Saviya, e estavam a ponto de partir. Os cavalos já haviam sido atrelados,

alguns ciganos estavam com as rédeas nas mãos, enquanto outros desmontavam as tendas e guardavam alguns objetos nos *trailers*.

Conversavam na língua deles, mas calaram-se, assim que o marquês apareceu.

Ele puxou as rédeas, e vários rostos morenos, de olhos escuros e desconfiados, viraram-se para o seu lado.

Era uma gente bonita, de maçãs do rosto salientes, olhos e cabelos pretos. Pareciam mais russos do que quaisquer ciganos que já tinha visto.

Havia muitas crianças, assim como várias mulheres de lenço vermelho na cabeça e enormes brincos de ouro.

O marquês fez o cavalo se aproximar um pouco mais.

— Quero falar com o *voivode* — disse ele.

O homem a quem se dirigiu apontou para o outro lado da clareira.

Quando foi para lá, o marquês viu um *trailer* mais sofisticado e diante dele, um homem alto, que conversava com Saviya e não notou o recém-chegado.

O homem o viu primeiro, e Saviya virou-se. O marquês viu surgir no rosto da moça uma expressão de alegria. Depois, essa expressão desapareceu, como se uma nuvem encobrisse o Sol.

O marquês apeou.

O *voivode* era quase tão alto quanto ele e qualquer pessoa teria percebido, por suas roupas e sua atitude, que era um chefe. Usava paletó azul e botas de cano muito alto. No colete curto havia botões dourados. À volta do pescoço, uma corrente de ouro, com vários berloques.

O marquês tinha ouvido Saviya falar do bastão do *voivode*, chamado *bare esti robli rupui*, a última relíquia do cetro de um rei. Era todo de prata e o bastão tinha um enfeite de franjas vermelhas. No bastão estava gravado *semno*, o autêntico “signo” dos ciganos, com as cinco figuras rituais.

O marquês estendeu a mão.

— Sou o marquês de Ruckley e creio que o senhor é o pai de Saviya.

— Eu o esperava.

— Mesmo assim, ia partir?

Olhou para a moça e viu em seu olhar uma expressão súplice, como se quisesse que ele compreendesse por que ela lhe fugira.

— Que deseja de nós? — perguntou o chefe da tribo. — Somos gratos por sua hospitalidade. Mas é hora de partirmos.

– Vim pedir sua permissão para casar com sua filha Saviya.

– O senhor casaria com ela?

Não havia surpresa na voz do *voivode*. Apenas olhou para o marquês, como se quisesse conhecer seu caráter e sua personalidade para poder encontrar a resposta àquela pergunta.

Tinha uma dignidade que fez com que a pergunta não parecesse uma impertinência; apenas, a avaliação de um homem em relação a outro, sem idéia de casta ou de classe social.

– Não! – disse Saviya, antes que seu pai continuasse. – Não! Não pode ser!

Bruscamente, em tom autoritário, o *voivode* falou com ela em romani.

O marquês não entendeu, mas o sentido era óbvio. O pai a estava censurando, dizendo que não devia falar fora de hora. Saviya abaixou a cabeça.

– Desculpe, pai.

– Vamos discutir isso – disse o *voivode* ao marquês. – Saviya, quero que ouça o que tenho a dizer.

Virou-se para falar com a tribo.

Evidentemente, estava dizendo que não iam partir, por enquanto, pois os homens que olhavam com curiosidade o encontro de seu chefe com o marquês se afastaram e foram desatrear os cavalos. As mulheres começaram a acender de novo o fogo.

O *voivode* levou o marquês para seu *trailer*. Saviya trouxe uma cadeira e colocou-a junto da escada. O *voivode* sentou nos degraus, a moça na grama e o marquês na cadeira.

Ela estava de cabeça baixa, olhando para a relva. Apesar de muito bonita, parecia tristonha, e o marquês desejou abraçá-la.

Um cigano aproximou-se, com copos de vinho. Era tinto e de boa qualidade. Gom certeza, os ciganos o tinham trazido de alguma de suas viagens pela Europa.

Agora que estavam fora do alcance dos ouvidos dos outros membros da tribo, o *voivode* disse, em tom grave:

– O senhor quer casar com Saviya?

– Sim, quero que ela seja minha esposa.

Percebeu que a moça tinha estremecido, embora continuasse de olhos baixos.

– Eu sabia que seria esse o destino de Saviya – disse o pai, lentamente.

O marquês fitou-o, surpreso. Não esperava semelhante resposta.

O *voivode* era um belo homem, de uns cinqüenta anos. Tinha um rosto magro, de maçãs salientes, e devia ter sido muito bonito, quando moço. Mesmo jovem, devia ter tido um ar de autoridade: um homem nascido para comandar.

– Saviya deve ter-lhe explicado que os membros da Kalderash não são apenas ferreiros, mas têm também conhecimento de magia. Foi esse conhecimento que me guiou até aqui.

– Quer dizer que soube, por clarividência, que Saviya e eu nos encontraríamos e nos apaixonaríamos?

– É uma maneira simples de se expressar.

– Então tenho sua permissão?

– Primeiro, há uma coisa que desejo lhe contar. Uma coisa que pretendia dizer a Saviya, quando ela fosse casar.

A moça levantou a cabeça. O marquês notou sua surpresa. O *voivode* continuou:

– O senhor nada sabe a respeito de nossa raça, mas deve ter sabido, por minha filha, que nenhuma moça cigana teria licença de se comportar como ela se comportou nas últimas semanas; primeiro, indo à sua casa para ler seus livros; depois, ficando constantemente em sua companhia.

– Eu não compreendi, pai.

– Permiti esse comportamento, Saviya, porque sabia que era sua única oportunidade de encontrar um marido. Se não fosse assim, você continuaria solteira!

Ela estava perplexa. O marquês ouvia, atentamente.

– Tenho uma história para contar – disse o *voivode*.

Via-se claramente que ele dominava a língua inglesa, de um modo que o marquês não teria esperado de um cigano, nem mesmo de um chefe de tribo. Talvez fosse o sangue húngaro que o tornasse não apenas eloqüente, mas capaz de expressar-se com a cultura de um homem que levara uma vida muito diferente da dos ciganos comuns. A verdade é que houve magia na maneira com que ele contou sua história, a ponto de fazer com que parecesse tão real.

Zindelo era filho do *voivode* da tribo Kalderash, na Hungria, e aquela

tribo particular estava sob a proteção dos nobres húngaros. Sua música lhe dava prestígio e a tribo era muito respeitada.

Eram ricos e aceitos como parte da comunidade, e Zindelo, considerado um dos rapazes mais atraentes do país.

Grandes damas lhe sorriam, mas ele tinha muito orgulho de seu sangue cigano e não iria procurar o amor fora de sua tribo.

Aos vinte e um anos, ainda não tinha encontrado uma moça com quem quisesse casar e não seguia os conselhos do pai para se acomodar na vida.

O czar da Rússia mandou alguns bailarinos de São Petersburgo para o teatro particular do nobre em cujas terras os ciganos estavam acampados. Foi providenciada uma grande festa em homenagem a eles e, quando chegaram, a sociedade húngara se reuniu para vê-los dançar.

A maioria dos bailarinos era do Bale Imperial, mas o czar incluía no grupo vários ciganos famosos na Rússia. Entre eles, havia uma jovem dançarina chamada Tekla. Ela e Zindelo imediatamente se apaixonaram.

Casaram e a moça não voltou para São Petersburgo. A tribo vagueou pela Hungria, Romênia e Áustria, pois havia muita coisa que Zindelo (que agora era o *voivode*) queria mostrar à esposa.

Quando estavam na Alemanha, sofreram perseguições e ele resolveu então visitar a Inglaterra.

Foram até a costa e encontraram um navio que ia partir para Aberdeen. Uns trinta membros da tribo, em geral rapazes com espírito de aventura, resolveram visitar a Escócia e depois voltar para o continente, tendo antes viajado pelo Sul da Inglaterra. Parecia uma grande aventura, mas, infelizmente, a travessia foi má.

Fazia três anos que Zindelo e Tekla estavam casados e uma filha que eles tinham tido antes de sair da Hungria estava com quinze meses.

As crianças ciganas são reconhecidamente fortes, mas o bebê Saviya ficou doente durante a viagem, assim como a mãe.

O navio quase afundou. Embora Zindelo tivesse achado interessante observar a tempestade, compreendeu que a esposa, que nunca tinha viajado por mar, ficasse perturbada, não apenas por sentir enjôo, como por ver a filha doente.

Quando chegaram a Aberdeen, Tekla estava passando mal. Sensível, de temperamento nervoso, seu sangue russo fazia com que fosse propensa à

melancolia. Quando pisaram solo escocês, Zindelo estava terrivelmente preocupado por causa da esposa e da filha.

A menina não tinha comido nem bebido, durante a viagem, e estava agora magra e muito fraca. Tekla, além de desesperada, tinha febre.

Acamparam não muito longe do mar. O tempo estava frio, mas era revigorante. Logo os membros da tribo se recuperaram e começaram a se interessar pelo que havia à sua volta. A caça era abundante e a carne, cozida numa fogueira de turfa, logo os tornou alegres, a ponto de começarem a dançar e a cantar.

Mas Tekla e o bebê pioravam.

— Certa noite, eu estava sentado ao lado de minha tenda, desesperado — disse o *voivode*. — Então, um membro da tribo veio me dizer que havia uma mulher que queria falar comigo... Ela estava protegida pela escuridão das árvores, longe do reflexo da fogueira. Quando me aproximei, vi que era idosa, de feições fortes.

— Há uma coisa que quero lhe dizer — falou a mulher. — Mas não desejo que nos ouçam.

Os dois se afastaram para uma parte ainda mais escura. Zindelo perguntou:

— Que aconteceu?

Achava que ela talvez quisesse saber sua sorte. Em geral, é para isto que os ciganos são procurados, nos lugares aonde vão.

— Há muitos anos que conheço os ciganos — disse a mulher. — Sejam quais forem seus defeitos, são bons para as crianças e pais. Quero que fique com esta menina e a crie como se fosse sua filha.

Zindelo já tinha recebido pedidos estranhos, mas aquele era extraordinário. Explicou:

— Sinto muito, mas somos ciganos. Não queremos os filhos dos outros e não roubamos crianças, apesar do que dizem de nós.

— Se não ficar com esta criança, ela morrerá — disse a escocesa.

— Mas o que há com ela?

— Há uma pessoa que quer matá-la. O chefe da tribo fitou-a, incrédulo. A mulher continuou:

— É a pura verdade. Esta criança pertence a um nobre, mas a mãe da coitadinha morreu e o pai casou novamente.

Falava com tanta sinceridade, que Zindelo soube que estava dizendo a

verdade.

— E quem quer matar a criança?

— O patrão casou de novo. Aquela mulher estava disposta a pegá-lo, antes que minha patroa tivesse esfriado na sepultura — disse a escocesa, com tom venenoso. — Agora, ela teve um filho prematuro. É uma menina, e o médico disse que não pode ter mais filhos.

— E isso é alguma tragédia? ;— perguntou o cigano, brincando. — O mundo está cheio de mulheres.

— Na Escócia, quando não há filho homem, uma filha mulher é a herdeira. A filha mais velha.

Zindelo começou a perceber o que a mulher estava dizendo. Perguntou, quase sem poder acreditar naquilo:

— Quer dizer que a nova esposa de seu patrão pretende matar essa criança, para que a filha seja a herdeira?

— Estou certa disso. Hoje à tarde, encontrei-a no quarto das crianças, com um travesseiro na mão. Se eu não tivesse entrado naquela hora, teria asfixiado a pobrezinha, no berço.

— É muito triste, mas, infelizmente, nada posso fazer. Se eu ficar com a filha de um *gorgio*, vão dizer que foi roubada. Não percebe o problema que haverá?

— Por favor! Por favor, dê uma chance à menina! Eu não a teria trazido aqui, se alguém não me tivesse dito, ainda ontem, que ela é morena como uma cigana. Leve-a, por favor. Quem vai notar mais uma criança no acampamento?

Enquanto falava, a babá tirou o xale que cobria o rosto da menina. Zindelo viu que tinha cabelos escuros. Olhou-a penalizado, lamentando que fosse morrer. Mas não havia o que ele pudesse fazer. Nisto, ouviu um grito, vindo de sua tenda.

O marquês ouvia atentamente. O *voivode* continuou:

— Corri, sabendo que era minha mulher que me chamava. Ela estava sentada na cama, delirante. Peguei-a nos meus braços e perguntei por que estava tão nervosa.

— Tive um sonho! Sonhei que Saviya... tinha morrido!

— Ela gritou essas palavras — continuou o *voivode*. — Peguei uma poção feita de ervas por uma das mulheres da tribo. Ela bebeu e pareceu se acalmar. Mas insistia *em* que eu tomasse conta de Saviya. Ajeitei a cabeça de

minha mulher sobre os travesseiros. Ela fechou os olhos. Fui então olhar o berço de nossa filha. A menina tinha morrido!

O marquês notou que Saviya estava imóvel. Tinha os olhos fixos no rosto do *voivode*.

O homem contou ainda que tinha ficado desolado, sem saber como dar a notícia à esposa, que já estava mentalmente perturbada com tanta ansiedade a respeito da filha.

— Eu soube, então, que o destino me dava a resposta. Voltei para junto da babá escocesa.

— Vocês trocaram os bebês! — exclamou o marquês.

— A mulher trocou as roupas das duas crianças, repetindo que havia muito pouca diferença entre elas. Ambas eram muito miudinhas. Ambas tinham cabelo escuro.

— Sua mulher não notou a diferença?

— Ela ficou doente durante muito tempo. Achei que não era prudente continuarmos na Escócia e partimos imediatamente para o Sul.

O homem respirou fundo, lembrando de como tinha ficado aflito por sair da Escócia.

— Saviya, a nova Saviya, nunca saiu dos meus braços, e ninguém na tribo soube que não era a mesma criança que tinha atravessado o canal. Quando voltamos para o continente, eu quase havia esquecido da outra menina, que morreu porque fui bastante tolo para levar minha tribo para a Escócia, em vez de ficar na Europa.

— Então... não sou sua filha! — murmurou Saviya, em voz trêmula..

— Não de sangue. Mas sabe que sempre estive no meu coração.

Saviya estava muito pálida.

— Não posso acreditar... Não posso admitir que eu não seja...cigana.

— Agora, compreende que eu nunca poderia deixar que casasse com um cigano. Nosso sangue tem que permanecer puro e, embora eu a tenha adotado para salvar sua vida e a sanidade de minha mulher, todos os meus instintos eram contra permitir que você, uma *gorgia*, casasse com um de nós.

— Ainda sente isso a meu respeito... depois de todos esses anos... em que vivi com você?

— Conhece nosso código — respondeu o *voivode*, com simplicidade.

O marquês nada disse. Queria tranquilizar Saviya, mas ao mesmo tempo compreendia que aquilo devia ter sido um choque e que, no momento,

ele era um estranho.

O *voivode* disse, agora em tom diferente, como se quisesse afastar o passado:

— O senhor quer casar com Saviya. Como não posso insultar minha tribo deixando que saibam que foram enganados, peço-lhe que o casamento seja feito de acordo com as leis ciganas. Para que isso se torne possível, farei, se o senhor o permitir, que seja meu irmão de sangue.

— Já ouvi falar dessa cerimônia.

— Não é muito comum e não é universalmente aceita. Mas, neste caso, como não devo perder o respeito dos meus nem a autoridade que me pertence por direito, eu o apresentarei à tribo. Depois, será realizado o casamento.

Olhou para Saviya, com um leve sorriso, e acrescentou:

— Antes do casamento, há, naturalmente, certos preparativos a serem feitos. Pode ir embora, milorde, e voltar à tarde.

— Sei que faz parte da tradição o noivo não só dar uma quantia em dinheiro para a família da noiva, como contribuir para a festa após a cerimônia. Espero que permita que eu faça isso.

— Tem permissão! — disse o *voivode*, inclinando a cabeça.

— Então, sugiro que dois ou três de seus homens esperem na orla * da mata. Isso permitirá que meus criados os encontrem. E sugiro

que, na hora de minha volta, alguém me espere, para me acompanhar. Tive grande dificuldade para encontrá-los.

— Será feito. Agora, enquanto converso com meus homens, pode ficar a sós com Saviya por dois minutos. Mas não mais do que isso. É contra nossos costumes!

— Afastou-se e Saviya se levantou.

— Não posso acreditar no que meu... pai contou! — disse, com ar infeliz. — Sou cigana! Sempre fui cigana!

— Acho que ambos sabemos que ele estava falando a verdade. Não tenha medo, querida. Tudo vai dar certo! A única coisa que importa é que temos um ao outro.

— Você ainda... me quer?

— Precisa perguntar? — Por um momento, pareceu que estavam muito próximos, como se ele a segurasse nos braços. — Eu a amo. Lembre apenas disto: que eu a amo e que hoje à noite você será minha esposa.

Beijou a mão de Saviya e dirigiu-se para o ponto onde estava seu cavalo, seguro pelas rédeas por um dos ciganos.

Quando já se afastava do local, ouviu a voz do *voivode* chamando seu povo, para dizer que, naquela noite, Saviya ia casar com um *gorgio*.

Eram quase seis horas, quando o marquês atravessou o parque, em sua carruagem.

Os ciganos tinham lhe indicado um caminho mais rápido, até a estradinha feita pelos lenhadores.

Estava vestido tão elegantemente como se fosse a uma recepção em Carlton House. Sua gravata larga, artisticamente atada por Hobley, era de um branco de neve. Uma corrente de ouro pendia do bolso do colete, sobre as pantalonas cor de champanhe.

Esteve muito ocupado, desde que saiu do acampamento, de manhã, escrevendo inúmeros bilhetes que mandou para Londres, pelos criados.

Um dos bilhetes era para Charles Collington, contando-lhe que Jethro tinha morrido. Sabia perfeitamente que seu amigo Charles devia estar profundamente perturbado com seu desaparecimento e que ia ficar muito satisfeito por saber que Jethro não representava mais uma ameaça.

Depois o marquês foi para a biblioteca, conversar com o reverendo.

Mandou uma grande quantidade de comida para o acampamento e várias caixas de champanhe, embora achasse que os ciganos deviam preferir o rico vinho tinto ao qual estavam habituados.

Foi com uma sensação de intensa felicidade que se dirigiu para a mata. Não estava mais preocupado com os problemas à sua frente. Não sentia apreensão em relação ao futuro. Só podia pensar em Saviya, em sua beleza, sua meiguice, seu amor.

Sabia que, embora muitas mulheres o tivessem amado, o que haviam sentido por ele em nada se comparava com o encantamento que via no olhar de Saviya, nem com a emoção que ela demonstrava quando a beijava.

— Vou fazê-la feliz! — disse a si mesmo.

Quando chegou à beira da floresta, dois ciganos o esperavam. Eram jovens, de cabelos escuros, olhos vivos, parecendo, à sua moda, deuses gregos. Estavam vestidos de maneira diferente de como o marquês os vira no acampamento, de manhã. Agora, usavam faixas vermelhas na cintura e na cabeça. Tinham brincos de pingente e, enfiados nas faixas, punhais de cabos incrustados de pedrarias.

Guiaram a carruagem do marquês floresta adentro e depois o convidaram a descer. Queriam que ele fizesse o resto do trajeto a pé, para que seus criados levassem a carruagem para casa e não presenciassem o que ia acontecer.

O marquês deu uma ordem e a carruagem partiu. Depois, ladeado pelos ciganos, andou até o acampamento.

Havia uma grande fogueira acesa no meio do mesmo, com os *trailers* à volta, formando um círculo, com exceção do de Saviya, que estava separado e enfeitado com flores e folhagens.

Os ciganos estavam agrupados em torno do *voivode*, que parecia ainda mais magnífico, com um paletó de botões de ouro e um colar cheio de pedrarias. Tinha na mão o bastão incrustado de pedras. Saviya estava a seu lado.

Usava um vestido não muito diferente do que usara ao dançar para *sir Algernon*, mas agora o enfeite de cabeça era uma coroa de ouro e pedras preciosas. Havia também pedras nos colares e nas pulseiras, e a saia era ricamente bordada. Da coroa pendiam fitas coloridas em cada lado do rosto, como um véu.

O marquês adiantou-se lentamente para o chefe, enquanto Saviya olhava para o chão, de cabeça baixa.

Mais cedo, o marquês tinha mandado, como sabia ser o costume, uma cestinha cheia de moedas de ouro, que agora estavam numa mesinha ao lado do *voivode*.

Quando chegou perto do chefe, este disse, em voz alta:

— Você pediu para casar com minha filha, que faz parte desta tribo e é cigana.

— Pedi sua permissão para isto — disse o marquês, achando ser a resposta que esperavam dele.

— Não posso dar minha filha a um *gorgio*. Mas, está você preparado para se tornar um de nós, tornar-se de fato meu irmão, porque meu sangue é o seu e o seu é o meu?

— Eu me sentiria honrado.

O chefe traduziu essas palavras na língua dos ciganos. Depois, pegando a mão do marquês fez em seu pulso uma pequena incisão, com uma faca de cabo de pedrarias.

Quando o sangue apareceu, ele cortou o próprio pulso da mesma

maneira e comprimiu-o contra o do marquês, para que o sangue de ambos se misturasse.

Enquanto fazia isso, o *voivode* proclamava o novo relacionamento entre eles, dizendo que, dali em diante, o marquês devia viver de acordo com a lei cigana.

Terminada a cerimônia, Saviya aproximou-se. Ela e o marquês ficaram de frente para o chefe, o noivo à direita e a jovem à esquerda, de mãos dadas.

O chefe da tribo disse umas palavras na língua romani e um de seus homens se adiantou, entregando-lhe um buquê feito de galhos.

— Estes galhos são de vários tipos de árvores — disse o chefe ao marquês.

Depois, voltando à língua romani, fez um passe mágico, quebrou os galhos um a um e atirou-os para o ar.

-- É esse o sentido do laço matrimonial. É errado quebrarem seu juramento matrimonial e errado quebrarem os votos que fizeram um ao outro, até que a morte os separe — disse aos noivos. Fez uma ligeira pausa e continuou: — Como marido e mulher, têm que dar e partilhar. Vá, Saviya, buscar pão, sal e água.

Saviya foi até o seu *trailer* e trouxe uma cesta com pão, um saquinho de sal do mar e uma jarra de barro cheia de água. Colocou o pão e o sal na mesa ao lado do *voivode* e, erguendo a jarra, convidou o marquês a beber.

Também ela bebeu. Depois o chefe pegou a jarra e quebrou-a aos pés dos noivos. Disse:

— Tantos quantos os pedaços que aqui estão serão seus anos de felicidade juntos. Cada um deve guardar um pedaço. Conservem-no com cuidado. Só se o perderem é que a infelicidade e a solidão cairão sobre vocês.

— Jamais perderei o meu, querida — disse o marquês a Saviya, em voz baixa.

Ela fitou-o, enlevada.

O chefe pegou de novo a faca de cabo cravejado de pedrarias e segurou a mão direita do marquês. Saviya estendeu a mão esquerda.

O chefe feriu os pulsos de ambos bem de leve, apenas para que o sangue saísse, depois os juntou e prendeu-os com um cordão, dando três nós.

— Um nó para a fidelidade, outro para a fertilidade e o terceiro para que tenham uma longa vida.

O chefe cortou dois pedaços de pão, salpicou-os de sal e deu-os aos

noivos.

Os dois comeram e, em seguida, o chefe tirou a corda que prendia seus pulsos.

— Guardem os cordões. Eles farão com que lembrem que estão unidos um ao outro para sempre e que jamais poderão ser separados.

Quando terminou de falar, os ciganos à sua volta aplaudiram. No mesmo momento, a música começou; música alegre, selvagem, de violinos e de outros instrumentos que o marquês tinha ouvido antes, quando Saviya dançara.

O chefe levou os dois para perto da fogueira, onde havia uma porção de almofadas e assentos cobertos por tapetes.

Os homens sentaram, mas as mulheres estavam ocupadas em servir o festim.

Tudo que o marquês tinha mandado era diferente do que eles estavam habituados a comer. Havia ali assados tão deliciosos, que sentiu não poder convidar seu cozinheiro para prová-los. Havia também muitos doces, de origem russa e persa, à base de mel e nozes. O vinho que ele mandara foi servido em taças de ouro incrustadas de ametistas, turquesas e cornalinas.

— Foram feitas por nós — disse o chefe da tribo.

— Não é perigoso viajar com coisas tão valiosas? — perguntou o marquês.

O chefe riu.

— Um homem teria que ser muito corajoso para atacar os ciganos, a não ser que tivesse um pelotão de soldados a seu lado.

O marquês olhou para os punhais de cabos cravejados de pedras e achou que, de fato, havia razão para deixarem os ciganos em paz.

Comeram e beberam e, ao passo que os homens conversavam uns com os outros, as mulheres falavam muito pouco e Saviya estava silenciosa.

Ele beijou-lhe a mão.

Sentiu que ela estremeceu, mas continuou silenciosa. Era difícil conversar, porque os ciganos cantavam. As vozes, melodiosas e emocionantes, punham estranhas vibrações no ar.

Escureceu e as estrelas surgiram no céu. A Lua movia-se lentamente ...

O brilho das chamas da fogueira, a música vibrando na floresta, aquele povo estranho, de maçãs do rosto salientes, o canto... tudo isso era um espetáculo que o marquês achou que jamais ia esquecer.

Finalmente, as mulheres começaram a dançar.

Não eram tão graciosas nem tão etéreas como Saviya, mas, mesmo assim, muito boas dançarinas.

As danças eram, em geral, russas. Às vezes, lentas, sensuais, bonitas como cisnes movendo-se nas águas prateadas de um lago. Outras vezes eram animadas, excitadas, e o marquês sentiu o coração acelerar como se também ele estivesse dançando.

A música se tornou mais selvagem, as vozes, mais altas; os violinos pareciam fazer parte da noite. Depois, o *voivode* se levantou.

— Agora, podem ir — disse ao marquês Saviya estendeu os braços para ele.

— Será que vou tornar a vê-lo? — murmurou.

— É pouco provável. Mas você estará no meu coração e no meu pensamento, como sempre estive.

Abraçou Saviya por um momento. Depois, soltou-a, tirou os braços dela do pescoço e entregou-a ao marido.

— É sua. Proteja-a.

— É o que farei.

Os dois homens trocaram um aperto de mão e Saviya levou o marquês para seu *trailer*.

Dois cavalos brancos tinham sido atrelados a ele. O marquês sentou no banco da frente, ao lado dela. Mas não havia rédeas; os cavalos eram conduzidos por ciganos.

Os que tocavam violino iam na frente, seguidos por mulheres que carregavam objetos que pareciam cestas e trouxas.

O *trailer* partiu e, quando ia desaparecer em meio às árvores, o marquês olhou para trás e viu o *voivode* sozinho, junto à fogueira, no acampamento deserto. Estava apoiado em seu bastão e parecia muito distinto e, ao mesmo tempo, muito solitário — um rei numa pequena comunidade, mas, mesmo assim, um rei.

A procissão seguiu por entre as árvores, mas estava escuro demais para o marquês ver o caminho. Finalmente, pararam.

Os cavalos foram desatrelados. Ainda sentados no *trailer*, o marquês e Saviya viram as mulheres acenderem uma pequena fogueira.

As que tinham carregado trouxas as colocaram embaixo de uma árvore, fora do alcance das chamas.

Puseram cobertas sobre as trouxas e espalharam nelas pétalas de flores que estavam nas cestas. Eram de todas as cores: vermelhas, cor-de-rosa, brancas, alaranjadas, amarelas e roxas.

Então, as mulheres começaram a dançar em volta da fogueira, a princípio lentamente, depois de maneira quase selvagem.

À luz do fogo, os vultos tinham uma beleza estranha e primitiva. Depois, ao som de violinos, elas se embrenharam na floresta.

Os músicos foram os últimos a partir.

Saviya pulou da carruagem e aproximou-se da fogueira. O marquês seguiu-a.

As últimas notas dos violinos pareciam pairar no ar. Depois, silêncio.

Em voz baixa, Saviya disse:

— Você notou que... eles não olharam para mim? Não querem mais... falar comigo.

Parecia tão infeliz, que ele a tomou nos braços. Não usava mais a coroa de ouro e pedrarias, e seus cabelos roçaram o ombro do marquês. Acariciou-os, suavemente.

— Não sou ninguém! — murmurou ela. — Não sou nem mesmo... uma feiticeira!

— É minha mulher e me enfeitiçou, Saviya, desde o primeiro momento em que a vi. Fiquei preso por seu encantamento e nunca mais poderei escapar.

Ela suspirou. Ergueu o rosto para o marquês; ao luar, seus olhos eram escuros e misteriosos.

— Tem certeza de que isto é... suficiente? Tenho tão pouco para lhe dar. Agora nem mesmo me conheço.

— Mas eu a conheço. Sei que é tudo o que desejo numa mulher, tudo o que desejo em minha esposa. É tudo o que vou amar, adorar pelo resto de minha vida.

Ela estremeceu e ele a beijou suavemente, apertando-a contra o coração.

Quando sentiu que despertava a mesma chama que o consumia, seus lábios se tornaram cada vez mais exigentes. Beijou-a loucamente, com uma alegria indescritível, até que foi impossível pensarem em outra coisa, a não ser que eram uma pessoa só.

A Lua subia no céu, acima das árvores, e as brasas da fogueira ainda

tinham um brilho rubro. Eles deitaram no chão, sobre a manta coberta de pétalas de flores, e nada mais se ouviu, a não ser o murmúrio do amor deles, um grande amor...

CAPÍTULO VIII

O marquês levantou-se de mansinho, para não acordar Saviya.

Dormindo, ela parecia muito moça, e ele percebeu, por sua expressão, que estava muito feliz.

Fitou-a e achou que não podia haver no mundo criatura mais bela, a pele de marfim, os cabelos de um preto azulado caindo sobre o travesseiro e os ombros nus.

Tinham ido para o *trailer* pouco antes do amanhecer. Uma brisa ligeira havia perturbado o calor da noite e agitado as folhas das árvores.

Fora uma noite de encantamento, como jamais o marquês julgou possível.

Havia magia no luar, fazendo com que Saviya parecesse etérea e. ao mesmo tempo, também uma sereia.

Quando a intensidade do desejo os levou ao auge do êxtase, eles não eram mais seres humanos, e sim, deuses.

O marquês vestiu o roupão comprido que Hobley lhe tinha trazido quando estava doente e saiu. O sol iluminava a clareira. Percebeu que não vinha a essa parte da floresta desde menino. Um pouco distante do *trailer* havia uma lagoa cercada de árvores. Chorões pendiam sobre a água, suas folhas de um tom dourado contrastando com os abetos escuros e os vidoeiros prateados. Rainúnculos e íris silvestres tinham um brilhante tom amarelo; o musgo e o líquen sob as árvores eram cor de açafrão e de jade.

Hobley tinha acendido a fogueira, que se apagara durante a noite. Um pouco adiante, no chão, estava a manta coberta de pétalas de flores, que lhes servia de leito, na véspera. No meio das pétalas, os colares que o marquês havia tirado do pescoço de Saviya.

— Bom-dia, Hobley.

— Bom-dia, milorde.

— Teve dificuldade em nos achar?

— Levei um pouco de tempo, mas trouxe o seu vinho. Está esfriando, na lagoa.

— A água está fria?

— Está fresca, milorde.

— Então, acho que vou dar um mergulho. Foi até a lagoa, tirou o roupão e caiu na água, achando-a fresca, revigorante e não fria demais.

Depois de nadar, Hobley lhe fez a barba e, em seguida, voltou para a mansão.

O marquês ficou durante algum tempo sentado, olhando o fogo, e depois foi para o *trailer*.

Sentou na beirada da cama baixa e ficou observando Saviya, que ainda dormia. Mas logo ela abriu os olhos. Não podia haver dúvida quando à sua felicidade. Quando o marquês se inclinou para beijá-la, ela pôs os braços em volta do pescoço dele.

— É verdade! — murmurou. — Ontem à noite, tive medo de que fosse um sonho... maravilhoso!

— Foi maravilhoso para você querida?

— Foi uma felicidade incrível. Nunca pensei que o amor pudesse ser tão perfeito.

Tornou a beijá-la. Depois, quando percebeu que ela lhe correspondia, beijou-a com mais ardor, até que tudo foi esquecido, exceto a necessidade que tinham um do outro...

Muito tempo depois, Saviya aproximou-se da fogueira.

— Deve estar faminto. Nenhuma mulher que se preze devia deixar o marido passar tanto tempo sem comer.

— Eu estava com fome de outra coisa menos material — disse ele, e sorriu, ao vê-la corar.

Ficou ocupada, cozinhando, mas percebeu que o marido a observava: usava apenas uma camisola de seda.

— Você me encabula.

— Gosto de vê-la encabulada.

Ela o serviu e, depois que comeram, ia tirar as panelas e os pratos.

— Deixe isso para Hobley, Saviya. Quero você. Ela sorriu de um modo provocante.

— Está mandando em mim?

— Claro! Está me desafiando?

— O que faria, se eu o desafiasse?

— Eu a levaria para uma das masmorras do meu castelo e a torturaria, até você se entregar completamente e sem restrições. Eu a amo até a loucura, querida, mas sou seu senhor.

Encarou-o, sem saber se ele falava sério ou não.

— Venha cá, meu bem — disse o marquês.

Saviya correu para os braços dele, como criança que procura segurança. Ficaram durante muito tempo tomando sol, falando deles e do amor que sentiam.

Mais tarde, quando fez calor, o marquês convenceu Saviya a ir nadar na lagoa.

Enquanto ela nadava, ele achou que não podia haver nada mais bonito do que aquele corpo branco nas águas prateadas. Ela parecia fazer parte das árvores, das flores, da floresta, enfim. Quando finalmente saiu, a água brilhando em seu corpo como gotas de orvalho, o marquês a abraçou com força, como se tivesse medo de perdê-la.

— Estou convencido de que você é uma ninfa da floresta. Se não a segurar, vai desaparecer com a neblina da manhã, e nunca mais poderei encontrá-la.

Ela passou os braços em volta do pescoço do marido. Beijaram-se com ardor, e depois ele a pegou no colo e levou-a para o leito improvisado, onde tinham passado a noite.

A tarde caía, quando o marquês disse:

— Precisamos ir, querida.

— Ir? Ir para onde?

— Para casa. Vamos casar.

— Já somos casados!

— Estamos unidos para sempre, bem sei. Mas, ao mesmo tempo, quero casar com você de acordo com a lei inglesa, Saviya, e receber as bênçãos da Igreja... Da minha Igreja, que espero, um dia, seja também a sua.

Ela ficou em silêncio durante um momento, de cabeça baixa, como que à procura de palavras.

— Como você sabe, a cerimônia de ontem, quando misturamos nossos sangue, é sagrada para mim e nos une de uma maneira que significa que lhe pertencço e jamais poderei pertencer a outro homem. Para você é diferente?

— Não há diferença.

— Há, sim. Você não reconhece a lei cigana, que para mim é sagrada, embora eu não seja mais cigana. Devido à sua posição e à sua importância, é melhor que seja livre para, se quiser, casar com uma mulher de sua classe.

— Você é da minha classe! Ambos somos bem-nascidos. Sempre

acreditei nisso, mesmo antes de o *voivode* nos contar sua história. Pegou o queixo de Saviya, obrigando-a a fitá-lo. — Esqueceu que, quando foi trocada por outro bebê, o *voivode* ficou sabendo que era filha de um nobre?

— Ainda não tenho um nome... Não sou ninguém! Deixe-me ficar com você, porque sou sua, mas é melhor que eu não seja sua esposa pela lei inglesa, o que obrigaria seus amigos a me reconhecerem, embora me desprezassem.

— Ninguém a desprezará — disse o marquês, com uma nota dura na voz.

— Nunca esquecerei o jeito com que seu primo se referiu a mim. Ele estava apenas dizendo em voz alta o que seus amigos e seus conhecidos iriam dizer de mim, embora talvez tivessem medo de falar na sua frente.

— Já lhe disse e repito que não estou nada interessado no que possam dizer nas minhas costas. Eu a respeito, meu bem. Você é, em todos os sentidos, tudo o que jamais desejei encontrar em minha esposa. — Viu a expressão perturbada de Saviya e continuou: — Não estou disposto a discutir sobre isso. Você obedecia ao *voivode* e vai me obedecer, É minha, querida, e eu é que devo tomar as decisões que vão afetar nossa vida.

— Farei tudo o que você quiser — disse, suavemente. Vendo-a tão meiga e tão submissa, o marquês a abraçou e beijou, até nada mais parecer existir, a não ser eles.

Depois de vestidos, andaram pela mata, até o ponto onde estava a carruagem do marquês. Ele ajudou Saviya a subir e tomou as rédeas do rapazinho que trouxera a carruagem e que pulou para a parte de trás.

A Mansão Ruckley estava muito bonita, ao sol da tarde. As sombras já começavam a se alongar no gramado verde, as flores eram grandes manchas coloridas. A casa brilhava, acolhedora.

A bandeira estava hasteada no telhado. Saviya olhou para ela e sorriu.

— Sua bandeira!

— Nossa bandeira. No alto de nossa casa, minha querida.

— Será que tenho uma parte de uma coisa tão bonita?

— Tudo o que tenho é seu.

— Acho que sempre quis ter uma casa. Talvez fosse um instinto adormecido, ou parte de meu sangue, mas, para mim, lar sempre significou um lugar onde eu pudesse ficar, sem precisar estar sempre mudando. — Sorriu e suspirou. — Talvez eu nunca tenha sido cigana, no coração. Apenas

pensei que fosse. Agora começo a compreender muitas coisas a meu respeito, que antes me deixavam perplexa.

— Quero saber tudo o que sente e tudo o que pensa. Não suporto que qualquer parte de você não seja minha.

— É tudo... seu — murmurou Saviya.

Quando chegaram diante dos degraus de entrada, o marquês desceu e fez uma espécie de reverência. Ajudou Saviya a descer e galgaram a escada de mãos dadas.

Ela estava com o vestido rico com o qual casara. O marquês lhe tinha prendido ao pescoço os colares de pedras preciosas e colocado os brincos. Mas a cabeça estava descoberta, porque a coroa do traje de casamento fazia parte do tesouro da tribo Kalderash e era usada em todos os casamentos da tribo.

— Há três homens à sua espera, milorde — disse Bush, o mordomo, quando eles entraram no saguão. — Estão no salão.

— Visitas?

— Vieram com o capitão Collington, milorde. Chegaram logo depois do almoço e eu lhes disse que o senhor era esperado no fim da tarde.

O marquês sorriu.

— Charles está aqui! — disse ele a Saviya. — Escrevi-lhe, ontem, dizendo que estou vivo! Achei que ele não ia resistir a vir verificar isso com os próprios olhos.

Ainda segurando a mão dela, dirigiu-se para o salão. A porta foi aberta por um dos lacaios, e entraram.

Três homens estavam na outra extremidade e se levantaram imediatamente.

— Fabius, nunca tive maior alegria na vida do que quando recebi seu bilhete! — Collington atravessou o salão, de mãos estendidas. — Você está bem?

— Estou totalmente recuperado, graças a Saviya. Mas foi por um triz!

— Fabius me escreveu que você foi maravilhosa — disse Charles a Saviya, beijando-lhe a mão.

Ela sorriu. Ele continuou:

— Eu e todos os amigos de Fabius lhe estamos profundamente gratos.

Enquanto ele falava, o marquês se dirigiu para os dois homens diante da lareira. Um deles era *sir* Algernon Gibbon, o outro, um senhor que o

marquês nunca tinha visto.

— Ouvi contar a história incrível de como você escapou de ser morto! — disse *st* Algernon. — Quando seu primo Jethro me disse que você tinha caído numa armadilha, na mata, sendo assassinado por Saviya, não acreditei, mas não havia nada que eu pudesse fazer para contestar.

— Felizmente, tudo acabou bem — disse o marquês, como quem não quer discutir o passado. Olhou com ar indagador para o estranho ao lado de *sir* Algernon.

— Quero lhe apresentar o conde de Glencairn, que eu trouxe aqui por uma razão especial — disse *sir* Algernon, pomposamente.

O marquês estendeu a mão, mas viu, com surpresa, que o homem não estava olhando para ele, e sim, para Saviya, que se aproximava, conversando animadamente com o capitão Collington.

O conde fitava-a de maneira tão estranha, que o marquês retirou a mão.

Depois, como se todos percebessem que algo estranho estava acontecendo, houve silêncio, até o conde de Glencairn dizer, com voz embargada.

— É incrível! — Dirigindo-se a Saviya, continuou: — Você é o retrato de sua mãe!

Ela o encarou, de olhos arregalados. Achando que era a ele que competia dar uma explicação, *sir* Algernon disse:

— Saviya, o conde de Glencairn quer ver o seu sinal de nascença, a cabeça de gavião que me mostrou, quando vim aqui, da outra vez.

— Ela não precisa mostrar — declarou o conde. — É minha filha, a que julguei que tinha morrido... isto é, até seis anos atrás, quando vim a saber da verdade, depois que minha segunda mulher morreu.

— Eu... sou... sua filha?

— Sim, é minha filha.

— Então... tenho um nome?

— Tem, sem a menor dúvida. Você é *lady* Conchita McCairn e minha filha mais velha, que pensei que tivesse morrido aos quinze meses de idade. Ao saber que havia sido dada aos ciganos, pensei que a tivesse perdido para sempre.

Saviya estava muito pálida e, como se sentisse medo do que ia ser revelado, pôs a mão no braço do marquês. Ele a amparou e disse, em tom

tranqüilizador:

— Já que é pai de Saviya, senhor, acho que deve ficar sabendo que casamos de acordo com a lei cigana. Agora, quero lhe pedir licença para casar com ela de acordo com a lei deste país.

— Será que vou perder minha filha, quando apenas acabo de achá-la? — perguntou o conde. Mas sorria.

— Como foi que me encontrou? — perguntou Saviya.

— Pode me agradecer por isto — declarou *sir* Algernon, vaidoso. — Quando o marquês e Charles acharam que tinham ganhado de mim mil libras por causa de uma aposta, por terem feito uma cigana passar por uma dama da alta sociedade, eu estava pronto a pagar a dívida.

— Você demonstrou ter muito espírito esportivo — comentou Charles.

— Alegro-me por ter pensado assim. Mas eu tinha certeza de que meu ponto de vista era o certo e que Saviya possuía sangue azul.

— Como podia ter essa opinião? — perguntou o marquês.

— Porque sabia que havia uma família no Reino cujos membros têm, em alguma parte do corpo, a marca da cabeça de um gavião.

— Pensei que isso indicasse que eu era uma... feiticeira.

— Pelo contrário. Depois de refletir, achei que indicava que você era uma McCairn.

— É verdade — disse o conde. — A marca de nascença tem aparecido em várias gerações, não em todos os membros de nosso clã, é claro, e mais nas mulheres do que nos homens. Mas acontece. E em nosso brasão há uma cabeça de gavião.

— Devemos ficar gratos por seu extraordinário conhecimento de genealogia, Gibbon — disse o marquês.

— Quando me lembrei da história da marca de nascença, escrevi ao conde, pedindo para vê-lo. Ele me respondeu que estava para vir a Londres e que me procuraria. Quando recebi essa carta, Jethro tinha anunciado sua morte e havia um mandado de prisão contra Saviya.

— Mesmo assim, eu teria gostado de conhecê-la — disse o conde.

— Felizmente, não precisei aborrecê-lo com essa história, porque, quando procurava uma desculpa por tê-lo trazido a Londres, Charles Collington recebeu um bilhete seu, Fabius, e pude lhe dar boas notícias a respeito da filha, em vez de más.

— Foram realmente notícias muito boas. — O conde dirigiu-se a

Saviya: — Se soubesse o que sofri nos últimos seis anos!

— O senhor nunca desconfiou de que a menina que morreu não era a sua filha? — perguntou o marquês.

— Nunca! Para dizer a verdade, eu estava viajando, na ocasião, e só voltei no dia do enterro, que tinha sido providenciado por minha mulher, a madrastra de Conchita.

— E suponho que a babá lhe contou exatamente o que aconteceu. O *voivode*, chefe da tribo Kalderash, que criou Saviya como se fosse sua filha, nos contou a história.

— Quero conhecer todos os detalhes! — disse Charles. — Quando foi que você e Saviya souberam que ela não era cigana? Há muitas coisas para explicar.

— Há, realmente — concordou o marquês. — Mas, em primeiro lugar, quero fazer uma pergunta.

— Qual?

— Por que Saviya é tão morena? Não se parece a mínima com o senhor.

Os cabelos do conde eram completamente brancos, mas via-se que, em moço, deviam ter tido o tom ruivo claro, comum aos escoceses. Os olhos eram azuis, e a pele, clara. Atarracado, de ombros quadrados, parecia impossível que fosse pai de uma criatura esbelta e delicada como Saviya, de cabelos muito pretos, ainda por cima.

— A explicação é muito simples: minha mulher era espanhola.

— Espanhola! — exclamou *sir* Algernon. — Como é que não pensei nisso?

— Não ocorreu a nenhum de nós — confessou o marquês.

— Minha família sempre possuiu terras na Espanha — — continuou o conde. — Ficaram perto de Segóvia. Quando estive lá, em moço, apaixonei-me por uma condessa encantadora. Casei com ela e levei-a para a Escócia, mas morreu quando nossa filha nasceu.

Fez uma pausa e se dirigiu a Saviya, em voz emocionada:

— Quando a vi atravessando a sala... você poderia ter sido sua mãe. A semelhança é inacreditável.

— Conte-nos a história toda — pediu Charles. — Desde o princípio.

O marquês contou, em breves palavras, o que o *voivode* lhe havia dito na véspera.

— Foi a velha babá de Conchita que me contou a verdade, há seis anos — disse o conde. Dirigiu-se ao marquês: — O que acaba de nos contar coincide com a história dela. — Sorriu para Saviya, que ouvia, de olhos arregalados. — Há apenas uma coisa a acrescentar, que, assim o espero, não irá decepcioná-la, minha querida. É que você não é minha herdeira.

— Por que não, agora que a encontrou? — perguntou Charles, impulsivamente.

— Porque casei pela terceira vez e, há dois anos, minha mulher, que é muito mais moça do que eu, me presenteou com gêmeos. Há, portanto, um McCairn homem para herdar o título.

— Fico satisfeito com isso — comentou o marquês. — Não desejo que minha mulher se preocupe com nenhuma propriedade, a não ser a minha!

Ao dizer isso, olhou para o relógio sobre a lareira e levantou-se.

— O reverendo estará à nossa espera em minha capela, exatamente daqui a meia hora. Creio, senhor, que gostaria de entregar sua filha em casamento. E nada mais agradável podia acontecer do que meu maior amigo ser o padrinho. — Sorriu para Charles, olhou para o outro visitante e continuou: — É agradável também que a testemunha seja *sir* Algernon Gibbon, cujo excepcional conhecimento de características de família permitiu que pai e filha se reencontrassem.

O marquês pegou o braço de Saviya e levou-a até a porta.

— Lá em cima, querida, vai encontrar um vestido branco que encomendei ontem a uma loja de Londres, junto com outras roupas que espero que lhe agradem. São da mesma casa que fez o vestido verde com o qual tentamos, sem resultado, enganar *sir* Algernon.

— Mal posso acreditar que isso seja verdade! — disse Saviya. — Agora, não tenho mais vergonha de ser sua mulher!

— Nunca houve motivo para ter vergonha. Mas, se o fato de saber que descende de nobres escoceses a torna feliz, então também me sinto feliz.

Pegou a mão de Saviya e beijou os dedos, um a um.

— Eu a amo e quero ficar sozinho com você. Solto a mão e subiu a escada.

Era quase meia-noite, quando o marquês dispensou Hobley.

Tinham tido tanto que falar, depois do casamento, tantas coisas a saber de Saviya e do pai, que as horas tinham corrido.

O casamento foi muito bonito.

A capela de Ruckley fora construída na mesma época da casa. Os genuflexórios entalhados e os belos painéis atrás do altar tinham-se conservado os mesmos, através dos séculos. Havia a música suave de um órgão, muito diferente dos gemidos dos violinos e dos outros instrumentos dos ciganos, da cerimônia da véspera.

As velas iluminavam o rostinho de Saviya, coberto por um véu de renda que estava na família Ruckley há séculos. Ela usava uma tiara, colar e brincos de brilhantes. Seu buquê era de lírios brancos.

Estava muito bonita, mas de maneira tão convencional que era difícil acreditar que já a tivessem considerado uma cigana.

O marquês repetiu seus votos com voz firme.

O tom da voz de Saviya foi suave, mas ao mesmo tempo havia nele uma profunda sinceridade que, na opinião do marquês, deu uma nova solenidade ao relacionamento deles.

A conselho do reverendo e para agradar ao conde, Saviya usou seu nome verdadeiro, que lhe tinha sido dado no batismo e que tinha também o nome da mãe.

Mas, como o marquês jamais poderia pensar nela a não ser como Saviya, ela disse:

— Eu, Conchita Saviya, recebo a vós, Fabius Alexander, como meu legítimo esposo...

Na véspera, o marquês não lhe havia dado um anel, mas agora Saviya tinha no dedo o anel da mãe dele, e ele achou que isso os unia ainda mais.

— A notícia sairá em *The Gazette*, depois de amanhã — disse o marquês, com um sorriso. — Depois, não haverá mais dúvidas sobre a mulher com quem me casei. Agora, você tem uma família. Agora, tem raízes. Tem um clã!

— Está querendo me assustar! — disse ela. Mas seus olhos brilhavam.

— Quero apenas que lembre que assumiu muitas responsabilidades. Acabaram-se as peregrinações pelo mundo!

— Se continuar falando assim, vou fugir de você!

— Nunca me deixará, porque sabe que eu não poderia viver sem você. Ficará sempre comigo, Saviya, porque quase chegamos a nos perder. Nunca deixarei que fique longe dos meus olhos.

Ela riu, mas sabia que era verdade. Não apenas quase o tinha perdido, devido às tentativas de morte feitas por Jethro, como também quase fugira

com a tribo, pensando que isso seria o melhor para ele.

Depois do casamento, jantaram, mas foi uma festa muito diferente da véspera. Vieram vários pratos, um atrás do outro, servidos por lacaios de cabeleira empoada, em pratos de prata, com o brasão da família. Houve champanhe, mas agora em taças de cristal, e não em maravilhosas taças de ouro e pedrarias como as dos ciganos, onde tinham tomado vinho, na véspera, ao pé do fogo.

O conde de Glencairn lhes contou histórias do clã de McCairn, de suas lutas e feudos e de sua participação na história da Escócia.

Sir Algernon falou de estranhas marcas de nascença que ocorriam em outras famílias e repetiu inúmeras vezes o quanto estava satisfeito por ter sido o responsável pelo encontro de pai e filha.

Havia muito que falar, coisas interessantes e divertidas. Mas o marquês queria ficar sozinho com Saviya. Lembrou também que no dia seguinte deviam partir para a Espanha.

— É estranho que eu tenha escolhido a Espanha para a minha lua-de-mel — disse ele ao conde.

— Vocês precisam visitar a família de Conchita. Vou lhe dar umas cartas de apresentação, e verá como as mulheres espanholas são bonitas.

— Para ver isso, basta eu olhar para minha mulher.

Tinha sido um dia muito agradável, pensou ele, quando finalmente bateu na porta de comunicação de seu quarto com o de Saviya. Entrou, sem esperar resposta.

O quarto estava escuro, a não ser pela luz das chamas da lareira.

Era de esperar que Saviya tivesse a lareira acesa. O fogo fazia parte da vida dos ciganos, sendo para eles quase um símbolo sagrado.

O calor do dia fora substituído pelo frescor da noite. Lá fora soprava uma brisa fria, de modo que a lareira acesa era uma necessidade.

O marquês atravessou o quarto, e as colunas da cama fizeram com que se lembrasse dos troncos das árvores que os tinham cercado na noite anterior.

Saviya estava sentada sobre uma pele de urso branca, diante da lareira. Tinha tirado as almofadas das cadeiras, colocando-as à sua volta.

Também havia o perfume de flores, mas elas estavam em vasos, nas mesinhas-de-cabeceira. Ele sentiu a fragrância exótica dos cabelos de Saviya, aquele perfume estranho que notara no dia em que a carregara no colo, depois de atropelá-la com sua carruagem.

Ficou olhando para ela, muito alto e bonito, com seu roupão comprido de brocado.

Quando Saviya levantou o rosto, havia um sorriso em seus lábios e uma expressão radiante em seus olhos.

— Está muito bonita, meu amor.

— É assim que quero que você ache que sou.

— Poderia eu achar outra coisa?

A luz da lareira iluminava o rosto de Saviya e o marquês ficou imaginando se poderia haver mulher mais fascinante, mais misteriosa e ao mesmo tempo mais desejável.

Um sopro de vento agitou as labaredas e, lá fora, as trepadeiras bateram na vidraça.

— Há um vento frio, hoje — disse ele, em tom distraído, como se estivesse pensando em outra coisa. — Estou contente porque vamos dormir numa cama. — Tem certeza?

Ele notou que havia nos lábios dela o sorriso irônico que o fascinara desde a primeira vez. Inclinou-se para ajudá-la a levantar-se, mas Saviya pôs os braços em volta do pescoço dele e puxou-o para baixo. Depois, sentiu que os lábios dela buscavam os seus. Beijou-a, apaixonadamente.

Amo você!, queria dizer. Mas foi levado por uma indescritível magia — um encantamento tão ofuscante, tão envolvente, que ambos se perderam numa sensação de êxtase e de felicidade para a qual não havia palavras.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

O JARDIM DO ÉDEN

Lorde Hawkston era bonito e elegante, um verdadeiro cavalheiro. Por isso, Dominica aceitou seu estranho pedido para casar com o sobrinho dele e ir viver numa remota plantação de chá. Se o rapaz fosse parecido com o tio... Mas cada fibra de seu corpo estremeceu de repulsa, quando conheceu o noivo: Gerald era grosseiro, cruel e beberrão. E o misterioso e selvagem Ceilão perdeu todo o encanto para ela. Tornou-se apenas um lugar perigoso, onde leopardos espreitavam seus passos. Como poderia suportar que aquele homem repugnante a tocasse, quando era com os lábios de lorde Hawkston que ela sonhava?